



# CAMMAN

CENTRO DE ACOLHIMENTO  
AGENOR DE MIRANDA ARAÚJO NETO

---

RUANIERY J. MONTEIRO  
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MANUELLA MARIANNA  
CARVALHO RODRIGUES DE ANDRADE





UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

RUANIERY JERÔNIMO MONTEIRO

**Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN):**  
Proposta de anteprojeto arquitetônico de um Centro Público de Acolhimento e Cuidado à  
Pessoas LGBTQIA +, em Maceió, Alagoas.

Maceió  
Janeiro - 2023

RUANIERY JERÔNIMO MONTEIRO

**Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN):**

Proposta de anteprojeto arquitetônico de um Centro Público de Acolhimento e Cuidado à  
Pessoas LGBTQIA +, em Maceió, Alagoas

Trabalho Final de Graduação, como requisito  
para obtenção do título de bacharel em  
Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade  
Federal de Alagoas

Orientadora: Profa Dra. Manuella Marianna  
Carvalho Rodrigues de Andrade

Maceió  
Janeiro - 2023

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M775c Monteiro, Ruaniery Jerônimo.

Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN) : proposta de anteprojeto arquitetônico de um Centro Público de Acolhimento e Cuidado à Pessoas com LGBTQIA+, em Maceió, Alagoas / Ruaniery Jerônimo Monteiro. - 2023.  
[99] f. : il. color.

Orientadora: Manuella Marianna Carvalho Rodrigues de Andrade.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 89-92.

Apêndices: f. 93-[99].

1. Movimento LGBT - Alagoas. 2. Vulnerabilidade social. 3. Direito à cidade. 4. Arquitetura - Humanização. I. Título

CDU: 725.5(813.5)

## AGRADECIMENTOS

E vai chegando ao fim uma grande jornada de 5 anos da formação em Arquitetura e Urbanismo. Uma trajetória cheia de altos e baixos, com muitos desafios, de vários “e se eu desistisse?”, mas também de muitas alegrias, aprendizados e afetos. E são esses últimos pontos citados que me fazem ser grato por tudo isso e, também, compreender que eu não poderia ter enfrentado tanta coisa sozinho.

Assim, preciso começar agradecendo a minha família, em especial meus pais José Monteiro e Aparecida, que mesmo estando a 180 km de distância, foram meu alicerce primordial nessa caminhada, onde apoiaram e ajudaram a buscar meus sonhos e atingir meus objetivos através dos estudos. E que mesmo sem saber direito o que de fato eu estava cursando, estavam lá, divulgando para vizinhos e amigos, o grande engenheiro que eu viria a ser. É, pai e mãe, eu cheguei lá.

A minha avó Maria que, mais do que eu mesmo, sempre acreditou em mim, sempre me encorajou e sempre vibrou com minhas conquistas. A mulher que me ensinou, na prática, o papel de vó: ser mãe duas vezes. Sem medo de estar exagerando, eu tenho a melhor e maior avó do mundo. Também, a minha irmã Rafaelly, que é minha amiga e me acolheu de forma genuína e cheia de amor quando sempre precisei. Obrigado por tudo e por tanto.

Quero também agradecer aos meus amigos do Complicadas e Perfeitas: Angello, Dani, Diego, João, Mari e Nando. Serei eternamente grato por vocês sempre estarem lá por mim e caminharem do meu lado, me ajudando e sendo meu ponto de apoio e afeto aqui em Maceió. Grato, também, a minha amiga de longa data, Laura, que se mantém ao meu lado, mesmo com a distância, me ensinando e se fazendo presente através das nossas longas conversas por telefone. Ao meu amigo Douglas, agradeço pelos conselhos, suporte e por estar caminhando comigo em uma parte importante da minha vida. Amigos, vocês são parte desse sonho realizado.

Aos amigos que a UFAL me deu, preciso agradecer também a vocês, que estiveram sempre comigo, próximos a mim durante algum momento da graduação e foram essenciais para que eu chegasse até aqui, especialmente Laís, Millena, Marthina, Kleyton, Gabriel e Hyderson. Obrigado por cada aprendizado.

Também gostaria de expressar minha imensa gratidão ao meu namorado. Obrigado por toda compreensão e ajuda nesse longo processo. Por escutar minhas lamentações e por incentivar a continuar, ainda que parecesse impossível. Por todo amor, cuidado, apoio e por

nunca me deixar esquecer: “Você será o melhor arquiteto e um excelente profissional.” Você faz parte desse sonho. Obrigado, Dan.

Aos meus professores, que se dedicaram e deram todo suporte ao longo do curso, através de suas bagagens de conhecimentos e vivências na profissão, somando para minha formação. A minha orientadora, a Profa Dra. Manuella Marianna Carvalho Rodrigues de Andrade, agradeço por me impulsionar e acreditar nesse trabalho, tanto quanto eu. Você foi muito importante para que esta etapa final pudesse ser concluída.

O meu muito obrigado a todos vocês.

E por fim, mas não menos importante, preciso me reconhecer e ser muito grato a mim. Por não ter desistido. Como escrevi no começo desse texto, diante de muitas dificuldades e de muitas alegrias também, eu consegui chegar até aqui. Então, seria injusto não me reconhecer e não me orgulhar dessa jornada e de quem eu me tornei ao longo destes 5 anos.

## RESUMO

Tendo em vista as questões de gênero e sexualidade, bem como a diversidade sexual, dentro de um âmbito social e político preconceituoso e violento, onde ver-se um retrocesso e uma tentativa de invisibilizar e marginalizar esses corpos, o presente trabalho tem foco na população Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis ou Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, +, a fim de desenvolver uma proposta arquitetônica de um centro público de acolhimento e cuidado desta população, no bairro do Jaraguá, em Maceió, Alagoas, visando a discussão e compreensão acerca desta problemática social, através da arquitetura e ocupação à cidade. Assim, é fundamental ampliar a compreensão referente a realidade LGBTQIA+, como também a vulnerabilidade desta população, tanto no país, como no recorte da cidade de Maceió, compreendendo a real necessidade desta população. Também, acerca das questões projetuais, identificar o entorno onde estará inserido e seus parâmetros de construção, tendo em vista o bairro e sua área de preservação. Além disso, explorar e analisar soluções projetuais, e estudar normas que estão ligadas diretamente ao funcionamento amplo de centros de acolhimento e referências. Portanto, elaborou-se uma pesquisa através de um processo metodológico referente ao contexto histórico da luta LGBTQIA+ no Brasil e no estado de Alagoas, bem como um panorama da violência neste mesmo cenário; a identificação e caracterização de repertório arquitetônico acerca de casas de acolhimento e cuidado à população a fim de compreender as problemáticas arquitetônicas e sociais que perpassam essa realidade; e por fim, a caracterização da área onde será implantado o projeto arquitetônico, entendendo a realidade histórica do bairro e sua ligação direta com a população LGBTQIA+. Como resultado, tem-se elaboração do anteprojeto do Centro Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN), um centro público de acolhimento e cuidado à pessoas LGBTQIA +, na cidade de Maceió, Alagoas, colocando o espaço proposto como um caminho para reinserção na sociedade, por meio da cultura, educação e acolhimento.

Palavras-chave: LGBTQIA+, vulnerabilidade social, direito à cidade, casas de acolhimento.

## **ABSTRACT**

In view of gender and sexuality issues, as well as sexual diversity, within a prejudiced and violent social and political context, where we see a setback and an attempt to invisibilize and marginalize these bodies, the present work focuses on the Lesbian, Gay, Bisexual, Transsexual, Transvestite or Transgender, Queer, Intersex, Sexual, Pansexuals, + population, in order to develop an architectural proposal of a public center of reception and health care of this population, in the Jaraguá neighborhood, in Maceió, Alagoas, aiming at discussion and understanding about this social problem, through architecture and occupation to the city. Thus, it is essential to broaden the understanding regarding the LGBTQIA+ reality, as well as the vulnerability of this population, both in the country and in the area of the city of Maceió, understanding the real need of this population. Also, about the projective issues, identify the surroundings where it will be inserted and its construction parameters, in view of the neighborhood and its preservation area. In addition, explore and analyze projective solutions, and study standards that are directly linked to the broad functioning of reception centers and references. Therefore, a research was elaborated through a methodological process related to the historical context of the LGBTQIA+ struggle in Brazil and the state of Alagoas, as well as an overview of violence in this same scenario; the identification and characterization of architectural repertoire about houses of reception and care to the population in order to understand the architectural and social problems that permeate this reality; and finally, the characterization of the area where the architectural project will be implemented, understanding the historical reality of the neighborhood and its direct connection with the LGBTQIA+ population. As a result, the preliminary project of the Centro Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN), a public center for the reception of LGBTQIA+ people, in the city of Maceió, Alagoas, has been elaborated, placing the proposed space as a path for reintegration into society, through culture, education and welcoming.

Keywords: LGBTQIA+, social vulnerability, right to city, host houses.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
1.1 Objetivo Geral	14
1.2 Objetivo Específico	14
1.3 Referencial Teórico	14
1.4 Metodologia	17
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E A INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE</b>	<b>20</b>
2.1 Gênero, Identidade De Gênero E Orientação Sexual	20
2.2 O Movimento Lgbtqia+ No Brasil E Suas Conquistas	22
2.3 O Movimento Lgbtqia+ Em Alagoas E Suas Conquistas	25
2.4 A Violência Contra A População Lgbtqia+ E A Vulnerabilidade Social: Um Problema Ainda Presente No Brasil	27
<b>3. A CIDADE E A ARQUITETURA COMO DIREITO FUNDAMENTAL À POPULAÇÃO LGBTQIA+</b>	<b>35</b>
3.1 “Essa É Minha Opinião”: A Lgbtfobia Velada Dentro Da Cidade-Armário	35
3.2 A Arquitetura Como Espaço De Acolhimento	39
3.3 Entre A Casa E A Cidade Humanizada: Estudos De Referência De Casas De Acolhimento E Cuidado Lgbtqia+ e Suas Estratégias Espaciais E O Fortalecimento Da Vizinhança	41
3.3.1 Centro Lgbt De Los Angeles	41
3.3.2 Casa 1	45
3.3.3 Centro De Acolhimento Ezequias Rocha Rego - Caerr	48
3.4 Considerações E Síntese Dos Referenciais	49
<b>4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA</b>	<b>52</b>
4.1 O Bairro Do Jaraguá: Aqui A Cidade Começou A Ser Colorida	52
4.2 A Escolha Do Terreno	55
4.3 Análise Do Entorno e Condicionantes Projetuais	58
<b>5. ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO</b>	<b>66</b>
5.1 Conceito E Partido Arquitetônico	66
5.2 Agenor De Miranda Araújo Neto E A Identidade Visual	69
5.3 Zoneamento E Programa De Necessidades	70
5.4 Sistema Estrutural e Materialidades	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>90</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>94</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Falar sobre pluralidade de vidas que habitam e usam as ruas como local de moradia, é, também, pensar sobre essas pessoas que se encontram nesta situação e tentar compreender a realidade e complexidade do seu dia a dia na busca pelos meios de sobrevivência e ocupação. Dentro dessa diversidade populacional, existem os LGBTQIA+'s.

O presente trabalho tem foco na população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis ou Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, +. Sendo originalmente a sigla GLS, o movimento político e social de inclusão de pessoas de diferentes orientações sexuais e identidade de gênero mudou e passou a incluir pessoas não heterossexuais e não cisgenero, tornando-se LGBTQIA+<sup>1</sup>.

As dificuldades, ainda existentes nos dias atuais, vivenciadas nas cidades do Brasil, são consequência das lutas e resistência, onde o alcance ao âmbito público tem-se mostrado por meio de manifestações em busca de direitos básicos para o desempenho da cidadania. Contudo, ainda há muito o que ser conquistado no que diz respeito a direitos LGBTQIA+, uma vez que, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos continuam morrendo por resistirem pela liberdade de seus corpos, sexualidades e vida.

De acordo com o relatório produzido pelo Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2022), o Brasil, pelo quarto ano consecutivo, é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+. Em 2021, foram registrados 316 casos de pessoas LGBTQIA+ vítimas de LGBTfobia. Número preocupante, visto o aumento da violência se comparado a 2020, quando 237 mortes foram registradas, e a perspectiva desanimadora para este grupo, dada a ineficiência governamental do país (ACONTECE LGBTI+, GRUPO GAY DA BAHIA, 2022). Para além destes números, é muito importante destacar quem são as maiores vítimas dentro dessa população que, nesses anos de luta, seguem com as mesmas características.

Segundo dados publicados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2020, as travestis e mulheres trans tiveram mais registros de mortes motivadas pela transfobia, cerca de 70%. seguido de gays com 51 (22%) mortes motivadas pela homofobia, seguido de lésbicas com 10 (5%) mortes motivadas pela lesbofobia, seguido de homens trans com 3 (1%) casos de mortes motivadas pela transfobia, bissexuais com 3 (1%) mortes motivadas pela bifobia e, por fim, 2

---

<sup>1</sup> LGBTQIA+ é a terminologia mais atualizada, ao longo da escrita do trabalho, sobre a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis ou Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais. O símbolo '+' foi acrescentado à sigla LGBTQIA para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. No decorrer do trabalho, o termo LGBT+ ou LGBTs será utilizado em sua forma reduzida, a fim de simplificar a sigla completa.

(1%) heterossexuais que por apresentarem comportamentos e performances que se distanciam da norma heterossexual foram mortos.

É evidente a existência da violência contra esse grupo da população. É uma violência que mata, fere e brutaliza esses corpos, expondo-os ao ridículo e a extremos processos de exclusão por serem quem e como são. Essa exclusão, inclusive, resulta no aumento da população LGBTQIA+ em situação de rua.

O número de pessoas morando nas ruas do Brasil, cresceu 140% entre 2012 e 2020, chegando a mais de 220 mil brasileiros, como mostra a pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Em sua maioria, as pessoas em situação de rua encontram-se desempregadas ou em trabalhos informais, atuando como guardadores de carros e vendedores ambulantes, por exemplo. Estes indivíduos são caracterizados como População em Situação de Rua (PSR), onde é predominante a heterogeneidade deste grupo.

Apesar de não existir dados atualizados sobre a quantidade de pessoas em situação de rua no estado de Alagoas, movimentos e instituições que lidam com essa população estimam um aumento durante a pandemia do novo coronavírus (Covid-19). Trazendo para o recorte da capital, estima-se que cerca de 4 mil pessoas estejam em situação de risco social. Uma consequência da crise econômica e desemprego, que se intensificaram com a Covid-19. (MNPR/AL, 2020)

Todavia, contextualizar, de forma precisa, a população LGBTQIA+ em situação de rua é um assunto complexo, visto que envolve várias categorias de análise, pois além da sua vivência nas ruas, o indivíduo resiste a outros tipos de implicações por sua orientação sexual e identidade de gênero diferente.

Por outro lado, homossexuais efeminados, pelo risco de violência onipresente nas ruas, passam a mimetizar modos de expressão típicos de travestis, como forma de se impor, usando a seu favor o forte estigma que correlaciona as travestis à violência potencial. (GARCIA, 2007, p. 29)

A vulnerabilidade social do grupo LGBTQIA+ é visivelmente um fato que acontece diariamente, levando em consideração o preconceito e a discriminação cada vez mais escancarados por pessoas lgbtfóbicas, entendendo que a LGBTQfobia trata-se do ódio ou a rejeição a essa população, surge a partir da expressão dessas relações sexuais e afetivas que fogem do padrão heteronormativo.

Temos hoje mais de 14 milhões de pessoas desempregadas, 22% de aumento de casos de feminicídio, 40% mais casos de assassinatos de pessoas trans. A cesta básica aumenta o preço, ao mesmo tempo em que o auxílio emergencial cai 50% numa conta que só amplia as desigualdades para quem já vive a subalternidade. (CNS, 2021)

Essa desproteção, aliás, pode acontecer dentro da própria casa, onde ocorre o abandono familiar, que por não aceitar a condição sexual dos seus, gera conflitos e exclusão dessas pessoas. É válido apontar, inclusive, que a ausência do papel da família é um fator crucial para o risco social deste grupo.

Trazendo para os dias atuais, conforme artigo do Conselho Nacional de Saúde, ficar em casa devido a pandemia tornou-se um grande desafio para as LGBTIA+ e mulheres, em especial travestis e transexuais e demais identidades que sofrem violências intrafamiliares. A medida obrigou mulheres e LGBTs a permanecerem em convivência com seus agressores por um período mais prolongado, não à toa casos de feminicídio<sup>2</sup> e transfeminicídio<sup>3</sup> aumentaram em vários estados brasileiros (CNS, 2021).

Quando vemos que o assassinato de pessoas trans aumentou, notamos que a vida das pessoas trans, principalmente as travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais, que seguem exercendo seu trabalho nas ruas, tem sido diretamente afetada. temos um cenário onde os fatores sociais se intensificam e impactam a vida das pessoas trans, especialmente as travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais, que seguem exercendo seu trabalho nas ruas para ter garantida sua subsistência. (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p. 8)

Outra característica intrínseca à população LGBTQIA+ que precisa de acolhimento são os problemas de saúde, como o HIV, tuberculose, drogadição, doenças psiquiátricas. É necessário ações mais eficientes para a saúde da população LGBTQIA+, na garantia de atendimento dos serviços de urgência e prevenção, além do acompanhamento contínuo destes casos (MACHADO, 2015).

---

<sup>2</sup> O feminicídio é o homicídio praticado contra a mulher em decorrência do fato de ela ser mulher (misoginia e menosprezo pela condição feminina ou discriminação de gênero, fatores que também podem envolver violência sexual) ou em decorrência de violência doméstica. (PORFIRIO, 2022)

<sup>3</sup> Entende-se o termo transfeminicídio como o assassinato das mulheres transexuais e travestis no Brasil. O transfeminicídio é uma manifestação desse preconceito e ódio tendo como consequência a morte dessas mulheres. Consoante a doutora em Sociologia, professora da UnB e pós-doutora pela CUNY/EUA Berenice Bento (2014 *apud* LARA, MAGALHÃES, p. 278, 2019), “o transfeminicídio se caracteriza como uma política disseminada, internacional e sistemática de eliminação da população trans no Brasil, motivada pelo ódio e nojo”.

De acordo com diagnóstico do Coletivo #VoteLGBT, entre 28 de abril a 15 de maio de 2020, houve piora na saúde mental em 42,72% dos mais de 10 mil entrevistados de todo o país como o principal impacto da pandemia, para a população LGBT+. Uma parcela ainda maior, 54%, afirmou que precisa de apoio psicológico. As novas regras do convívio social, a solidão e o convívio familiar foram mencionados por 39,23%. Dos participantes, 17,62% citaram as dificuldades econômicas como os maiores impactos, por falta de trabalho ou de dinheiro (CNS, 2021).

Com relação à esfera do trabalho, observam que a orientação homossexual e a identidade trans acabam sendo elementos intensificadores das dificuldades para conseguir e/ou manter o emprego (GARCIA, 2010).

Ainda há muito que se avançar nos poderes Legislativo e Executivo no Brasil, diante das tentativas e das investidas de setores conservadores e fundamentalistas contra os direitos fundamentais da população LGBTI+. Os retrocessos vividos nestes últimos anos nos mostram que nenhum direito está garantido, se o poder está nas mãos de quem nutre pouco ou nenhum apreço pelos direitos humanos e por nossa população. Neste sentido, urge que medidas de proteção sejam adotadas para assegurar uma renda mínima às populações mais vulneráveis (ACONTECE LGBTI+, GRUPO GAY DA BAHIA, 2022).

Assim, este trabalho contextualiza a realidade da população LGBTQIA+ e suas vulnerabilidades vivenciadas em situação de rua e na ocupação dos espaços da cidade. Pretende-se discutir os principais problemas vivenciados por esses indivíduos que possuem uma condição de desvantagem, em se tratando de um sistema capitalista de desigualdades, onde o preconceito, a violência, a pobreza e a exclusão colocam suas vidas em risco.

Mediante os dados apresentados, o presente trabalho propõe um anteprojeto de um Centro Público de Acolhimento e Cuidado à Pessoas LGBTQIA+, na cidade de Maceió, Alagoas, como um caminho para reinserção na sociedade, por meio da cultura e educação. A realização dessa pesquisa e conseqüentemente a idealização do projeto para este grupo, parte do interesse no comprometimento pela comunidade que acolhe e ensina, bem como o compromisso com a sociedade. Este projeto, então, se revela significativo para a luta LGBTQIA+ na cidade, não apenas como equipamento de acolhimento provisório, mas também para a transformação de pessoas em vulnerabilidade social.

## **1.1 Objetivo Geral**

Desenvolver uma proposta arquitetônica de um centro público de acolhimento e cuidado à população LGBTQIA +, no bairro do Jaraguá, em Maceió, Alagoas, consciente da discussão e compreensão acerca da problemática social.

## **1.2 Objetivo Específico**

- Ampliar a compreensão referente a realidade LGBTQIA+, bem como a vulnerabilidade desta população e preconceitos vivenciados;
- Caracterizar o entorno urbano em um contexto de área de preservação onde o edifício está inserido, bem como entender os valores históricos do bairro Jaraguá ligados às questões LGBTQIA+ e suas ocupações nestes espaços;
- Explorar e analisar soluções de arquitetura que tenham influência direta no bem-estar físico e psicológico humano;
- Estudar as normas que definem o funcionamento de casas de acolhimento e centros de referências.

## **1.3 Referencial Teórico**

O referencial teórico expõe uma discussão relacionada a questões sobre a população LGBTQIA+ no Brasil, especificamente para Maceió, Alagoas; bem como as ocupações dos espaços, por meio de sua resistência e luta, que é resultado de um processo histórico da comunidade. Temas relacionados às vivências, no que se refere o direito à cidade e ações nos dias atuais para enfrentamento do Covid-19, voltados para esta parcela do grupo que vive às margens da sociedade.

- Questões sociais e a relevância de um centro de acolhimento para a população LGBTQIA+

Assim, ainda que o desenvolvimento de estratégias tenham surgido para acolher e ajudar este grupo, a vulnerabilidade social desses indivíduos é uma questão recorrente nos dias atuais, visto os constantes ataques a população LGBTQIA+ por parte da bancada religiosa, o corte de direitos e o não avanço nas ações direcionadas a sobrevivência da comunidade.

Para Jéssica, graduada em Ciências e Humanidades e em Políticas Públicas, “não se pode falar de cidade sem considerar gênero, raça, classe, afetividade/sexualidade”. Na mesa de Debate “(R)existência da comunidade LGBTQIA+: CISTemas e o direito à cidade”, ela relata que a criação de políticas públicas que garantam o direito à moradia (LGBTIA+s são expulsos de casas) ou o direito a trabalho para pessoas trans, é começar a compreender a luta fragilidade destas pessoas.

Em se tratando da esfera de trabalho, observa-se que a orientação homossexual e a identidade de gênero são elementos fundamentais que dificultam o alcance de um emprego formal e digno (GARCIA, 2010).

Existe uma lacuna no grau de escolaridade da população LGBTQIA+, que somado ao preconceito e discriminação social, podem se tornar fatores primordiais para a marginalização destes. Lhe são tiradas oportunidades e direitos básicos aos serviços de saúde, educação e trabalho, levando a modos de sobrevivência na prostituição ou tráficos de drogas (MORAES et al., 2018 apud CARVALHO, PHILIPI, 2014).

Por essas razões, casas de acolhimento e referência LGBTQIA+ foram surgindo no país, como mais uma forma de luta e resistência da população. Em Maceió, tem-se o Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego - CAERR, sendo a primeira casa de acolhimento da cidade. O objetivo do CAERR é ofertar assistência jurídica, psicológica e cursos profissionalizantes para pessoas vítimas de violência e exclusão.

Dessa forma, perceber a luta e resistência histórica desta população, bem como as transformações perpassadas com o tempo, se faz necessário para compreensão da problemática de estudo aqui presente.

- A arquitetura e os centros de acolhimento e referência.

Segundo Jardim (apud BITENCOURT, 2002), com o objetivo de garantir a qualidade do ambiente construído, fatores como ventilação natural, ergonomia, escolha das cores, bem como o impacto da implantação da edificação com seu entorno imediato, são levados em consideração para estudo e efetivação de um edifício que representa bem a funcionalidade e estética e bem-estar.

Outro ponto importante é a organização de fluxogramas que, segundo Carvalho (2002), afirmam a boa solução de um projeto arquitetônico. Ademais, alguns componentes podem atuar como modificadores e qualificadores do espaço e, quando utilizados com

equilíbrio e harmonia, criam espaços acolhedores, propiciando contribuições consideráveis na produção de saúde e bem-estar (JARDIM, p. 41, 2018 *apud* SÃO PAULO, 2006)

Espaços que viabilizem o conforto, com o objetivo de dar privacidade aos indivíduos, bem como a valorização dos elementos de interação com as pessoas, são de extrema importância para concepção projetual. Também, é preciso espaços que criem diálogos e vivências para estes usuários, dentro de um atendimento humanizado e acolhedor. Assim, o novo desenho da arquitetura em saúde conduz a uma atitude de cuidado constante e humanizado, em que o indivíduo não se sente mais um, mas alguém acolhido desde a chegada e durante sua permanência.

O avanço na área da saúde é constante, evoluindo diagnósticos e tratamentos, além de desenvolver procedimentos mais efetivos. Dessa forma, a arquitetura deverá estar ligada diretamente à prevenção e promoção do bem-estar do indivíduo. Assim, tornando-se uma grande influência na recuperação do paciente:

- Iluminação
- Cores;
- Conforto térmico;
- Ergonomia;
- Acessibilidade.

Ademais, é imprescindível o conhecimento de espaços existentes que ofereçam o suporte completo que necessita ter um centro de acolhimento e cuidado para a população LGBTQIA+. Sendo assim, estudar e compreender os serviços, bem como a espacialização destes locais, é fundamental para referência do CAMAN.

O Los Angeles LGBT Center, é o maior centro do mundo em referência ao apoio à comunidade LGBTQIA+. Questões como saúde, educação, cidadania e cultura fazem parte das ações oferecidas no local. Tratamentos e testes de HIV, inclusive, são disponibilizados no centro. Assim, a referência teórica e projetual deste edifício é de suma importância para concepção do projeto arquitetônico do CAMAN. Um centro que reforce a importância do movimento LGBTQIA+ e que se firme em seu entorno.

Considerando a especificidade da atividade do centro, não somente como acolher, como também ajudar a população para questões de cuidados, seja no âmbito jurídico, mas principalmente no cuidado à saúde, deverá ser realizada uma revisão da legislação, que resulte em subsídios para elaboração do projeto CAMAN.



Sendo assim, no que se refere às diretrizes de projeto, serão consultadas cartilhas orientadoras, bem como a Lei do Código de Urbanismo e Edificações (MACEIÓ, 2007) e a Lei do Plano Diretor (MACEIÓ, 2005), para compreensão das normas legisladoras do município, como também especificamente do bairro do Jaraguá, uma vez que o terreno proposto está em uma Zona Especial de Preservação 1, onde sua preservação é direcionada à vocação comercial, de moradia, de lazer, cultura e turismo. (MACEIÓ, 2007).

#### **1.4 Metodologia**

Com a intenção de compreender e elaborar um centro de apoio e cuidado à população LGBTQIA+ o processo metodológico do trabalho foi dividido em 5 partes: (i.) fundamentação teórica e a interpretação da realidade, (ii.) estudo de caso arquitetônico, (iii.) caracterização geral da área de estudo, e (iv.) elaboração do anteprojeto arquitetônico.

A primeira parte, como fundamentação teórica e a interpretação da realidade, traz o contexto histórico da luta LGBTQIA+ no Brasil, bem como um panorama da violência neste mesmo contexto, principalmente em Alagoas, tendo em vista que o Nordeste ocupa o primeiro lugar em número de mortes de pessoas LGBTQs, sendo este, o estado mais violento do país. (Grupo Gay da Bahia - GGB, 2018) Consiste na compreensão da caminhada da população LGBTQIA+, bem como os dados levantados a respeito desta problemática social, a fim de entender as causas que levaram esses indivíduos a situação de vulnerabilidade social, bem como o perfil destas pessoas.

A segunda parte, definida como estudo de caso, consiste na identificação e caracterização de repertório arquitetônico referência em casas de acolhimento LGBTQIA+, com recorte de estudo nacional e internacional. O objetivo desta parte é avaliar e compreender outras propostas projetuais de centros de acolhimento e cuidado para este público, de forma a analisar seu entorno, fluxos, plantas, programas de necessidade, entendendo, dessa forma, as dinâmicas destes locais e o seu funcionamento.

Os centros de acolhimento ou casas de referência, são locais voltados a promover a informação, cidadania e defesa dos direitos desta população, bem como a assistência social e jurídica destes indivíduos. Dessa forma, a terceira parte, fundamenta-se na caracterização da área onde será implantado o CAMAN. Será realizado o levantamento de dados referentes à análise do seu entorno, entendendo a realidade histórica do bairro e sua ligação direta com a população LGBTQIA+.

Por fim, a última parte consiste na elaboração do projeto do Centro Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN). A partir do cruzamento dos dados obtidos, como também a aplicação dos conceitos, análises feitas e a criação de princípios norteadores, será dada a proposição final do projeto CAMAN, um Centro Público de Acolhimento e Cuidado à Pessoas LGBTQIA+, na cidade de Maceió, Alagoas.

## 2º Capítulo

# Fundamentação teórica e a interpretação da realidade

**"NINGUÉM VAI PODER  
QUERER NOS DIZER  
COMO AMAR."**

Flutua - Johnny Hooker e Liniker

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E A INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE**

A trajetória do ativismo LGBTQIA+ no Brasil e as discussões acerca da sexualidade e da política, e de como elas estão atreladas, é permeada por mudanças e reconfigurações, onde tem desenvolvido forte incidência em distintos setores da sociedade.

De fato, mais que nunca, é possível entender a politização das identidades sexuais e de gênero em diferentes campos da sociedade, como a mídia, por exemplo, significativo setor produtor de visibilidade. É importante também reconhecer que a definição de Movimento LGBT também é algo aberto, inconcluso e em disputa, seja no ativismo, seja na academia. (FEITOSA, 2016)

### **2.1 Gênero, Identidade De Gênero E Orientação Sexual**

A sexualidade, enquanto lugar de política e de direitos, é feita em diversos âmbitos e por diversas maneiras discursivas. Todavia, essas mudanças nos discursos sobre esta temática, tiveram evoluções e alterações enquanto direitos do indivíduo. Invadiram as discussões sobre os direitos humanos e proporcionaram inúmeros debates. (CANABARRO, 2013)

É imprescindível que se entenda que o termo “ideologia de gênero” em detrimento de identidade de gênero, usado em debates das políticas públicas tem como objetivo confundir o entendimento sobre o que de fato significa a expressão: promoção, efetivação e proteção de direitos humanos. (CASTANHO, VIANA, 2018)

Reconhecer orientação sexual e identidade de gênero como marcadores de desigualdades sociais não é “apologia” ou campanha, encabeçada pela comunidade LGBTI, para uma suposta supressão da heterossexualidade, uma vez que a sexualidade, em sentido mais amplo, incumbe-se de buscar e de dar respostas às mais variadas expressões de desejos e comportamentos humanos. Em segundo lugar, almeja-se que o Estado articule não a promoção de uma determinada forma de expressão sexual, mas reafirme, com base nos princípios constitucionais vigentes, a dignidade da pessoa humana, a liberdade, a igualdade e o pluralismo. (CASTANHO, VIANA, 2018, p. 88)

A identidade de gênero e a orientação sexual de uma pessoa atribui sempre a um processo sobre o qual a ciência não possui um esclarecimento claro e conciso. São inúmeras

as investigações que procuraram as causas da sua origem e os fatores do seu desenvolvimento, sem que alguma as tenha conseguido alcançar.

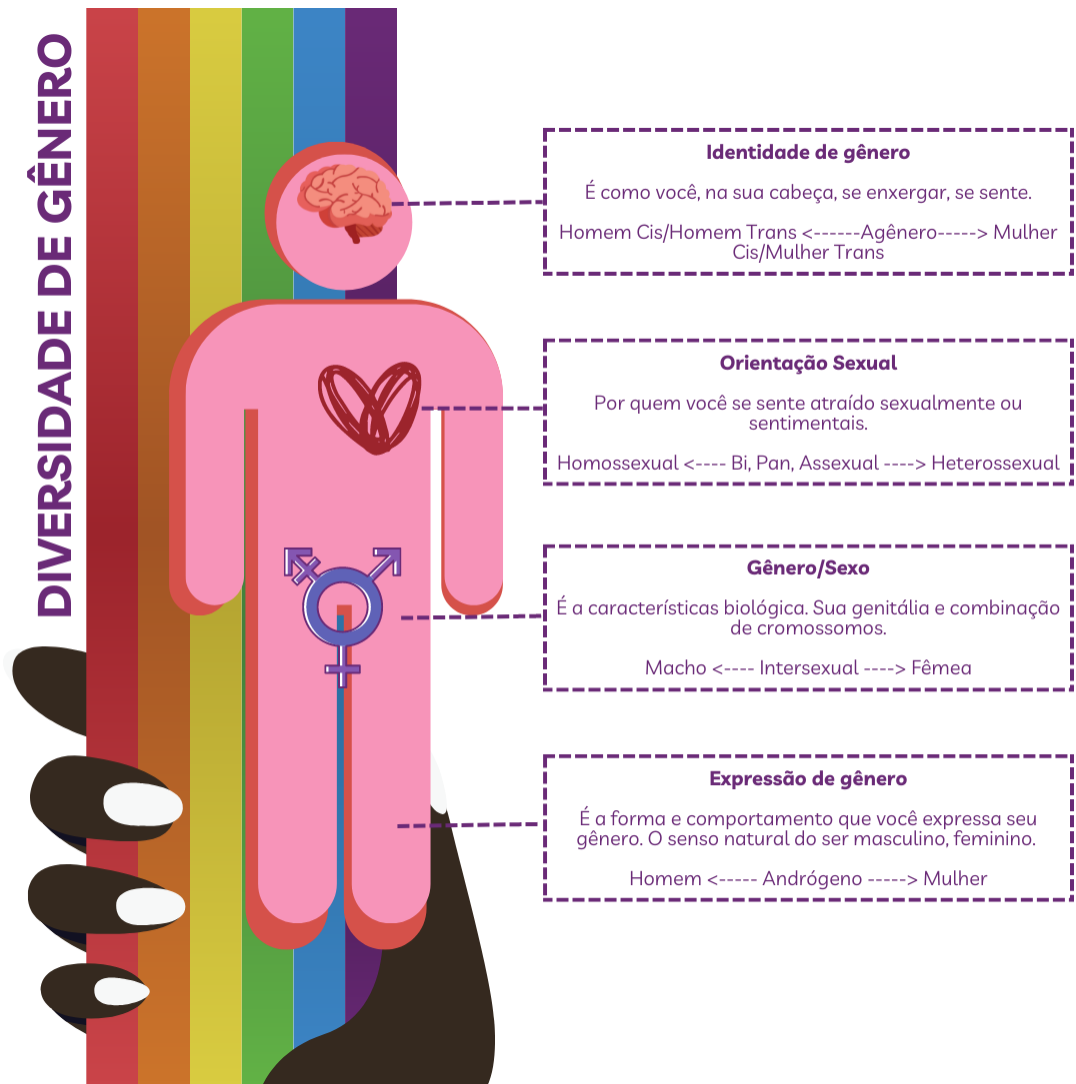
O processo de construção da identidade de gênero é um processo de autodescoberta e autoclassificação no qual o indivíduo reconhece e adere a um determinado modelo. A presença de indivíduos – meninas e meninos ou mulheres e homens – que transitam entre os gêneros e se expressam diversamente da maioria (cisgênera e heterossexual) desperta atenção na escola, na rua ou na família. É importante, dessa forma, compreender com clareza tais questões e os impactos na vida de tais pessoas. (ALVES, MOTA, 2015)

Em primeiro lugar, gênero ou sexo biológico, entende-se pela especificação de macho e fêmea designando a natureza dos corpos, incubindo ao sexo ao qual lhe foi atribuído no seu nascimento, como definidor da identidade de gênero (feminino ou masculino). Para melhor entender, o sexo biológico está relacionado a existência dos órgãos genitais e com o conceito homem, mulher ou intersexo, que são aqueles que não possuem órgãos sexuais; possuem ambos os sexos; produzem hormônios dos dois sexos.

A identidade de gênero é uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (PRINCÍPIOS, 2006). A pessoa cisgênero refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer, já a pessoa transgênero são pessoas que transitam entre os gêneros, cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade (ABGLT, 2010 *apud* Manual de Comunicação LGBTI+, 2018). Acerca disso, Alencar (2018), discorre também sobre a expressão de gênero, tratando como o ser se apresenta ao mundo. Alguns autores a definem como uma extensão da identidade de gênero, um senso em se mostrar feminino, masculino ou andrógeno. Porém, é válido pontuar que a expressão de gênero não precisa necessariamente estar alinhada à identidade de gênero, ou seja, o indivíduo pode ser de um determinado gênero e ter uma expressão de outro gênero. (SILVA, 2019)

Na conceituação de orientação sexual, diz respeito à atração que se sente por outros indivíduos baseado no seu gênero e no gênero da outra pessoa. Podendo, por exemplo, direcionar-se a pessoas do sexo oposto, (heterossexualidade), do mesmo sexo (homossexualidade) ou de ambos os sexos (bissexualidade) (CARDOSO, 2008 *apud* PRADO, 2021). Existem, também, os assexuais: indivíduo que não sente nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero igual. Todavia, existem diferentes níveis de assexualidade e é comum essas pessoas não verem as relações sexuais humanas como prioridade.

Imagem 01: Gênero, Identidade de gênero, Orientação sexual e Expressão de gênero.



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

## 2.2 O Movimento Lgbtqia+ No Brasil E Suas Conquistas

A criação de políticas públicas e a sua implementação voltadas para o público de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexuais e assexuais (LGBTQIA+)<sup>4</sup>, se faz recente na história do Brasil. O que vem acontecendo, ainda que em pequena escala, é resultado de uma trajetória de luta protagonizada pelo movimento LGBTQIA+. (FEITOSA, 2016)

<sup>4</sup> GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) foi a primeira sigla do movimento, criada nos anos 90. Em 1993, a sigla passa a ser GLBT, incluindo Bissexuais e Travestis, sendo reformulada em 2008 para LGBT, para dar mais visibilidade ao movimento lésbico. O “Q” de Queer foi adicionado logo depois, que são aqueles que não se encaixam no perfil normativo da binariedade do gênero. Foi adicionada a letra I e A, compreendendo os Intessexuais e Assexuais. O sinal do + representa quaisquer outras pessoas que não se sintam incluídas em nenhuma das outras identidades cobertas pelas iniciais da sigla. (FACCHINI; FRANÇA, 2009 *apud* ALMEIDA, 2021, p. 13)

Mas para iniciarmos essa conversa, é necessário recorrer aos episódios da *Stonewall Inn*: um bar voltado para o público gay em Nova York, Estados Unidos. No dia 28 de Junho de 1969, o local foi palco da chamada Rebelião de Stonewall, que foi uma série de manifestações da comunidade LGBT contra a invasão da polícia de Nova York. A partir de então, deu-se início ao movimento mundo afora, onde um ano depois as primeiras marchas do orgulho gay foram organizadas em Los Angeles, Nova York e Chicago e, posteriormente, realizadas em todo o mundo.

No Brasil, a luta por direitos humanos de sexodiversos surge mais tarde que na América do Norte ou Europa. O ativismo LGBT, desde o seu início, é marcado por mudanças substanciais motivadas pelas dinâmicas internas da militância e pelos fatores sociais externos, como as reconfigurações do Estado brasileiro no âmbito dos direitos humanos LGBT. (FEITOSA, 2016)

As reivindicações do movimento LGBT têm ganhado maior visibilidade atualmente, a ponto de suscitar projetos de lei em todos os níveis do Legislativo, assim como a formação de Frentes Parlamentares em âmbito nacional e estadual. Suas estratégias se diversificaram de modo a incorporar a demanda por direitos através do Judiciário, o esforço pelo controle social da formulação e implementação de políticas públicas, a produção de conhecimento em âmbito acadêmico, a formação de igrejas para homossexuais, setoriais em partidos políticos e, não menos importante, a construção de alternativas de política lúdica, como as próprias paradas e a organização de saraus, festivais, e mostras de arte, assim como a apropriação de manifestações já bem mais antigas na chamada “comunidade”, como concursos de Miss Gay ou Miss Trans (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 18).

Com a perda da força da ditadura no Brasil, ao iniciar a década de 1980, o país passa por uma reabertura democrática, onde os movimentos democráticos vão ressurgindo e junto a eles, vários grupos denominados Movimento Gay. (CANABARRO, 2013)

Nessa mesma década, surge a epidemia da AIDS - *Acquired Immunodeficiency Syndrome* - ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Chamada pela mídia de “Peste Gay” ou “Câncer Gay”, a comunidade se vê diante de mais um obstáculo. O que antes era uma luta por liberdade, tornou-se, também, uma luta pela vida. Neste momento, instala-se algo que marca o Movimento LGBT: a parceria com o Estado, em especial, as áreas governamentais da Saúde (PARKER, 2000 *apud* CANABARRO, 2013)

Nas décadas de 1980 e 1990, surgem vários grupos brasileiros com o mesmo intuito, atuando até hoje, como o GGB – Grupo Gay da Bahia, que surgiu em 1980, pioneiro na

realização de pesquisas e estudos. Segundo Fachinni, (2005), essa época compreendeu a segunda onda do Movimento LGBT. O trabalho de conscientização se fez presente. Em 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou o homossexualidade da classificação de doenças.

Cinco anos depois, a OMS - Organização Mundial da Saúde -, o homossexualismo (o sufixo ismo remete à doença), passando-se a denominar homossexualidade, como condição de ser e orientação individual do desejo. (ABGLT, 2013)

O período entre 1992 e 2005, é marcado pelo aumento no número de ONGs em prol do Movimento LGBT, em todo o país. Nesse momento, outras identidades, como lésbicas, bissexuais e travestis, até então secundárias na comunidade, ganham força e notoriedade na luta. Também, grandes redes nacionais surgem, como: a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Rede Afro LGBT, entre outras, dando visibilidade na sociedade e na mídia por meio das Paradas do Orgulho LGBT. (FEITOSA, 2016)

A primeira parada do Orgulho Gay ocorreu em São Paulo, em 1997, reunindo em torno de duas mil pessoas. Hoje, a Parada Livre de São Paulo é a maior do mundo, tendo reunido no ano de 2012, segundo dados da organização, cerca de quatro milhões de pessoas. (NETTO, FRANÇA, FACCHINI, 2006 *apud* CANABARRO, 2013)

Conforme Mott (2005, *apud* CANABARRO, p. 05, 2013), em 2000, o INSS - Instituto Nacional do Seguro Social - concedeu o direito previdenciário de pensão a parceiros LGBT por falecimento ou detenção. Em 2002, o Grupo Gay da Bahia lançou o Livro União Estável Homossexual, reconhecido pelo INSS como documento legal para comprovação de relações estáveis e recebimento de benefícios. (CANABARRO, 2013)

É possível perceber, dessa forma, os resultados e avanços da luta do Movimento LGBT, conquistados ao longo dos anos. Em 2011, por exemplo, o Sistema Tribunal Federal - STF tornou lei a União Estável homoafetiva, dando igualdade de direitos a famílias homoparentais. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça - CNJ - publicou uma resolução que proíbe cartórios de se negarem a realizar casamentos civis entre pessoas do mesmo gênero.

Todavia, ainda há muito o que conquistar. Os retrocessos vividos nestes últimos anos, diante de um governo violento e com discursos de ódio, mostram que nenhum direito está garantido. É preciso estar atento e cobrando dos governadores aquilo que é direito básico de um cidadão.



### **2.3 O Movimento Lgbtqia+ Em Alagoas E Suas Conquistas**

O Grupo Gay de Alagoas - GGAL, surge em 1995, como o primeiro grupo a lutar pelos direitos da população LGBTQIA+ de Alagoas. Em 2001, aconteceu em Maceió a 1º Parada do Orgulho LGBTQIA+, e já são mais de 20 edições do evento que reúne milhares de pessoas, criando um espaço festivo que, também, possa oferecer cultura, informação e orgulho para a população.

Visando garantir a atenção que a população LGBTQIA+ demanda, o governo de Alagoas, representado pela Secretaria de Estado da Mulher e dos Direitos Humanos (SEMUDH), inaugurou em 2015, o Conselho Estadual de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, por meio da Superintendência de Políticas para os Direitos Humanos e a Igualdade Racial, trabalhando na articulação para o desenvolvimento e políticas públicas, além da construção de espaços. (OLIVEIRA, 2022)

A SEMUDH oferece ações interinstitucionais, como a educação continuada, por exemplo, destinadas aos servidores das áreas da saúde, segurança pública e educação, sobre temáticas acerca de orientações sexuais e identidades de gênero, direitos humanos e políticas LGBTQIA+.

Por meio de articulações dentro do âmbito governamental do Estado, a Secretaria foi fundamental para a criação do Comitê Técnico de Saúde LGBT – composto pela Semudh, Sesau, Ufal, Uncisal, OAB e ONGs – e do Comitê Técnico de Saúde Integral da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais para discutir e fortalecer políticas públicas de saúde para este recorte social. (OLIVEIRA, 2022)

Inaugurado em 2019, no bairro do Poço, com a proposta de ampliar a oferta de serviços de saúde às mulheres alagoanas por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), o Hospital da Mulher Dr.<sup>a</sup> Nise da Silveira (Imagem 02), também, conta com um Ambulatório de Acolhimento e Cuidado Integral de Pessoas Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT).

Com o objetivo de garantir a integralidade do cuidado aos usuários, o ambulatório trata o acolhimento com humanização e respeito ao uso do nome social. Além disso, o serviço é definido na modalidade ambulatorial, que consiste no acompanhamento clínico das especialidades previstas, na realização de exames, na promoção de iniciativas voltadas à

redução de riscos e na atenção aos problemas decorrentes do uso prolongado de hormônios femininos e masculinos para as pessoas travestis e transexuais. (CLETO, 2019)

Imagem 02 - Hospital da Mulher Dr.<sup>a</sup> Nise da Silveira



Fonte: Aqui Acontece, 2019

Outra conquista importante para a população Trans alagoana, é a inauguração do Ambulatório intitulado Espaço Trans (Imagens 03 e 04), no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUpaa), no Campus A. C. Simões. Consoante Waldemar Neves, professor da Faculdade de Medicina (Famed) e colaborador do projeto, a inauguração do espaço tem como objetivo oferecer assistência digna ao público transexual. (MACHADO, 2020)

Imagens 03 e 04 - Inauguração do Espaço Trans, no Hospital Universitário



Fonte: Blenda Machado, 2020

No Espaço, serão realizadas atividades com equipe multidisciplinar e interprofissional, formada por profissionais do HUpaa: docentes e estudantes da Universidade Federal de

Alagoas (UFAL), das áreas de endocrinologia, psiquiatria, psicologia, ginecologia, cirurgia plástica, enfermagem e serviço social, atendendo as demandas e encaminhamentos da população Trans do Hospital da Mulher e da Unidade Docente Assistencial (UDA). (MACHADO, 2020)

É muito importante o que vem acontecendo em Alagoas, no que diz respeito a políticas públicas e ações efetivas para a população LGBTQIA+. Contudo, é necessário avançar ainda mais. Somos o estado mais violento do Brasil (GGB, 2021). Urge a criação de medidas que garantam proteção da comunidade, sejam colocadas em prática, assegurando seus corpos e a ocupação destes nos lugares.

#### **2.4 A Violência Contra A População Lgbtqia+ E A Vulnerabilidade Social: Um Problema Ainda Presente No Brasil**

Os últimos anos estão sendo marcados por grandes transformações em todas as esferas sociais: conflitos políticos, crise econômica e um surto pandêmico aprofundaram, ainda mais, as desigualdades sociais e econômicas. De acordo com a ONU, o Brasil voltou ao mapa da fome em 2021; somado a isso, os números de desempregados no país são alarmantes: cerca de 10,6 milhões de pessoas estão desocupadas hoje. (IBGE, 2022) Ainda nesse contexto, a violência e a precarização das vidas se agravaram. Nessa conjuntura, a população LGBTQIA+ continua sendo impactada por este quadro caótico.

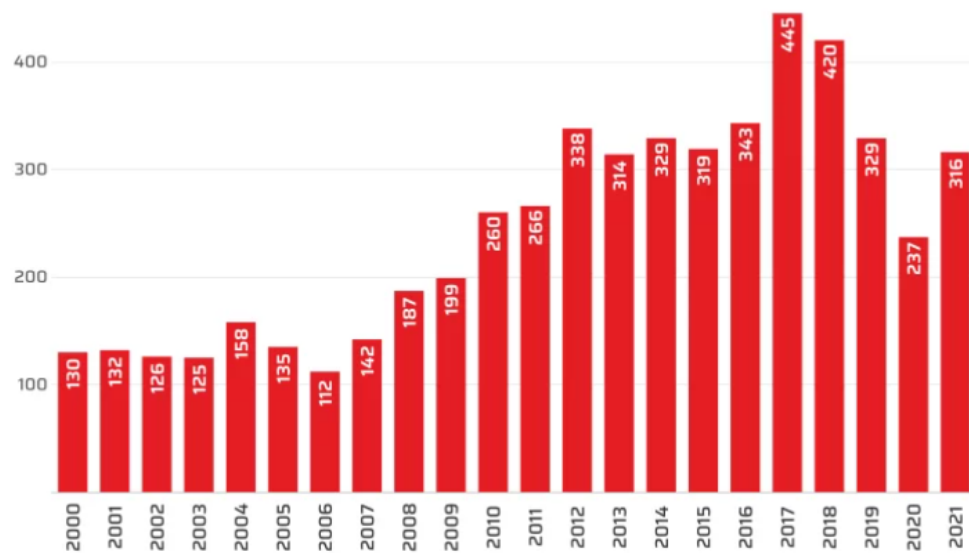
Em um panorama mundial, de acordo dados da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo – ILGA, em sua terceira edição do relatório sobre a Homofobia do Estado, os dados mostram que 78 países membros da ONU ainda possuem legislação que criminaliza atos homoafetivos. Em um terço destes países, a homossexualidade é criminalizada, onde as punições vão desde a chibatadas até setenças de morte, como acontece no Irã. (ILGA, 2013 *apud* CANABARRO, 2013)

No Brasil, temos um cenário bem diferente, mas, como dito anteriormente, nenhum direito da população está garantido. Para se ter uma ideia, segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde persiste a pena de morte contra tal segmento. (DOSSIÊ, 2020)

O Grupo Gay da Bahia - GGB -, tem, ao longo dos 41 anos de (re)existência, denunciado constantes agressões sofridas por pessoas LGBTQIA+. Segundo os dados apresentados pelo GGB, entre 2000 e 2021, cerca de 5.363 LGBTs foram vítimas da

homofobia no Brasil. A Tabela 1, mostra uma curva com números crescentes, ainda que em alguns anos tenha reduzido notadamente. (ACONTECE LGBTI+, GRUPO GAY DA BAHIA, 2022)

Gráfico 1 - Casos de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil de 2000 a 2021



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, Observatório de Mortes e Violência contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

Em 2021, houve no Brasil, pelo menos 316 mortes violentas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersexo (LGBTI+). Esse número representa um aumento de 33,3% em relação ao ano anterior, 237 mortes. Entre os crimes ocorridos no ano passado, 262 foram homicídios (o que corresponde a 82,91% dos casos), 26 suicídios (8,23%), 23 latrocínios (7,28%) e 5 mortes por outras causas (1,58%). (BOEHM, 2022)

O GGB (2021) ressalta que esse dados ainda são subnotificados no Brasil. Isso ocorre, visto a ausência de dados governamentais e a utilização de informações disponíveis, que resulta em uma limitação de pesquisa acerca da temática.

Ainda assim, dados de 2021 identificaram diversos tipos de violência LGBT, como: agressões físicas e verbais, tentativas de homicídio e o não fornecimento de serviços básicos. Foram registrados cerca de 262 homicídios e 23 latrocínios, ou seja, mortes provocadas por terceiros. Juntos, homicídios e latrocínios representaram 90,19% das mortes violentas. É válido ressaltar que há um número considerável de suicídios: 26 casos registrados. O que evidencia o descaso dos poderes públicos acerca da saúde mental da população LGBTQIA+. (GGB, 2022)

A violência materializada contra corpos de LGBTI+ é, principalmente, uma violência de gênero, atingindo diferenciadamente e a partir de múltiplas intensidades alguns segmentos, sobretudo, travestis e mulheres trans vitimadas em diferentes contextos e realidades socioespaciais. Das 113 travestis assassinadas, 72 (63%) delas foram executadas em espaços públicos, sobretudo, em ruas e vias evidenciando um contexto marcado pela prostituição. (Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021)

O Brasil assassinou um LGBTQIA+ a cada 27 horas, no ano de 2021. Nesse sentido, em um recorte de identidade de gênero (Gráfico 2), o GGB (2022) observou que os homens gays cis foram os que mais sofreram ataques violentos, acumulando um total de 145 (45,89%), seguido bem próximos, as travestis e mulheres trans com 141 (44,42%) mortes. Mulheres lésbicas cis com 12 (3,80%) mortes; os homens trans com 8 (2,53%) mortes; bissexuais com 3 (0,95%). Em 7 (2,22%) mortes registradas não foi possível identificar a identidade de gênero das vítimas.

Gráfico 2 - Casos de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil de 2000 a 2021



Fonte e Organização: Observatório de Mortes e Violência contra LGBTI+ no Brasil, Carolina Menezes, 2021.

Em Alagoas, foram registradas 16 mortes violentas contra pessoas LGBTQIA+, em 2021. Pelo método da proporção, o Estado é colocado como o mais violento do Brasil, para essa população. São 4,5 mortes por milhão de habitantes, segundo o Observatório de Mortes e

Violências LGBTQIA+ no Brasil. (2022) No ranking de violência, depois do estado alagoano, com 4,7 mortes por um milhão de habitantes, estão Mato Grosso (3,36) e Mato Grosso do Sul (3,17).

E o número de vítimas não para de crescer no estado de Alagoas. Um dos casos já ocorridos em 2022 teve como vítima a jovem Larah Skalwalker, de 26 anos. Natural de Maceió, Larah teria sido estuprada, torturada e vítima de enforcamento. O corpo dela foi deixado próximo ao Memorial da República. De acordo o Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego - CAERR (2022), essa teria sido a sétima morte violenta de uma pessoa LGBTQIA+ no Estado.

Para Nildo Correia (2022), presidente do Grupo Gay de Alagoas - GGA -, a falta de oportunidade seria uma das principais causas que colocam em situação de vulnerabilidade a população LGBTQIA+, fazendo com que estes busquem meios de vida que as coloquem em situação de vulnerabilidade. “Muito triste toda essa situação de violência, que não para. É triste, inclusive, ver a omissão dos gestores, pois falta de políticas públicas afirmativas. E esses números só tendem a crescer”, lamenta Correia.

De acordo o Observatório de Mortes e Violências LGBTI+, os dados da violência em Alagoas somados ao baixo Índice de Desenvolvimento Humano - IDH -, mostra a necessidade de ações efetivas voltadas à população LGBTQIA+ alagoana.

O caso de Alagoas é emblemático por evidenciar que uma população em condição de vulnerabilidade, com acesso limitado a direitos elementares, como saúde, educação, emprego e renda, tende a ser mais violenta. Com essa afirmação não pretendemos fazer uma associação direta entre pobreza e criminalidade, o que seria falso e discriminatório, mas chamar a atenção para a necessidade de ação do Estado em locais desprovidos de recursos básicos e que, infelizmente, tornam-se inseguros, das mais variadas formas, para a sua população. (CORREIA, 2022)

Contudo, a carência de dados oficiais sobre a violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil e em Alagoas, devido a inexistência de leis efetivas que criminalizem a LGBTfobia<sup>5</sup>, dificulta a coleta de dados acerca do tema, porque gera falta e imprecisão de dados oficiais sobre tais crimes. A falta de tipificação é um grande obstáculo para a obtenção

---

<sup>5</sup> A LGBTIfobia pode ser definida como o medo, a aversão, ou o ódio irracional a todas as pessoas que manifestem orientação sexual ou identidade/expressão de gênero diferente dos padrões heteronormativos, mesmo pessoas que não são LGBTI+, mas são percebidas como tais. (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018)

de informações que poderiam auxiliar na formulação de políticas públicas na defesa de direitos de populações vulneráveis. (JUNIOR, 2018)

Dessa forma, a vulnerabilidade social do grupo LGBTQIA+ é visivelmente um fato que acontece diariamente, levando em consideração o preconceito e a discriminação cada vez mais escancarados por pessoas lgbtfóbicas. Diante dessa desproteção social, em um sistema capitalista de desigualdades, onde o preconceito, a violência e a pobreza se fazem presente, é cada vez mais comum indivíduos LGBTs se encontrarem em situação de rua.

Essa desproteção, aliás, pode começar dentro da própria casa, onde ocorre o abandono familiar, que por não aceitar a condição sexual dos seus, gera conflitos e exclusão dessas pessoas. É válido apontar, inclusive, que a ausência do papel da família é um fator crucial para o risco social deste grupo. Por falta de apoio e despreparo para a vida adulta, ao serem atingidos por grandes estigmas quanto à rejeição, condenação e desrespeito quanto à sua diferença, não encontram outra possibilidade de regularizar suas vidas e adentram à situação de risco social, onde seus laços familiares se encontram rompidos e não existe um espaço para morar e muito menos para trabalhar ou buscar emprego. (MACHADO, 2011, p.59 *apud* SILVA, 2019, p. 23)

Além disso, nos últimos anos, tornou-se um grande desafio para as LGBTI+ e mulheres ficarem em casa devido a pandemia, em especial travestis e transexuais e demais identidades que sofrem violências intrafamiliares. Conforme artigo do Conselho Nacional de Saúde (2021), muitos casos de feminicídio e transfeminicídio tiveram aumento em muitos estados brasileiros, pois o isolamento social obrigou as LGBTI+ e mulheres permanecerem na convivência de um período mais prolongado com seus agressores.

Dessa forma, mesmo tendo os espaços da rua como uma saída para a situação de violência dentro de casa, e ainda que encontrem nela formas de afirmação, reinvenção de suas vidas, construção de laços e novos territórios, não se pode negar as violências que persistem e se complexificam. (AMORIM, MEDEIROS, NOBRE, 2020)

Apesar de não existir dados atualizados sobre a quantidade de pessoas em situação de rua no estado de Alagoas, movimentos e instituições que lidam com essa população, estimam um aumento durante a pandemia do novo coronavírus (Covid-19). Trazendo para o recorte da capital, estima-se que cerca de 4 mil pessoas estejam em situação de risco social. Uma consequência da crise econômica e desemprego, que se intensificaram com a Covid-19. (MNPR/AL, 2020)

Considerando estes dados, é possível encontrar nesta população, uma parcela de gays e travestis em situação de rua. Contudo, contextualizar, de forma precisa, a população

LGBTQIA+ em situação de rua é um assunto complexo, visto que envolve várias categorias de análise, pois além da sua vivência nas ruas, o indivíduo resiste a outros tipos de implicações por sua orientação sexual e identidade de gênero diferente.

Por outro lado, homossexuais efeminados, pelo risco de violência onipresente nas ruas, passam a mimetizar modos de expressão típicos de travestis, como forma de se impor, usando a seu favor o forte estigma que correlaciona as travestis à violência potencial. (GARCIA, 2007, p. 29)

O constrangimento com a manifestação da homossexualidade no mundo público, mostra que a luta pela emancipação dos direitos civis e sociais da população LGBTQIA+ na sociedade brasileira traz à tona outra necessidade: a de se construírem novas estratégias e novos espaços que abram caminho à idéia de que todos são iguais perante à Lei e diferentes diante da diversidade sexual. Dessa forma, as principais questões vivenciadas por pessoas LGBTs, somadas às dificuldades sociais devido aos problemas estruturais decorrentes da atual conjuntura política, e que acabam passando pela situação de rua, resultam na procura imediata de assistência através de casas ou centros de acolhimento locais.

No Brasil, existem hoje casas de acolhimento atuando com a finalidade de abrigar essa parcela da sociedade que se encontra marginalizada, contribuindo na minimização da violência e na segregação do grupo LGBTQIA+. Em Maceió, foi inaugurado recentemente a primeira casa de acolhimento voltado para este público, o Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego - CAERR (Imagens 05 e 06), localizado no bairro Clima Bom, parte alta da cidade.

Imagens 05 e 06: Centro de Acolhimento Ezequias R. Rego (CAERR)



Fonte: Ascom/CAERR, 2021



Para além disso, de que forma a arquitetura poderia contribuir na promoção dos direitos fundamentais da população LGBTQIA+? Assim, este trabalho contextualiza a realidade da população LGBTQIA+ e suas vulnerabilidades vivenciadas em situação de rua e nos equipamentos da rede socioassistencial existentes no nosso país, como também para o recorte do estado de Alagoas.

Pretende-se, a seguir, identificar os principais problemas vivenciados por esses indivíduos que possuem uma condição de desvantagem dentro de um sistema capitalista de desigualdades, onde o preconceito, a violência, a pobreza e a exclusão acabam por colocar suas vidas em risco, a fim de propor um projeto que consiga atender todas as demandas dessa população, discorrendo de pontos e problemáticas no que envolve a ocupação destes à cidade, bem como a arquitetura como formador de espaços de acolhimento e para quem ela se destina.

## 3º Capítulo

# A arquitetura como direito fundamental à população LGBTQIA+

**"E QUANTO MAIS DOR  
RECEBO, MAIS  
PERCEBO QUE SOU  
INDESTRUTÍVEL**

Indestrutível - Pablo Vittar

### **3. A CIDADE E A ARQUITETURA COMO DIREITO FUNDAMENTAL À POPULAÇÃO LGBTQIA+**

Diante do exposto no capítulo anterior, pôde-se perceber a luta diária da população LGBTQIA+ na sociedade atual. Este capítulo busca mostrar como os espaços públicos se tornam um local de violência contra esses corpos, reforçando uma sociedade machista, sexista e lgbtfóbica existente no Brasil. Busca ainda, compreender como a cidade e a arquitetura trabalham no intuito de melhorar este cenário de exclusão e violência.

É imprescindível que vejamos nossas cidades de forma ampliada, como o organismo vivo que está em constante transformação. A apropriação completa de todos os condicionantes, [...], garante que não se viole as principais simbologias que formam a identidade de cada uma delas. [...] As discussões e proposições acerca de nosso habitat não dependem de fórmulas mirabolantes, mas de organização e promoção mínimas, onde de fato os interesses coletivos da sociedade predominam sobre os demais. (CAU, 2013)

#### **3.1 “Essa É Minha Opinião”: A Lgbtfobia Velada Dentro Da Cidade-Armário**

Ao passo que diferentes culturas, identidades visuais, ocupações e usos tomam os espaços públicos, a cidade sofre constantes transformações em seu dia a dia. Não basta tornar as cidades apenas locais habitáveis. É necessário torná-las mais humanas, partindo do ponto que a cidade é um palco contínuo de conflitos entre indivíduos. (CARVALHO, SANTIAGO, 2019)

Lefebvre (1991, p. 22 *apud* CARVALHO, 2017), afirma que “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver”. Dessa forma, a partir das relações de trabalho e as transformações decorrentes delas, que os indivíduos criam/assimilam idéias e valores que permeiam suas relações sociais contraditórias.

A tentativa de ocupar a cidade somente por um viés legalista ou apenas pelo viés urbanístico, não nos parece a forma mais adequada, visto que não consegue abarcar os fenômenos humanos e a sua complexidade na relação interpessoal que, também, é razão transformadora do tecido socioespacial urbano. (SANTIAGO, 2019)

Festas na praça próximo de casa ou uma passeata na rua. Caminhar pela cidade sem medo, não importa a hora ou lugar. Dispor de transporte público de qualidade, coleta seletiva e compostagem. Poder discutir o que é melhor para seu bairro, cidade e seu país. Tudo isso são exemplos de direito à cidade, não importando raça, religião ou orientação sexual. (INSTITUTO PÓLIS, 2020)

A relação entre humano e cidade é ambígua, impondo a transformação do espaço por meio da ação humana, mas impondo também a transformação do próprio homem para adequação à nova realidade socioespacial que ele mesmo engendra ao modificar as cidades.

De fato, as cidades - historicamente - se originam nas localidades em que há o excedente de recursos, considerando as relações de produção, sendo o processo urbanizador um fenômeno, notadamente, de classe. É, assim, o pensamento originário da cidade um sistema fechado, que assimila o aspecto substitutivo das comunidades e que incorpora, por sua vez, os conflitos internos e os interesses das classes que detêm poder político, econômico e social dentro de si mesmo. (HARVEY, 2013; LEFEBVRE, 2011; ROLNIK, 2012 *apud* SANTIAGO, 2019)

Quando se analisa a cidade e a quem ela se destina, é possível perceber o comportamento desse meio para com a população LGBTQIA+. O acesso aos espaços sociais e a falta de políticas públicas para estes indivíduos, fortalece a ideia de pensamentos preconceituosos e violentos, uma vez que isso resulta na invalidade da população LGBTQIA+ e sua participação livre na ocupação da cidade.

A liberdade da cidade é, [...], muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações. [...] A questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoa que desejamos nos tornar (HARVEY, 2013, p. 27-8 *apud* CARVALHO JUNIOR, 2017, p. 105).

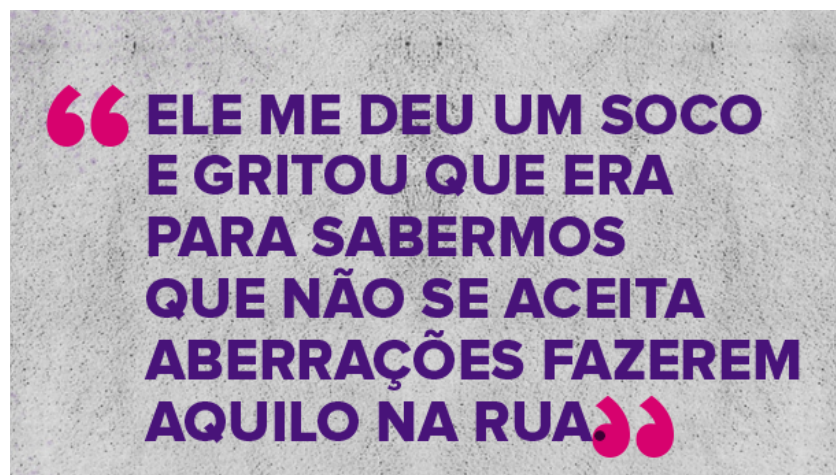
O direito à cidade traz a ideia fundamental de que as desigualdades sociais e opressões sobre minorias, são determinantes e estão determinadas na produção do espaço. Por se encontrar grupos sociais distintos no ambiente público e no ambiente privado, as regras de convívio social mudam. Novos cálculos, novas ponderações, novas análises sobre as pessoas que ocupam estes espaços precisam ser refeitos, como numa economia política dos pensamentos. Através desses novos cálculos, é preciso cuidar para que não se esbarre nas novas ordens da rua até então desconhecidas/ignoradas. (CARVALHO, SANTIAGO, 2019)

Assim, a ideia do que é urbano é uma reprodução do modo de pensamento que entende-se como um pensamento elitista: existem normas de gênero e de sexualidade vigente, compartilhadas e apreendidas pelas demais classes. O espaço é, sobretudo, branco, heterossexual e cisgênero, não assimilando aquilo que desvia do seu preceito ideológico. (SANTIAGO, 2019)

Consoante Jéssica Tavares, graduada em Ciências e Humanidades e em Políticas Públicas, “não se pode falar de cidade sem considerar gênero, raça, classe, afetividade/sexualidade”. Na mesa de Debate “(R)existência da comunidade LGBTQIA+: CISTemas e o direito à cidade”, ela relata que a criação de políticas públicas que garantam o direito à moradia (LGBTs são expulsos de casas) ou o direito a trabalho para pessoas trans, é começar a compreender a luta fragilidade destas pessoas.

A ausência de políticas públicas urbanas para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, visando sua proteção e a garantia de acesso aos direitos básicos para sua dignidade da pessoa humana, é prova suficiente de que a cidade se fecha em torno da heterossexualidade e da cisgeneridade, ignorando a presença e participação de LGBTs em seu corpo. Consequência disso é a aparição de acontecimentos que estão interligados: a invisibilidade social LGBTQIA+ dentro da cidade, e a redefinição desta enquanto “cidade-armário”. (CARVALHO, SANTIAGO, 2019)

Imagem 07: Relatos de LGBTfobia no Brasil. É crime sim!



Fonte: AllOut Brasil, s.d.

O Brasil, como já explanado anteriormente, é o país que mais mata travestis e transsexuais. Conforme o relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU, 2021), entre outubro de 2020 e setembro de 2021 foram registrados 375 assassinatos no mundo, o que

representa um aumento de 7% em relação ao ano anterior. O relatório mostra que o Brasil teve 125 mortes. Por outro lado, só no ano de 2020, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais reportou 175 transfeminicídios e mapeou 80 mortes no primeiro semestre de 2021.

Para compreender melhor o que é a cidade-armário, Gilson e Claudio (2019) indagam: qual é o espaço reservado às lésbicas, aos gays, às pessoas bissexuais, transexuais e às travestis? Quais os espaços negados historicamente à comunidade LGBTQIA+ e quais os espaços negados à população heterossexual? Conseguimos pensar a cidade como um ambiente de corpos transitando livremente ou enxergamos locais – papéis – reservados a determinados corpos?

A figura do armário, aqui colocada, é definida por uma estrutura definidora da opressão, que fortalece a cultura heterossexista, tornando explícito que, enquanto a heterossexualidade e a cisgeneridade são naturalizadas e públicas, a homossexualidade e a transgeneridade devem permanecer no campo privado, sendo consideradas não-naturais e, assim, devem ser ocultas dentro do armário. (CARVALHO, SANTIAGO, 2019)

36% dos homicídios ocorreram na rua. (GGB, 2021). Travestis e profissionais do sexo geralmente são assassinadas a tiro ou espancadas na rua. Se a rua, na sua pluralidade coletiva e sendo um espaço de trocas e cruzamentos, representa um risco grande de existência de uma parte de indivíduos e, até mesmo, de demonstração de afetos, é necessário se questionar acerca da produção desses espaços de sociabilidade. (CARVALHO, SANTIAGO, 2019)

Faz-se necessário, então, disseminar o conceito de cidade como um bem comum. Como uma ideia anticapitalista, que tem como objetivo o resgate de valores de uso, bem como a proteção à vida, se contrapondo à ideia de cidade-armário. Se a cidade deve ser um espaço livre de discriminação, por que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais são tão vulneráveis nos espaços sociais?

O discurso violento e excludente, de que determinado lugar é um local de família e, portanto, deve ser ocupado por heterossexuais, é limitar o espaço urbano de forma a se negar a remodelar um espaço que é um espaço coletivo e, conseqüentemente, que deveria ser democrático.

### 3.2 A Arquitetura Como Espaço De Acolhimento

A existência de LGBTs sem moradia e suas particularidades, tem levado à criação de algumas soluções alternativas, a partir do momento em que se observa uma burocratização e dificuldades nas modalidades apresentadas pelo poder público para o atendimento dessa população.

Do contexto de reconhecimento e afirmação pública de sexualidades cada vez mais cedo na vida dos jovens, homofobia familiar e vulnerabilidades dos jovens indivíduos LGBTs, surge a necessidade de moradia para estes, que muitas vezes não conseguem compatibilizar identidade sexual e vida familiar de forma natural e acolhedora.

Assim, a arquitetura emerge como forma de viabilizar a resolução desta problemática. Uma arquitetura acessível e representativa, para além de uma construção física, mas como instrumento de transformação da realidade, de forma acolhedora e humanizada. Essa humanização, de acordo com Vasconcelos (2004, *apud* SILVA, 2019), pode ser entendida como valor, uma vez que traz de volta o respeito à vida priorizando o ser humano nas esferas social, ética, educacional e psíquica.

As relações sociais tendem a ser influenciadas pelo espaço construído. Espaços humanizados podem aumentar a convivência entre os usuários de determinado lugar. O edifício deixa de ser encarado apenas a partir das suas características físicas (construtivas) e passa a ser avaliado/discutido enquanto espaço “vivencial”, sujeito à ocupação, leitura, reinterpretação e/ou modificação pelos usuários. (ELALI, 1997, p 354 *apud* PRADO, 2021, p. 38).

Essa humanização pode ser aplicada em qualquer ambiente, visando o conforto e bem-estar. Trazendo esses ideais para a arquitetura, percebe-se que os princípios humanizadores estão diretamente ligados a um partido arquitetônico, objetivando o bem estar do usuário, junto às suas necessidades. É válido ressaltar que em habitações coletivas, tais conceitos são amplamente aplicados.

De acordo Raques e Silvia (2011 *apud* SILVA 2019), em projetos de habitação coletiva, é possível afirmar que a relação ambiente e comportamento inclui um senso de “lugar” e de “habitar”. A partir da verificação de necessidades, Kowaltowski (1980) propõe princípios para humanizar a Arquitetura em termos da constância de necessidades sensoriais, de privacidade, territorialidade, segurança, orientação espacial e estética. Um espaço em conjunto com a integração da paisagem, trazendo a aproximação e desenvolvimento de uma relação afetiva do usuário com o espaço em questão.

Segundo Jardim (*apud* BITENCOURT, 2002), com o objetivo de garantir a qualidade do ambiente construído, fatores como ventilação natural, ergonomia, escolha das cores, bem como o impacto da implantação da edificação com seu entorno imediato, são levados em consideração para estudo e efetivação de um edifício que representa bem a funcionalidade e estética e bem-estar.

Ainda, Antonio Batista (2009) sugere linhas de ações que auxiliem na criação de um edifício de qualidade. E é essa qualidade que tem de ser exigida, verificada e direcionada de acordo com as melhores circunstâncias: propor uma relação mútua efetiva e afetiva, entre interior e exterior; diversificação social e integração de pequena escala; relação entre diversidade tipológica; e qualidade do desenho e integração urbana. Ainda segundo Batista, essas ações permitem considerar aspectos do fazer que nos orientam para um sentido global da promoção residencial capaz de gerar uma cidade mais amigável e humanizada.

Assim, este tipo de arquitetura busca amenizar a frieza dos ambientes, dando lugar ao aconchego. O avanço na área da saúde sendo cada vez mais constante, evoluindo diagnósticos e tratamentos, além de desenvolver procedimentos mais efetivos, põe a arquitetura com papel fundamental à prevenção e promoção do bem-estar do indivíduo.

Consoante Iasmin (2017 *apud* SILVA, 2019), sensações de bem estar, de pertencimento ao local, são proporcionadas pelo uso de elementos arquitetônicos, como cores, revestimentos, contato com o exterior, iluminação, conforto ambiental, organização espacial, layout, presença de vegetação e determinados objetos de decoração.

Um habitar humanizado refere-se a esta dupla escala doméstica e pública e pode definir-se como sendo aquele cujas características residenciais e urbanas não são massificadas, monótonas, segregadas social e fisicamente, nem ambientalmente frias, visualmente agressivas, com excesso de presença rodoviária ou com ausência de espaços verdes urbanos. (COELHO, 2009)

Ademais, outro fator importante a estas ações é a questão de acessibilidade. Para além de evitar acidentes no que diz respeito ao acesso de pessoas com mobilidade reduzida, também ajuda na redução da segregação de pessoas. O Desenho Universal abrange mobiliários e equipamentos que são concebidos para todo tipo de usuário. Segundo Cristiane Rose Duarte e Regina Cohen (2003, p. 7 *apud* PRADO, 2021, p. 38), este conceito “representa uma visão positiva uma vez que não se restringe ao objeto arquitetônico, transcendendo largamente suas fronteiras, seja fisicamente, culturalmente ou socialmente falando”.



Dado o exposto, é possível concluir que várias estratégias podem ser adotadas na concepção projetual de modo a proporcionar um espaço mais humano para o usuário, rebatendo tanto na estrutura do edifício em si, quanto na sua relação com a área na qual encontra-se inserido. Além disso, é muito importante o conhecimento de espaços existentes que oferecem o suporte completo que necessita ter um centro de acolhimento e cuidado à população LGBTQIA+.

### **3.3 Entre A Casa E A Cidade Humanizada: Estudos De Referência De Casas De Acolhimento E Cuidado Lgbtqia+ e Suas Estratégias Espaciais E O Fortalecimento Da Vizinhança**

Num contexto de crise econômica que nos últimos anos tem aumentado o tempo de convivência de jovens com a família, alguns jovens LGBTQIA+ percorrem o caminho contrário e acabam saindo do domicílio familiar mais cedo, grande parte das vezes antes de conquistar a independência financeira. Nesse cenário, a necessidade à moradia para esse público emerge, ganha exposição e deixa de ser uma demanda de atendimento restrito à esfera privada, adquirindo um caráter coletivo. (CYMBALISTA, DUARTE, 2018)

Dessa forma, diante de uma demanda por acolhimento para este público, através da moradia, e das dificuldades encontradas nas modalidades apresentadas pelo poder público para seu atendimento, algumas soluções distintas, mas com o mesmo objetivo, têm surgido no Brasil e no mundo.

Os chamados Centros de Referências ou Casas de Acolhimento, são unidades que oferecem apoio à população, promovendo informação e defesa dos direitos LGBTQIA+, desde à saúde desta população, à atenção para situações de exclusão e violência, até questões jurídicas, orientação na emissão de nome social e contratos de parceria civil, por exemplo.

Algumas dessas iniciativas, serão apresentadas a seguir com o objetivo de avaliar e compreender outras propostas projetuais de centros de acolhimento e cuidado para este público, de forma a analisar seu entorno, fluxos, plantas, programas de necessidade, entendendo, dessa forma, as dinâmicas destes locais e o seu funcionamento.

#### **3.3.1 Centro Lgbt De Los Angeles**

O centro LGBT de Los Angeles (Figura 8), chamado anteriormente de Centro Gay e Lésbico de Los Angeles, trata-se de um centro de apoio localizado nos Estados Unidos e é

considerado a maior organização sem fins lucrativos do mundo voltada ao suporte à população LGBTQIA+. Desde 1969, o Los Angeles LGBT Center cuida, defende e celebra indivíduos e famílias LGBTs em Los Angeles e em outras localidades.

Imagem 08: Los Angeles LGBT Center



Fonte: BAAN, 2019

Hoje, com quase 800 funcionários e uma média de 45 mil pessoas atendidas mensalmente, o Centro presta serviços para a população LGBTQIA+, oferecendo programas, serviços e advocacia global, que abrange quatro grandes categorias: saúde, serviços sociais e habitação, cultura e educação, liderança e advocacia. Atualmente, seu espaço é dividido em setores considerando faixa etária e função, tais como Centro Juventude, Centro Adulto e Serviços Comuns, por exemplo. (LGBT CENTER, 2022)

Em 2019, a instituição inaugurou o campus *Anita May Rosenstein* (Imagens 09 e 10), com o objetivo de oferecer maior suporte às duas partes mais vulneráveis da comunidade: jovens e idosos. O projeto desse edifício é dos arquitetos Killefer Flammang e Leong Leong e possui uma nova organização no funcionamento das atividades, mantendo as características intrínsecas da obra, para o desenvolvimento urbano de base comunitária que inclui diversos programas sociais e habitacionais a preços acessíveis.

Imagens 09 e 10: Los Angeles LGBT Center - Campus Anita May Rosenstein



Fonte: Baan, 2019

O *Anita May Rosenstein* visa organizar em um só local e expandir uma gama de serviços para jovens e idosos que o Centro fornecia anteriormente em diferentes locais da cidade, incluindo os programas de Artes Culturais localizados no The Village. (LA LGBT CENTER, 201?)

O Campus irá oferecer 99 unidades de moradias populares para idosos, cerca de 25 unidades de moradia para jovens e 100 quartos temporários para jovens desabrigados. Também terá um espaço comercial destinado a locação, cozinha comunitária e 2 níveis de estacionamento subterrâneo. As instalações novas e antigas se interligam através de pátios e praças internas e externas. (KFA ARQUITETURA, LEONG LEONG, 2019)

A edificação existente, passará a atender apenas os serviços médicos, considerando a alta demanda de serviços relacionados à saúde, como assistência médica, mental e de dependência química, além de promover testes e tratamento para o HIV, além de outras ISTs.

Imagem 11: Planta Baixa - Campus Anita May Rosenstein



Fonte: ArchDaily, modificado pelo autor, 2022

Os arquitetos criaram espaços ao ar livre seguros e privados para os usuários e funcionários. Grandes portas deslizantes, com vidros arrojados, ao redor do pátio interno do Centro Juvenil podem ser abertas para uma cozinha comum e sala de atividades principal, criando uma conexão perfeita entre o interior e o exterior. (PINTOS, 2019)

Imagens 12 e 13: Imagens internas do LGBT Center



Fonte: Baan, 2019

Ao longo do perímetro do edifício, as entradas e janelas fazem uso de peles de vidros e são cuidadosamente localizadas para permitir o acesso, às vistas de entorno/paisagem e a entrada de luz, sem deixar de proporcionar a privacidade necessária dos usuários. Foi criada, também, uma nova praça urbana, que permite encontros e eventos ao ar livre. (KFA ARQUITETURA, LEONG LEONG, 2019)

O projeto do Campus enfatiza a conectividade com a vizinhança. O conceito de design integra um mosaico de espaços e programas únicos que - juntamente com o The Village - acolhe e conecta moradores, vizinhos, clientes e funcionários. É um edifício imponente, e funciona como um marco para as questões de atendimento à comunidade. (KFA ARQUITETURA, LEONG LEONG, 2019)

### **3.3.2 Casa 1**

Em um país onde a população LGBTQIA+ não conta com muitas políticas públicas que visem protegê-los e assegurar seus direitos, o jornalista Iran Giusti decidiu criar um programa de apoio para pessoas que foram expulsas de casa, e não tinham para onde ir, por causa de suas orientações sexuais e identidade de gênero. Militante das causas da população LGBT, Iran, de 27 anos, abriu as portas do seu apartamento em 2015 para abrigar essas pessoas. Com a alta demanda, ele teve a ideia de buscar uma casa que pudesse funcionar como um espaço de acolhimento. (CETRONE, 2021)

É nesse contexto que, em 2017, nasce a Casa 1 - Centro de Acolhida para Pessoas LGBTs e Centro Cultural.

Localizada na região central da capital paulista, o local engloba seu trabalho em três frentes de atuação: a república de acolhida para pessoas LGBTQIA+ expulsas de casa; o Galpão Casa 1, um centro cultural para atividades culturais e educativas; e a Clínica Social, que faz terapias complementares, atendimentos psicoterápicos e atendimentos médicos pontuais, sempre com perspectivas humanizadas e com foco na promoção da saúde mental, em especial da comunidade LGBT. A Casa 1 (Imagem 14) cria, então, nas palavras de Iran (2019), "quase uma rede para evitar que esses jovens entrem numa situação de rua". (CYMBALISTA, DUARTE, 2019)

A república de acolhida foi a primeira frente de atuação da Casa 1. Cerca de 400 jovens LGBTQIA+, expulsos de casa por causa de suas orientações sexuais e identidade de gênero, já foram abrigados. Com 20 vagas disponíveis, por um período de 4 meses, tem como

objetivo funcionar como uma casa temporária, onde trabalha de forma multidisciplinar para que os jovens acolhidos consigam autonomia para seguir sua trajetória com segurança.

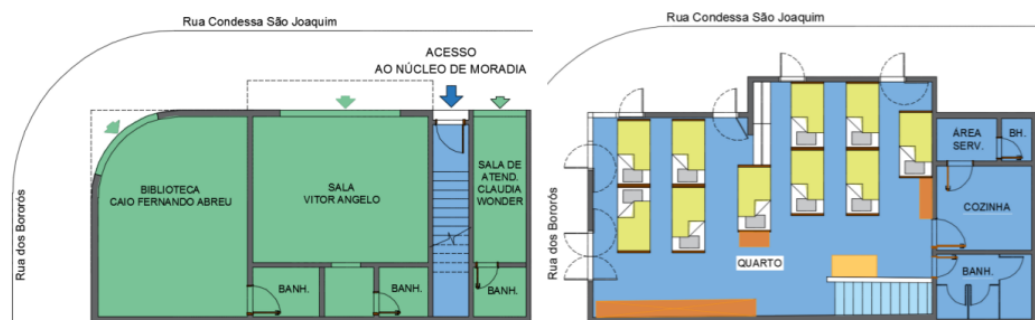
Imagem 14: República de Acolhimento Casa 1



Fonte: Casa1, 2020

Atualmente, a Casa 1 tem em seu andar térreo, o equipamento cultural e assistencial, que se divide em três espaços independentes: a Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu, a Sala de Atendimento Paliativo Claudia Wonder e a Sala de Convivência Vitor Angelo. Por ser um edifício com formato comercial, os espaços, quando abertos, estabelecem ligação direta com a rua, fazendo uso da calçada como extensão desses espaços.

Imagens 15 e 16: Croqui esquemático da Planta Baixa - Casa 1. À esquerda: Planta Baixa Térreo; À direita: Planta Baixa 1º Pavimento.



Fonte: Artur Duarte e Renato Cymbalista, 2019

Imagens 17 e 18: Espaços internos da República de Acolhimento



Fonte: Casa1, 2020

Sete meses após sua inauguração, a organização começou a observar o Centro Cultural como uma ferramenta de atendimento continuado aos ex-moradores, como um espaço de apoio. Assim, em Outubro de 2017, o centro é realocado para uma nova unidade: o Galpão 1 (Imagens 19 e 20). Movido para uma distância de 300 metros da sede principal, possibilitou o aumento da capacidade de atividades e público recebido, mantendo uma produção de oficinas, cursos e bate-papos para todos.

Ampliou, ainda, o diálogo com seu entorno e com a sociedade em geral por meio de um espaço de interesse público. Quem vive na vizinhança é o maior público que frequenta a casa no dia a dia. Isso resulta num espaço mais seguro para os moradores, o público que frequenta a Casa e para os LGBTs em geral. (CYMBALISTA, DUARTE, 2019)

Imagens 19 e 20: Centro Cultural Casa 1



Fonte: Casa1, 2019

Por fim, a Casa 1, também, conta com um espaço para atendimento à Clínica Social. Sediada inicialmente dentro dos espaços do Galpão 1, a Clínica Social Casa 1 (Imagens 21e

22) ganhou, em maio de 2019, uma sede com 10 salas de atendimento individual, onde desde então passa a atender cerca de 120 pacientes por mês e realizar 40 plantões de escuta.

De acordo com a Instituição Casa 1 (2019), a Clínica conta com atendimento psicoterápico continuado, atendimento psiquiátrico, acompanhamento com nutricionistas, plantão de escuta e diversas modalidades de terapias complementares. Com cerca de 60 profissionais atendendo ao público, o local busca atendimento, principalmente para pessoas LGBTQIA+ e pessoas pretas.

Imagens 21 e 22: Centro Cultural Casa 1



Fonte: Casa1, 2020

### 3.3.3 Centro De Acolhimento Ezequias Rocha Rego - Caerr

A luta pelo direito à moradia e igualdade de direitos se faz presente na comunidade LGBTQIA+. Com esse pensamento, o Grupo Gay de Alagoas (GGAL) deu início a uma mobilização social, para que a primeira casa de acolhimento e cuidado à saúde a esse público fosse inaugurada no estado de Alagoas.

Assim, nasce o Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego - CAERR (Imagem 23 e 24). Inaugurada em Janeiro de 2021, a Instituição, que é a primeira casa de acolhimento de Alagoas, está localizada na Rua Supervisor Ivaldo Ferino, nº 413, no bairro do Clima Bom, em Maceió. Recebeu esse nome em homenagem ao militante do GGAL, Ezequias Rocha Rego, que foi assassinado em 2011, em Jacarecica, Maceió. (G1 AL, 2021)

O objetivo é levar assistência a pessoas da comunidade LGBTQIA+ do Estado, que foram vítimas de violência e exclusão por causa de suas orientações sexuais e identidade de gênero, através do abrigo temporário e acolhimento social: assessoria jurídica, psicológica,



curso s profissionalizantes e atividades nos segmentos de arte e cultura, amenizando as vulnerabilidades as quais este público está submetido.

Imagens 23 e 24: Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego



Fonte: Ascom/CAERR, 2021

De acordo com Nildo Correia, presidente do GGAL, em entrevista ao G1 AL (2021), durante a pandemia da Covid-19, cerca de 400 pessoas buscaram apoio do grupo, onde relataram casos de agressões de seus familiares. Nildo conta que foram por esses motivos “a necessidade de um acolhimento específico para essa população”. Fez-se emergencial a criação de um espaço destinado a isto. “Com a pandemia, a violência acabou aumentando principalmente dentro de casa, com os próprios familiares. Nós recebemos 42 casos que foram encaminhados para abrigos municipais, de pessoas que foram expulsas ou que perderam o emprego e não tinham onde morar”, completou. (G1 AL, 2021)

O corpo de funcionários do CAERR, é composto por mais de 100 profissionais voluntários, das mais diversas áreas, capacitados para oferecer um tratamento especializado ao público LGBTQIA+. Também, o local reúne informações mais precisas sobre os casos de violação de direitos, homofobia e outros crimes à comunidade, permitindo gerar indicadores de atos discriminatórios em Maceió, bem como no Estado.

### **3.4 Considerações E Síntese Dos Referenciais**

A análise dos referenciais citados anteriormente, contribuíram para o entendimento destes espaços, bem como o desenvolvimento de um projeto que atendesse seus possíveis usuários, de forma acessível e acolhedora. Os exemplares escolhidos para estudo de casos auxiliaram de forma relevante para o desenvolvimento do estudo preliminar apresentado.

Cada um deles possibilitou a reunião de fatores importantes e necessários para a elaboração do partido arquitetônico do projeto.

Estes centros ou casas de referência, são locais voltados a promover a informação, cidadania e defesa dos direitos desta população, bem como a assistência social e jurídica destes indivíduos.

A tabela abaixo reúne os principais pontos relevantes de cada um dos projetos analisados de forma clara e direta e organiza-se expondo a categoria de análise e a nomenclatura dos casos estudados.

ESTUDOS DE CASO	
Estudos de caso	Elementos fundamentais
<p>Los Angeles LGBT Center</p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Programa de Necessidades;</li> <li>● Pré-dimensionamento</li> <li>● Zoneamento;</li> <li>● Relação externo e interno, iluminação e ventilação natural e aspectos plásticos da forma;</li> <li>● Integração do entorno à edificação;</li> <li>● Implantação e paisagismo;</li> <li>● Flexibilidade e espaços fluidos.</li> </ul>
<p>Casa 1</p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Programa de necessidades amplo e que organiza formas de trabalho, moradia e assistência social;</li> <li>● Espaços culturais e educativos;</li> <li>● Centro de referência;</li> <li>● Fluxos;</li> </ul>
<p>CAERR</p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Espacialização e organização dentro do espaço</li> <li>● Programa de necessidades do edifício atualmente;</li> <li>● Anseios e Carências;</li> <li>● Localização e entorno.</li> </ul>

# 4º Capítulo

## Caracterização da área

**"EU ESTOU NO  
CAMINHO CERTO [...],  
EU NASCI PARA SER  
FORTE"**

Born This Way - Lady Gaga

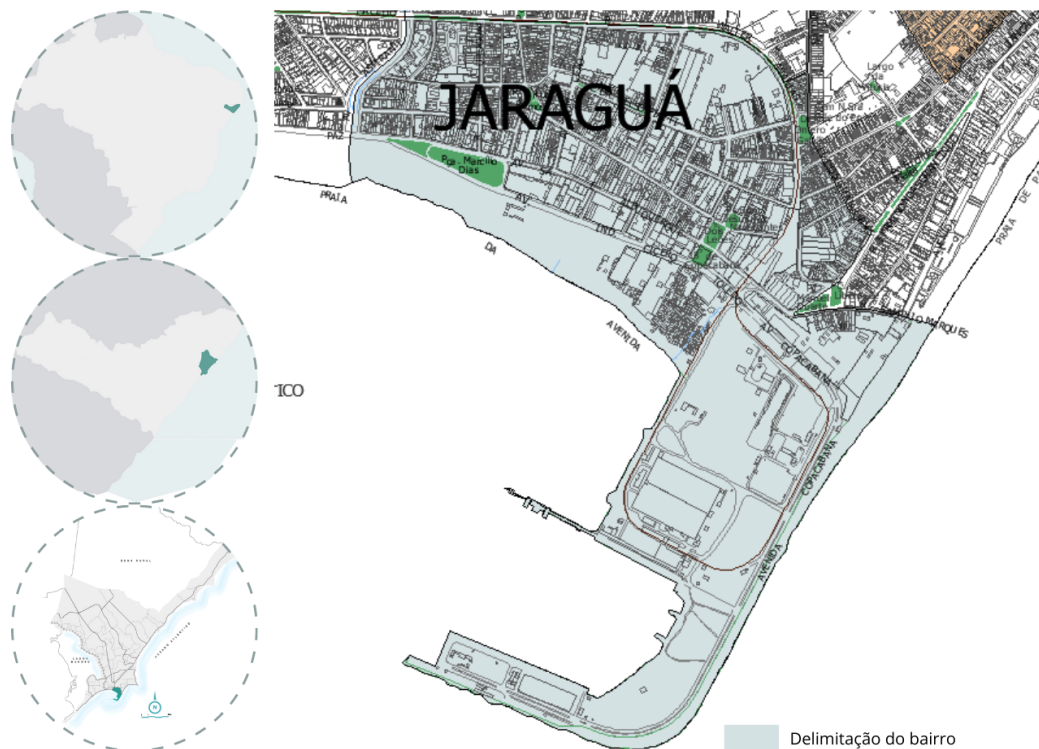
## 4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

### 4.1 O Bairro Do Jaraguá: Aqui A Cidade Começou A Ser Colorida

A proposta para o Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN), insere-se no Jaraguá (Imagem 25), bairro histórico e culturalmente importante para a cidade de Maceió, Alagoas. De acordo Nascimento (2018), o Jaraguá é um bairro representativo para a capital alagoana, onde guarda valor memorial e socialmente marcante. Onde antigamente era uma vila, surgiu antes mesmo da povoação de Maceió.

O passado do lugar se mistura com o da criação e do desenvolvimento da cidade. Naquele pequeno recorte limitado entre o mar, o Poço e o Centro da cidade, surgiram os primeiros pontos de desenvolvimento da então vila, que teve seu crescimento tão rápido na capital da época, atual Marechal Deodoro. Este desenvolvimento aconteceu por causa do porto, que transformou o local num imenso comércio com negócios de todos os âmbitos. (PIMENTEL, 2017)

Imagens 25: Mapa esquemático da localização do Jaraguá



Fonte: SEDET, 2020. Adaptado pelo autor.

De acordo com a Lei Municipal 4.952 de 6 de janeiro de 2000 (Maceió, 2000), o bairro tem seu ponto inicial a partir da ponte sobre o Riacho Salgadinho, e ponto final no fim da Rua Buarque de Macedo e início da Av. Maceió. Do ponto inicial segue pelo eixo da Linha Férrea, através da Avenida Maceió, até a travessa Zeferino Rodrigues. Daí, até a Rua Zeferino Rodrigues. Segue por esta até a Rua João Camerino. Daí, até a Rua Epaminondas Gracindo. Segue por esta até a Praça Manoel Duarte (antiga Praça da Liberdade). Contorna a referida praça até a Rua Sampaio Marques. Segue por esta, prolongando-se em linha reta até a margem do Oceano Atlântico na Praia de Pajuçara. Segue pela margem do Oceano Atlântico, incluindo o terminal portuário de Jaraguá, até a foz do Riacho Salgadinho, na Praia da Avenida. Segue pelo Riacho Salgadinho, no sentido contrário do seu curso, até o ponto inicial, ponte do cruzamento da Linha Férrea, no início da Avenida Maceió. Seus limítrofes incluem os bairros do Centro, Poço e Pajuçara.

Considerado o berço da cultura da capital alagoana, com seu charme característico e arquitetura do século XIX, ele ainda mantém de pé, e em conservação, muitos prédios originais da época de sua fundação. (VASCONCELOS, 2015 *apud* PRADO, 2020)

Para o recorte dos dias atuais, o Jaraguá abriga, hoje, a maioria das atividades culturais direcionadas à população LGBTQIA+, sendo ponto de concentração de boates, barzinhos e casas de show, bem como outros serviços fundamentais para a resistência da comunidade. Uma localização intrínseca aos referenciais culturais e de lazer do bairro e que são ocupados pela comunidade.

A exemplo do Oráculo, Praça Dois Leões, Rex Jazz Bar e a Associação Comercial de Maceió, sendo esse último um museu de tecnologia e que já serviu de palco para palestras e eventos, como a 9º edição da Bienal do Livro.

Imagens 26 e 27: e Rex Jazz Bar e a 9º Bienal do Livro nas escadarias da Associação Comercial



Fonte: Renner Boldrino, 2018. G1/Marcio Chagas, 2019

É, também, sede da Prefeitura, do Museu de Arte Brasileira, da Associação Comercial de Maceió e do Centro de Convenções (Imagem 28), construído em 2005, para receber eventos de grande porte na cidade. É interessante frisar que a inauguração do Centro, fez com que o cenário urbano do bairro fosse alterado, ocorrendo em um momento em que o comércio na área estava em declínio. (PIMENTEL, 2017)

Imagem 28: Centro Cultural e de Exposições de Maceió



Fonte: Lucas Meneses, 2021

Ainda, o bairro carrega consigo aspectos naturais, sociais e econômicos que beneficiam diferentes tipos de vida e rotina, tanto dos moradores locais, como comerciantes e frequentadores, advindos de outros bairros e cidades. Tem, inclusive, recebido nos últimos meses, a valorização por parte de investimentos do governo. Palco de grandes eventos culturais, como o São João de Massayó (Imagem 29), onde recebeu um grande público, sendo considerado o maior São João do litoral do Brasil. (PREFEITURA DE MACEIÓ, 2022)

Imagem 29: São João de Maceió bate recorde de público



Fonte: Davysson Mendes/Secom Maceió, 2022

É fato que o bairro ainda é reconhecido como um local de passagem e, para a população, como um lugar boêmio e até promíscuo. É possível perceber, hoje, a lembrança de uma pequena parcela de moradores e residências, e um maior número de galpões abandonados, edificações comerciais e bancos. (ALTAVILA, 1988; PEDROSA, 1998; ANDRADE, 2005; ATAÍDE, 2015; ARAÚJO, 2017 *apud* FIORIN, VASCONCELOS, 2020)

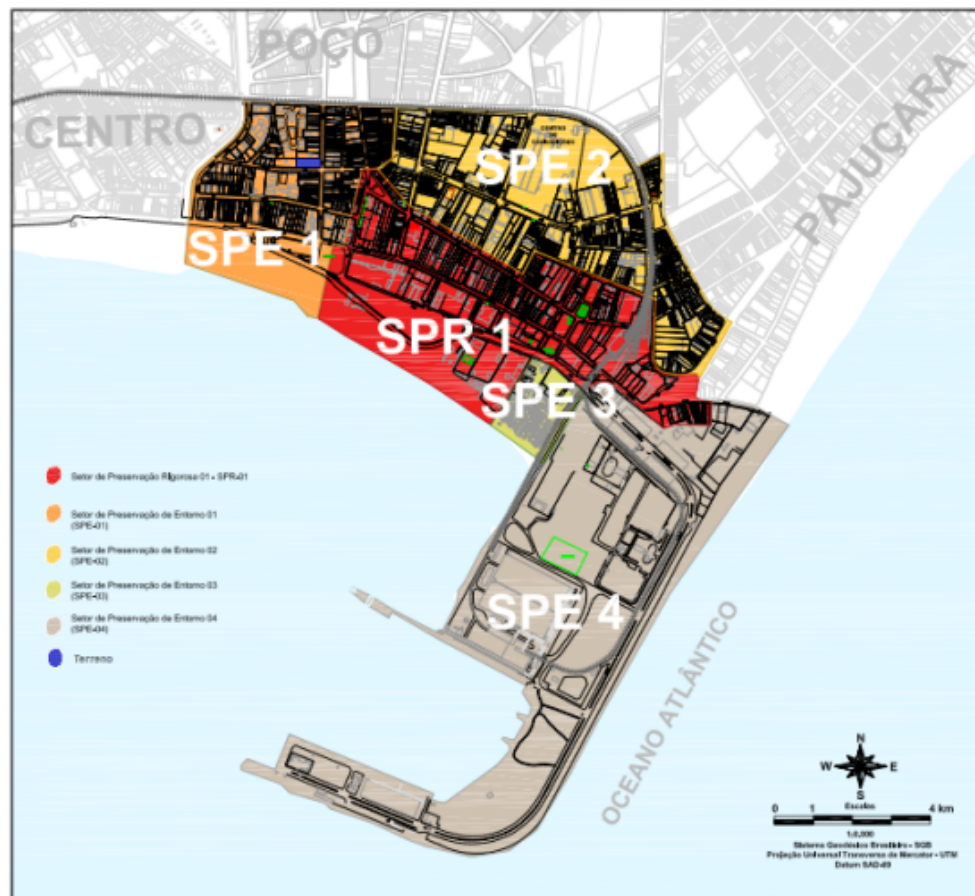
#### 4.2 A Escolha Do Terreno

O bairro do Jaraguá está localizado na Zona Especial de Preservação Cultural 1 (ZEP-1), visto que se trata de um sítio histórico, onde tem sua preservação direcionada à vocação comercial, de moradia, de lazer, de cultura e de turismo. (PREFEITURA DE MACEIÓ, 2006)

A ZEP-1 (Imagem 30) é constituída pelos seguintes setores: Setor de Preservação Rigorosa 1 (SPR-1): formado pelo núcleo do bairro, mantendo a característica urbana e a tipologia das edificações de interesse histórico e arquitetônico; Setor de Preservação Rigorosa 2 (SPR-2): garante que as ruínas, edificações isoladas situados no Jaraguá, tenham suas características mantidas, obedecendo o controle de intervenções; Setor de Preservação do Entorno Cultural 1 (SPE-1): setor de predominância residencial, mantendo na maioria de suas

vias a escala e o traçado urbano original; Setor de Preservação do Entorno Cultural 2 (SPE-2): de uso residencial, comercial e de serviços, na maioria relacionados à atividade portuária; Setor de Preservação do Entorno Cultural 3 (SPE-3): composto por edifícios ocupados pela população de baixa renda, cuja principal meio de trabalho é a pesca; e por último, o Setor de Preservação do Entorno Cultural 4 (SPE-4): que engloba as construções ocupadas por atividades portuárias. (PREFEITURA DE MACEIÓ, 2006)

Imagem 30: Mapa da Zoneamento de Preservação Especial 1- Jaraguá

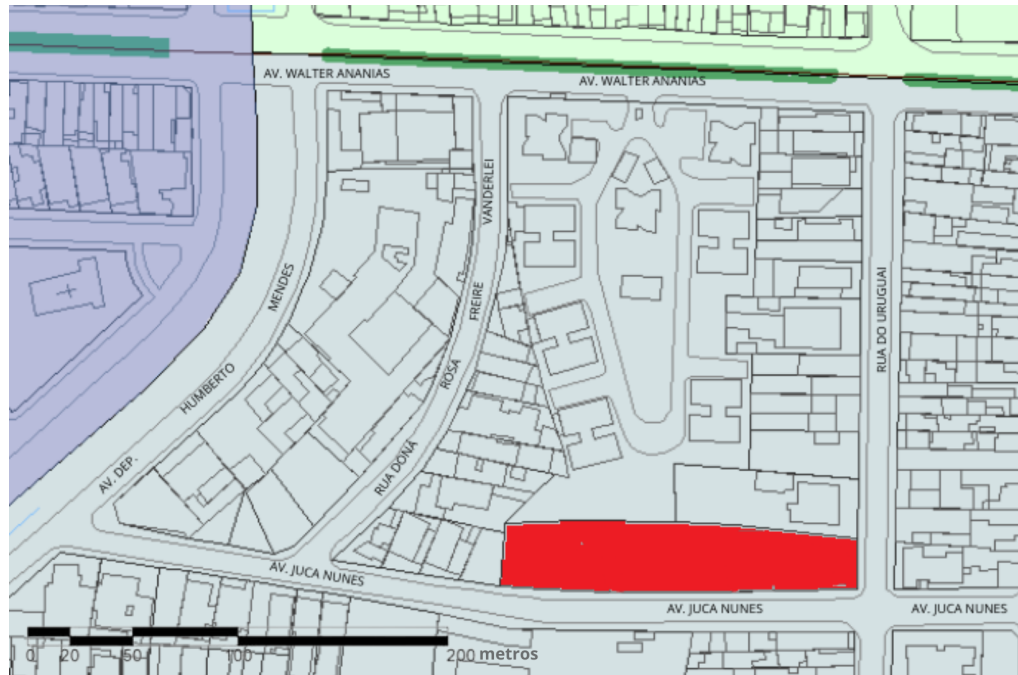


Fonte: SEMPLA, 2007. Adaptado pelo autor.

Nesse contexto, a proposta do Centro Agenor M. A. Neto, implanta-se na Av. Juca Nunes, Jaraguá, em um terreno de esquina (Imagem 31), com área de 2.803,46 m<sup>2</sup>, zoneada na ZEP-1, com setorização no Setor de Preservação de Entorno 1 (SPE-1), que, como dito anteriormente, tem predominância residencial e requer verticalização baixa, visando preservar e diminuir a intervenção paisagística da urbanização.



Imagem 31: Mapa de localização do Terreno



Fonte: Elaboração autoral, 2022

O Centro de Acolhimento irá oferecer alojamento coletivo, bem como cuidado à saúde, assistência social e jurídica e atividades culturais, se classificando, então, como uso de serviço. Dessa forma, no que diz respeito aos aspectos legais, utilizou-se da legislação vigente e dos instrumentos de ordenamento urbano, conforme o Plano Diretor de Maceió (2006), com o intuito de compreender as instruções e singularidades do bairro e seus recortes.

Tabela 02: Parâmetros Urbanísticos Jaraguá - ZEP-1|SPE-1

ZONAS/ SETORES	USOS	TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA	ALTURA MÁXIMA (nº de pavimentos)	TESTADA MÍNIMA DO LOTE (m)	ÁREA MÍNIMA DO LOTE (m <sup>2</sup> )	RECUO MÍNIMO		COEFICIENTE DE APROVEITAMEN- TO	VAGAS DE ESTACIONA- MENTO
						FRONTAL (m)	LATERAL E DE FUNDOS (m)		
ZEP-/ SPE-1	Comércio, Serviços e Indústrias - Grupos I e II	A.C. até 70m <sup>2</sup> - 90% A. C. até 300m <sup>2</sup> - 80% Acima de 300m <sup>2</sup> - 70%	2 <sup>(*)</sup>	-	-	5	-	3	Isento até 70m <sup>2</sup> Até 500m <sup>2</sup> de A.C. 1 vaga p/ 100m <sup>2</sup> Acima de 500m <sup>2</sup> 1 vaga p/ 150m <sup>2</sup>

Fonte: Prefeitura de Maceió, 2006

### 4.3 Análise Do Entorno e Condicionantes Projetuais

O terreno, por se caracterizar como uma área de esquina, tem suas fachadas Sul e Leste voltadas para a Av. Juca Nunes e a Rua do Uruguai, respectivamente, sendo essa última uma rua de bastante uso de carros e linhas de ônibus, que conectam a outros pontos da cidade, além da ligação direta a pontos como Associação Comercial ou o Memorial da República.

Pode-se perceber na imagem 32, também, a proximidade com pontos importantes acerca da promoção à saúde como a UPA ou o PAM Salgadinho, este último oferecendo atendimento médico especializado, além de acompanhamento no tratamento do HIV, o que poderia ser pontos de rede de apoio ao Centro.

Uma curiosidade acerca do entorno imediato é a ausência de prédios altos, como nos bairros vizinhos. Existe somente o Edifício Tatiana, prédio situado em frente a Praia do Jaraguá e que se destaca por ultrapassar o gabarito da região: são 13 pavimentos + pilotis. Isso acontece, porque o edifício foi construído em 1975, um dos primeiros prédios de Maceió, ou seja, executado antes do Código de Urbanismo de Maceió, que permite a verticalização de até 4 pavimentos, para uso residencial. (PREFEITURA DE MACEIÓ, 2006)

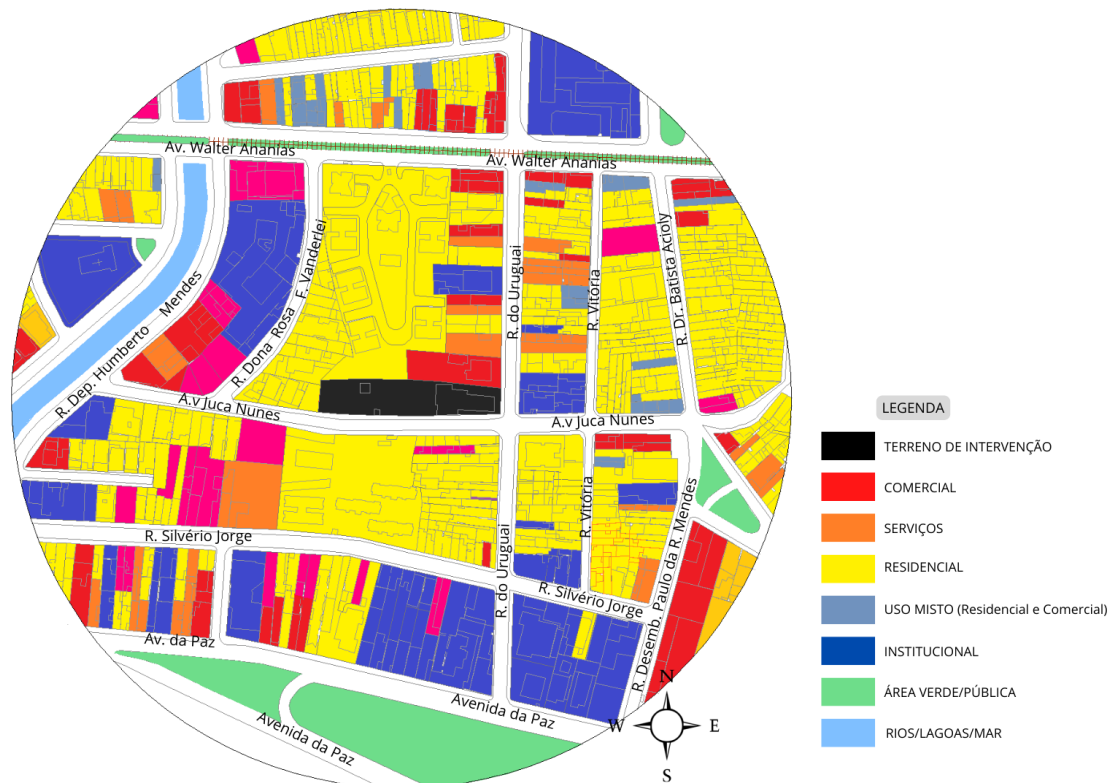
Imagem 32: Mapa de pontos referenciais do entorno do terreno.



Fonte: Google Earth, 2020 (Adaptado pelo autor)

A área de influência direta, considerando um raio de 300 metros (Imagem 33), apresenta um bom número de instituições, seja voltado para saúde, educação ou órgão público. Também, é possível perceber a predominância de residências unifamiliares com as casas mantendo as características primitivas do bairro. Encontram-se, também, comércios, tanto independentes, quanto inseridos em edificações mistas; estabelecimentos de serviços e áreas verdes.

Imagem 33: Mapa de uso e ocupação do solo.



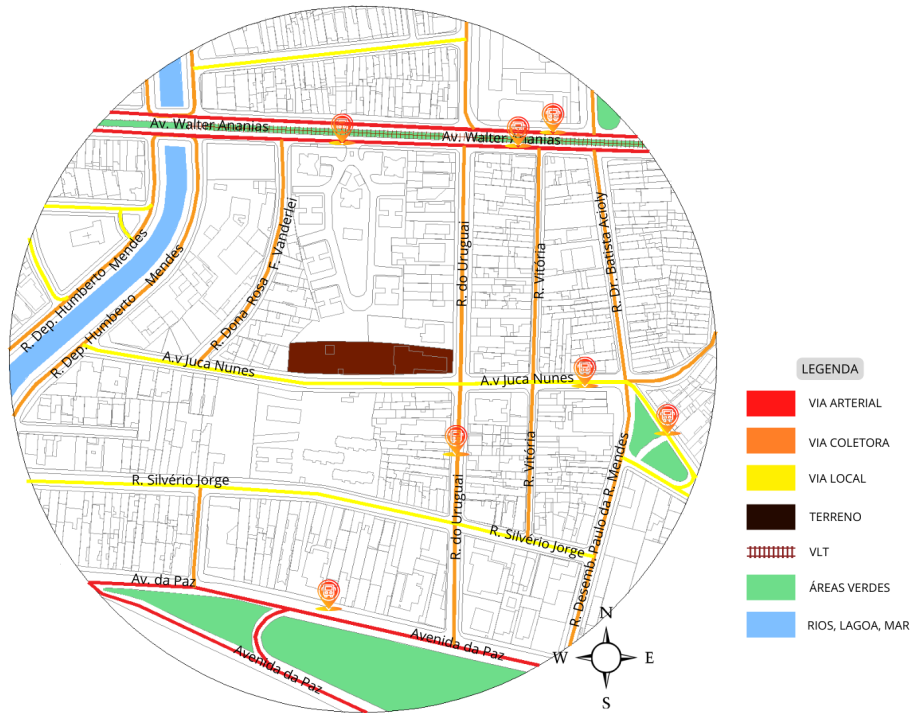
Fonte: Elaboração autoral, 2022

Quanto ao sistema viário e suas vias de acesso (Imagem 34), a localização do terreno dispõe de vias arteriais importantes, que ligam o bairro a outros lugares da cidade, como Pajuçara, Centro e Poço, por exemplo. A Rua do Uruguai, rua paralela a testada Sul do terreno, é uma importante via coletora, onde faz ligação direta com a Av. da Paz e Av. Walter Ananias, duas avenidas que facilitam o acesso a outros pontos da cidade.

Percebe-se, também, a boa disponibilidade de acesso ao transporte público da cidade. Existem pontos de ônibus bem próximos, inclusive na R. do Uruguai, que são atendidos por linhas importantes, como as linhas 706 e 708, por exemplo, que ligam Jaraguá a a Cidade

Universitária, parte alta da cidade, e a Cruz das Almas, parte baixa da cidade . Além disso, a Av. Walter Ananias tem a passagem do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos).

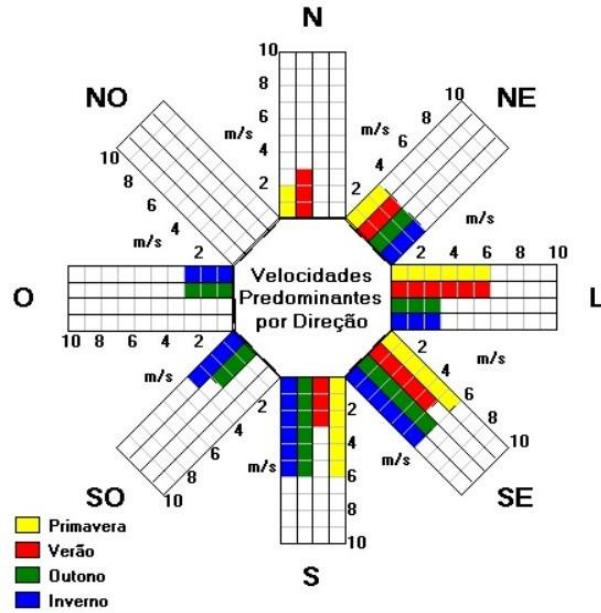
Imagem 34: Mapa de sistema viário e principais vias de acesso.



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Em se tratando da ventilação natural e questões de insolação, utilizou-se o *software* SOL-AR (Imagem 35), um programa gráfico, produzido pelo Laboratório de Eficiência Energética em Edificações (labEEE), que permite a obtenção da carta solar da latitude especificada, bem como a possibilidade de obtenção da rosa dos ventos para frequência de ocorrência dos ventos e velocidade média para cada estação do ano em oito orientações (N, NE, L, SE, S, SO, O, NO).

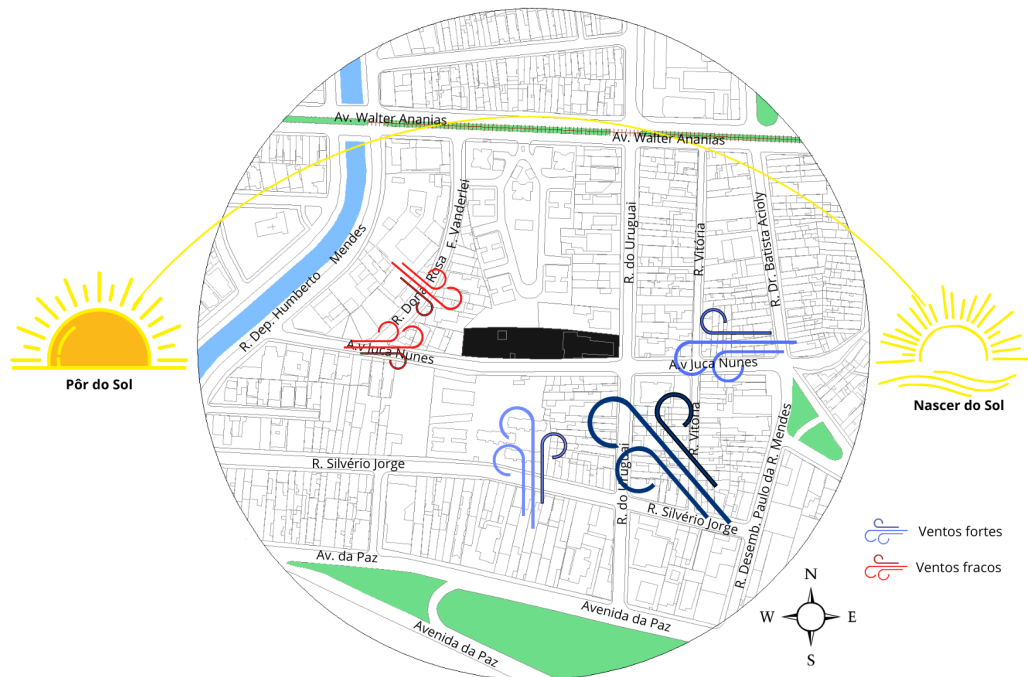
Imagem 35: Carta Solar



Fonte: Sol-AR, 2022

Dessa forma, notou-se que a implantação do terreno tem uma posição favorável aos ventos predominantes e as questões de insolação, onde suas duas fachadas frontais, têm testada voltada para o Leste e Sul, onde receberão os ventos predominantes da área.

Imagem 35: Mapa de insolação e ventos

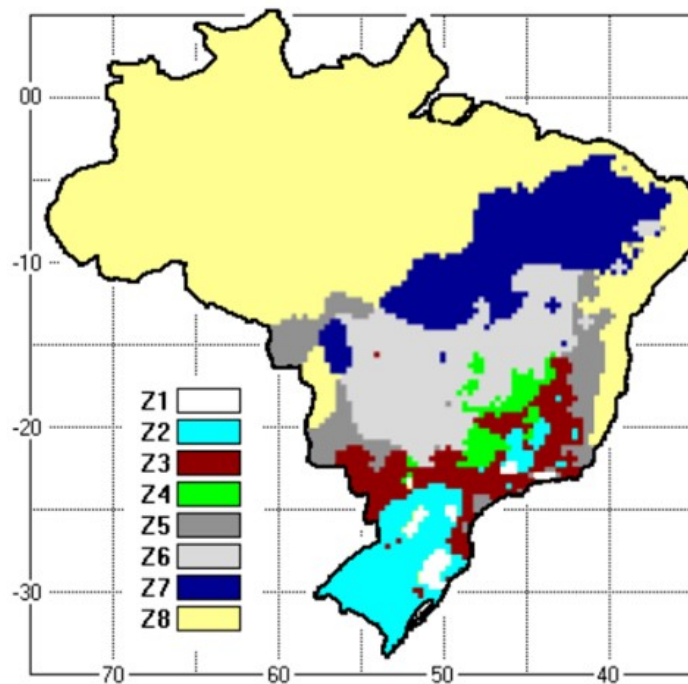


Fonte: Elaboração autoral, 2022

Ainda, analisando a Zona Bioclimática 8, a qual a cidade de Maceió pertence, as recomendações construtivas são para aberturas grandes e totalmente sombreadas, o uso de paredes e coberturas leves e refletoras. A estratégia bioclimática recomendada é o uso de ventilação cruzada o ano todo. A norma adverte que apenas o condicionamento passivo não será suficiente durante as horas mais quentes.

O zoneamento bioclimático (Imagem 36) é uma classificação que separa em zonas o território brasileiro, levando em consideração suas características bioclimáticas. São fatores levados em conta: posição geográfica, temperatura média mensal, temperatura máxima e mínima e umidade relativa do ar média. A classificação feita pela NBR 15.220/2005 atualmente divide nosso país em 8 zonas bioclimáticas.

Imagem 36: Mapa de insolação e ventos



Fonte: ZBBR, 2021

Além disso, o CAMAN é cortado por uma via (Rua do Uruguai) de conexão direta a Praia da Avenida, permitindo que os ventos sul e sudestes cheguem à edificação de forma direta e sem obstáculos.

Imagem 37: Estudo de Insolação - Solstício de Inverno (09:30).



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Imagem 38: Estudo de Insolação - Solstício de Inverno (15:30)



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Imagem 39: Estudo de Insolação - Solstício de Verão (09:30)



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Imagem 40: Estudo de Insolação - Solstício de Verão (15:30)



Fonte: Elaboração autoral, 2022.



# 5º Capítulo

# A Proposta de Projeto

**"E AQUI FAÇO,  
ME MOVO, MORRO E  
RENASÇO, FEITO CAPIM  
QUE SE ESPALHA"**

Quem soul eu - Linn da Quebrada

## 5. ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO

Espaços que deveriam promover o amor e o bem estar daqueles que o ocupam, por vezes refletem crueldade, por conta do preconceito, discriminação, estigma e abandono. Diante das fragilidades e do desamparo dentro do ambiente familiar, viver na rua torna-se a única opção. O cenário pandêmico, somado ao avanço de um governo conservador e lgbtfóbico, expõe a fragilidade das poucas políticas públicas criadas para o público LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social.

Assim, mesmo diante de um cenário desanimador, com tantas mortes violentas, em uma sociedade conservadora e preconceituosa, os Centros de Acolhimento e Cuidado, que visam proteger, acolher e ajudar pessoas em situação de vulnerabilidade, se tornam ainda mais essenciais. Estes centros têm um papel importante na sociedade, onde lugares como esses, muitas vezes conseguem resgatar a autoestima e coragem daqueles que são alvo da exclusão.

Dessa forma, o projeto aqui apresentado, tem como objetivo prestar assistência social, acolhimento físico de pessoas LGBTQIA+ vulneráveis socialmente, bem como a promoção de arte e cultura, colocando o espaço proposto como um caminho para reinserção na sociedade.

### 5.1 Conceito E Partido Arquitetônico

É sabido que as Casas de Acolhimento, voltadas para a população LGBTQIA+, surgem como iniciativas para suprir a ausência dos responsáveis legais ou do Estado. São espaços que oferecem serviços jurídico, social e cultural para os indivíduos pertencentes a essa comunidade, dando o suporte necessário para que isso aconteça de forma justa e igualitária à sua diversidade.

Nesse sentido, o projeto visa proporcionar ao usuário do espaço projetado a sensação de acolhimento e segurança, rodeado pelos seus semelhantes. Um habitar humanizado, que de acordo Coelho (2009 *apud* MONTEIRO, p. 38, 2022), precisa estar relacionado a esta dupla escala doméstica e pública, onde se imputa em um edifício agradável e que convida o seu entorno a preencher e ocupar aquele lugar.

Ainda, o espaço abriga e permite uma perspectiva do amanhã combinando uma acolhedora experiência ao ar livre com um interior funcional, através de espaços de

convivência amplos e rodeado pelo verde da natureza que adentra a edificação por meio de jardins e caminhos verdes.

Assim, surge o CAMAN: Casa. Aquela Casa onde o indivíduo escolhe automaticamente a sua nova família. O seu lugar de refúgio. A liberdade para ser quem é. *“It’s a question of human beings in a mutual bond”* (*Paris is Burning*, 1990). É sobre seres humanos em um vínculo comum. Espaços que propiciem a diversão, com livre expressão e acolhimento desses corpos.

Para compreender melhor, é preciso voltar um pouco no tempo. Na década de 1980, nos Estados Unidos, quando jovens eram expulsos de casa por sua identidade de gênero ou orientação sexual, alguns deles eram acolhidos por alguma “mãe” de alguma “Casa”, onde uma pessoa exercia o papel de mãe e acolhia jovens em sua casa, onde formavam uma família.

Isso é bem retratado na série *Pose* (Imagem 41). Ambientada em 1987, a série é centrada na vida da personagem Blanca, uma participante de bailes LGBTQIA+ que acolhe algumas pessoas marginalizadas pela sociedade. É uma história da cultura de bailes, da comunidade gay e trans e da crise violenta da AIDS.

Imagem 41: Hailie Sahar, Dominique Jackson e Angelica Ross em cena da série *Pose*



Fonte: *Pose*, 2018

Então, para atender as intenções projetuais aqui apresentadas, buscou-se, em primeiro lugar, priorizar a permeabilidade visual e física entre os espaços da edificação, tornando os espaços mais abertos e evitando a sensação daqueles espaços fechados ou delimitados,

trazendo a sensação de que os usuários são bem-vindos e têm autonomia para frequentar todos os espaços. A permeabilidade visual, contribui para a dinâmica urbana, incentivando o deslocamento dos pedestres, tornando o espaço público mais vívido e atrativo. Um edifício permeável, seja visual ou físico, permite o contato dos transeuntes com o seu interior. Em vez de muros, possui grades, alambrados ou, melhor ainda, jardins. Em vez de vidros refletivos, tem brises e cobogós. De acordo Jan Gehl (2011), o contato entre o que acontece no espaço público e dentro dos edifícios enriquece as possibilidades de experiências em ambas as direções. O resultado é um maior movimento, fator que tem relação direta com a segurança do local.

Também, outros princípios foram considerados no desenvolvimento da proposta, como criar um lugar convidativo e de fácil reconhecimento à população LGBTQIA+, criando um marco referencial dentro do bairro em relação a toda a cidade de Maceió.

O Centro de Acolhimento apresentará um espaço aberto e flexível ao público com o intuito de unificar vários serviços, bem como programas culturais e institucionais, abertos à população da cidade. Gerando integração e conscientização para além da comunidade LGBTQIA+, conectando moradores, vizinhos e turistas. Sua implantação se dá bem no ponto de esquina do terreno, propositalmente colocado em uma área focal para seu fácil encontro.

A linearidade do terreno permitiu uma fachada contínua com grandes esquadrias de vidro que possibilitam um maior aproveitamento da ventilação e iluminação natural, utilizando os brises articulados por trilho no primeiro piso dos quartos compartilhados, para auxiliar na proteção da insolação com possibilidades de gradação.

Para além disso, o CAMAN reforça a ideia de conectividade com a vizinhança a partir dos elementos vazados no grande muro contínuo, mas de altura baixa e com uso de tijolos entrelaçados, dando visibilidade para dentro do edifício. O projeto se torna acessível diretamente a rua, criando uma interação com o entorno, sem retirar a segurança e privacidade dos usuários, criando uma boa conexão entre interior e exterior.

O projeto contará com agenciamentos que irão direcionar os usuários a diferentes áreas do Centro. Também, em seu interior, o Centro irá dispor de um pátio aberto com mobiliários urbanos integrados ao paisagismo do espaço, criando áreas de permanência e contemplação de toda área do projeto.

A paleta de materiais externos inclui sistemas de pré-moldados, tijolo terracota, esquadrias de vidro, brises articulados e painéis metálicos coloridos. Uma combinação de materiais de acabamentos especiais e alto desempenho dão aos espaços internos uma estética

simples e moderna, enquanto o mobiliário colorido e as ilustrações gráficas pontuam o espaço.

Imagem 42: Elementos e cores da fachada do CAMAN em perspectiva.



Fonte: Elaboração Autoral, 2022

## 5.2 Agenor De Miranda Araújo Neto E A Identidade Visual

“Eu vejo o futuro repetir o passado. Eu vejo um museu de grandes novidades”. Assim, em 1989, Cazuzza já contrariava o sistema, através da música, como ‘O Tempo Não Para’, por exemplo, e mostrava com suas letras a realidade de um país preconceituoso, conservador e, ao mesmo tempo, revolucionário. (RIBEIRO, 2017)

Agenor de Miranda Araújo Neto, mais conhecido como Cazuzza (Imagem 43), nascido no Rio de Janeiro, foi um cantor, compositor, poeta e letrista brasileiro. Teve notoriedade como vocalista e principal letrista da banda Barão Vermelho, e posteriormente seguiu com carreira solo, sendo aclamado pela crítica como um dos principais poetas da música brasileira.

Imagem 43: Agenor de Miranda Araújo Neto - Cazuzza



Fonte: Flávio Colker, 2020

Anos depois, vivendo a fama através de sua música, Cazuza foi internado com pneumonia, e um novo teste revelou que o cantor portava o vírus HIV. Diante de muitas especulações acerca de sua saúde, Agenor declarou publicamente ser soropositivo, com o intuito de conscientizar uma sociedade extremamente preconceituosa e segregativa, em relação à doença e seus efeitos, que na época pouco se sabia a respeito.

No dia 7 de Julho de 1990, aos 32 anos, Cazuza morre, por causa de um choque séptico causado pela Aids. Seu velório reuniu milhares de fãs, amigos e parentes, que agradeceram com flores as alegrias de uma história musical genial. Artista de uma era devastada pela doença, o artista segue atravessando o tempo, entre jovens e adultos, entre a nova e a velha música, ao longo desses 32 anos em que se manteve vivo pela força de sua obra, que já se insinua imortal. (FERREIRA, 2022)

Estruturou sua obra dando espaço para a representação da homossexualidade em um formato diferente, cheio de metáforas e cobranças, caracterizado por um estilo próprio. Aqui, Cazuza aparece como um importante personagem do movimento LGBTQIA+ e como o homenageado do presente projeto, o Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto.

### **5.3 Zoneamento E Programa De Necessidades**

No Brasil, existem algumas iniciativas de grupos de ativismo/militância LGBTQIA+, que buscam suprir a ausência do Estado, por meio de trabalhos sem fins lucrativos e com o funcionamento através de doações, onde atende e acolhe esta população. Consoante o Grupo Gay de Alagoas (2020, *apud* PRADO, 2021), o estado de Alagoas, e trazendo para o recorte de Maceió, carece de um centro de apoio e referência completo e capacitado, diretamente voltado para a população LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade, com atendimentos jurídicos, assistencial e saúde.

Partindo desses princípios, para que aconteçam diversidades atividades e para que diferentes serviços sejam oferecidos, foi-se elaborado um programa de necessidades do projeto, viabilizando o zoneamento da proposta e melhor organização de sua implantação. Assim, chegou-se a seis macro setores dentro do Centro de Acolhimento, sendo eles: setor administrativo, setor educacional, setor social, setor habitacional, setor de convivência e setor de serviços (Imagem 44 e 45).

Imagem 44: Zoneamento horizontal - Térreo



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Imagem 45: Zoneamento horizontal - 1º Pavimento



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Pôde-se perceber que as atividades administrativa, social, educacional e de serviços, bem como as áreas de convivência, estão na parte térrea. Já para o primeiro pavimento da edificação, visando a privacidade do ambiente e seu respectivo público, setorizou-se todo o setor habitacional. Também, uma parcela da parte educacional foi colocada neste pavimento, visto seu uso voltado somente para os usuários do CAMAN.

Imaginando caminhos que se conectam de forma intuitiva, a partir da percepção do usuário em relação ao lugar, foram elaborados ambientes que se interligam ao longo do edifício, sem perder ou misturar sua função, por meio de grandes aberturas ou áreas verdes/abertas.

De forma intencional, por se tratar de um ambiente voltado a oferecer atividades culturais, como palestras ou apresentações artísticas, abertas ao público geral da cidade e com o intuito de criar um espaço referencial ao centro, bem como integrar o público abrigado com

a vizinhança, criou-se um espaço aberto setorizado no ponto de esquina do terreno, que funciona como um auditório livre (Imagem 46). É um espaço amplo, sem barreiras visuais, rodeado de árvores. Seu teto possui uma estrutura vazada, com algumas placas coloridas com as cores da bandeira LGBT. A intenção é criar o jogo de luz e sombra. Conta com um palco, para eventos, como dito anteriormente. Além de um camarim coletivo, sala de som e banheiros.

Imagem 46: Zoneamento horizontal - 1º Pavimento.



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Para melhor controle do Centro, a recepção (Imagem 47 e 48) está localizada após o auditório e será o ponto de informações ao usuário, a fim de direcioná-lo dentro do edifício. O setor administrativo fica ao lado da recepção, porém restrita aos funcionários. É válido pontuar o uso de cobogós, na sala administrativa e de coordenação e na sala de reuniões, que estão voltados para a Av. Juca Nunes. Ainda, no seu corredor de entrada, pode-se fazer a instalação de uma pequena copa para uso dos colaboradores.



Imagem 47 e 48: Recepção CAMAN.



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Seguindo o interior da edificação, direcionado a partir da recepção, o usuário percorre o corredor de circulação, tendo acesso às salas de apoio jurídico e social e sala de atendimento psicológico, podendo ser individual e coletivo. Fez-se uso de um jardim interno, nesse espaço, bem como o uso, também, de cobogós, onde a intenção é tirar a sensação de ambientes fechados, sem ventilação ou iluminação natural, dando ao usuário uma experiência interior e exterior simultânea. Conta também com um banheiro compartilhado, unisex e PNE.

A partir deste ponto, o acesso aos demais ambientes, se restringe apenas aos funcionários e moradores do CAMAN. O setor educacional e profissionalizante, conta com salas de aula, salas multiuso e ateliês amplos e abertos. A ideia aqui, assim como em outros espaços, é possibilitar a permeabilidade visual do usuário, visto a flexibilidade de uso destas salas. O setor tem como objetivo se dedicar na elaboração e ofertas de cursos profissionalizantes à população LGBTQIA+ usuária do Centro, fazendo com que alunos e alunas construam sua autonomia.

A seguir (Imagem 48), tem-se uma área de convivência coberta, mas completamente aberta. Funciona como um estar, onde será possível que tanto moradores, como funcionários, em seus intervalos, desfrutem e contemplem seu entorno, bem como o pátio onde é um local aberto, com áreas verdes/jardins e equipamentos/mobiliários para os usuários. Grandes canteiros verdes são criados, apoiados abaixo de árvores e mobiliários que dão sombra e possibilitam que as pessoas usufruam do espaço. Além de mesas espalhadas ao longo do pátio.

Imagem 49: Área de convivência CAMAN.



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Em um bloco separado, está localizado o setor de serviço do Centro de Acolhimento. Irá dispor de um pequeno restaurante que atenderá somente moradores e funcionários. Com sua extensão aberta ao pátio. Também, uma lavanderia coletiva para os indivíduos acolhidos, uma área de *staff* e vestiários para os funcionários. É importante pontuar que a criação destes vestiários se deu pela separação de gênero, visto a caracterização do ambiente ser mais íntimo e dispor de áreas de banho e troca de roupa. Além disso, tem-se próximo, o ponto de descarte de lixo, casa de máquinas, casa de gás e a área de acesso para carga e descarga.

Imagem 50: Zoneamento horizontal - 1º Pavimento.



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

Já no primeiro pavimento foi destinado ao setor de acolhimento e outras áreas de uso comum dos futuros moradores. São 9 dormitórios (Imagem 51) coletivos ao total, sendo 2 deles destinados a atender Pessoas com Deficiência (PCD). Cada quarto possui capacidade para 2 pessoas e contará com seu próprio banheiro. Todos os dormitórios disporão de grandes janelas que, para além das questões de conforto, permitirão permeabilidade visual dos usuários.

Também, na proposta de *layout*, propõe-se mesas para estudo, armário e TV. A intenção é realmente equipar todos os dormitórios de forma individual, para que as áreas de convivência sejam restritas ao pavimento térreo. Estes espaços de convívio, inclusive, não foram elaborados neste pavimento, com o intuito de não criar espaços que gerem ruídos próximos aos quartos dos moradores. A ideia é realmente destinar esse andar à uma área de silêncio e aconchego dos acolhidos.

Imagem 51: Proposta de Layout para dormitório coletivo CAMAN.



Fonte: Elaboração autoral, 2022.

O espaço acima do auditório, por ora vazio, servirá para uma possível extensão do Centro, em caso de altas demandas. Uma área com possibilidade de flexibilidade em seu uso.

Neste pavimento ainda terá a biblioteca do Centro. Optou-se por colocar este ambiente no 1º andar, visto sua necessidade de silêncio para concentração de quem a usa, uma vez que é um local de leitura e estudo. Além disso, tem-se a cozinha coletiva. Onde funciona como um apoio para os moradores, em ocasiões excepcionais, como lanches rápidos feitos pelo próprio indivíduo.

Por se tratar de um edifício de pavimento térreo e superior, a circulação vertical se dá por escada em “U” e elevador, garantido a acessibilidade para todos os usuários. Ainda, tratando-se da questão de espaços acessíveis, não se pode esquecer dos banheiros e vestiários, sejam eles coletivos ou individuais. Nesse sentido, todos os quartos, bem como os banheiros comuns e vestiários dos funcionários, atendem pessoas com deficiência.

Na tabela a seguir (Tabela 3), encontram-se informações sobre dimensionamento, áreas e capacidades dos ambientes no projeto. Como visto anteriormente, foram divididos e organizados sob os setores: administrativo, educacional, social, habitacional, convivência e serviços, sendo essa forma de organização escolhida para melhor funcionamento do Centro.

Tabela 03: Programa de necessidades e pré-dimensionamento

<b>PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO</b>				
<b>SETOR</b>	<b>AMBIENTE</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>USUÁRIOS</b>	<b>ÁREA</b>
Administração	Recepção	Recepcionar e direcionar as pessoas	Todos	44,90m <sup>2</sup>
	BWC Recepção	Higienização	Todos	4,50m <sup>2</sup>
	Sala de Administração	Administração e resolução de problemas do Centro	Funcionários	24,18m <sup>2</sup>
	Sala de Reuniões	Reuniões da equipe administrativa	Funcionários	17,57m <sup>2</sup>
	BWC Administração	Higienização	Funcionários	4,50m <sup>2</sup>
	Arquivo Morto	Armazenamento de documentos	Funcionários	6,55m <sup>2</sup>
Apoio/ Assistência Social	Apoio Jurídico	Atendimento e apoio jurídico	Todos	20,12m <sup>2</sup>
	Assistência Social	Atendimento e apoio social	Todos	9,80m <sup>2</sup> x2
	Atendimento Psicológico	Atendimento e apoio psicológico	Todos	27,75m <sup>2</sup>
	BWC Social 03	Higienização	Todos	10,95m <sup>2</sup>

	Espaço de eventos aberto	Espaço para atividades, exposições e palestras abertas ao público	Público e funcionários do evento	303,65m <sup>2</sup>
Educativa	Sala de aula	Espaço de estudos e aulas expositivas	Funcionários e moradores do CAMAN	26,40m <sup>2</sup>
	Ateliê	Atividades e aulas práticas	Funcionários e moradores do CAMAN	26,40m <sup>2</sup>
	Ateliê 2	Atividades e aulas práticas	Funcionários e moradores do CAMAN	29,79m <sup>2</sup>
	Sala Multiuso	Atividades e aulas práticas	Funcionários e moradores do CAMAN	23,97m <sup>2</sup>
	Biblioteca	Estudos e lazer	Funcionários e moradores do CAMAN	122,85m <sup>2</sup>
	BWC Social 04	Higienização	Funcionários e moradores do CAMAN	13,75m <sup>2</sup>
Convivência	Estar aberto	Lazer e convivência	Funcionários e moradores do CAMAN	127,59m <sup>2</sup>
	Pátio interno/Jardim	Lazer e convivência	Funcionários e moradores do CAMAN	-
	Refeitório	Alimentação	Funcionários e moradores do CAMAN	48,36m <sup>2</sup>
Habitacional	Dormitório 01	Descanso	Moradores do CAMAN	48,08m <sup>2</sup>
	Dormitório 02	Descanso	Moradores do CAMAN	29,79m <sup>2</sup>
	Dormitório 03	Descanso	Moradores do CAMAN	26,40m <sup>2</sup>
	Dormitório 04	Descanso	Moradores do CAMAN	26,40m <sup>2</sup>

	Dormitório 05	Descanso	Moradores do CAMAN	24,45m <sup>2</sup>
	Dormitório 06	Descanso	Moradores do CAMAN	24,45m <sup>2</sup>
	Dormitório 07	Descanso	Moradores do CAMAN	27,75m <sup>2</sup>
	Dormitório 08	Descanso	Moradores do CAMAN	35,24m <sup>2</sup>
	Dormitório 09	Descanso	Moradores do CAMAN	24,97m <sup>2</sup>
Serviços	Cozinha refeitório	Preparo de alimentos	Funcionários	15,20m <sup>2</sup>
	DML CAMAN	Armazenamento de produtos	Funcionários	8,41m <sup>2</sup>
	Lavanderia	Serviço de lava e seca	Funcionários e Moradores	22,63m <sup>2</sup>
	Staff	Espaço de descanso para funcionários	Funcionários	28,68m <sup>2</sup>
	Vestiário Feminino	Sala de banho para funcionários	Funcionários	25,87m <sup>2</sup>
	Vestiário Masculino	Sala de banho para funcionários	Funcionários	25,87m <sup>2</sup>
	Casa de Gás	Armazenamento de gás	Funcionários	5,39m <sup>2</sup>
	Casa de Máquinas	Máquinas	Funcionários	4,90m <sup>2</sup>
	Lixo	Descarte de lixo	Funcionários	6,65m <sup>2</sup>
	Cozinha coletiva	Preparo de alimentos	Funcionários e moradores	19,50m <sup>2</sup>

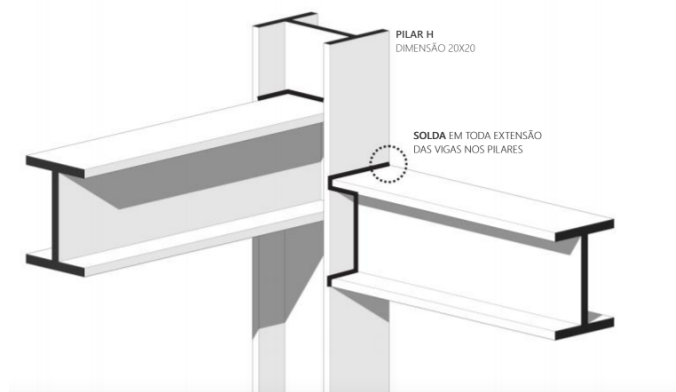
Fonte: Elaboração autoral, 2022.

#### 5.4 Sistema Estrutural e Materialidades

A proposta estrutural do edifício CAMAN, se deu a partir de uma malha estrutural a partir de seus devidos eixos. Dessa forma, com a concepção projetual em andamento, percebeu-se que o melhor modelo estrutural para esse tipo de equipamento seria a estrutura metálica.

Para vencer vãos maiores que os convencionais, foi utilizado vigas e pilares em “I” (Imagem 52), com dimensões mínimas de 20x20 cm, sendo as vigas com tamanhos entre 40 e 50cm de altura. Além da alvenaria convencional com blocos de tijolos cerâmicos, tanto para o exterior quanto para as vedações internas do prédio. Esse tipo de estrutura diminui os esforços de cargas na fundação, o que acaba reduzindo custos e tempo de obra se comparado aos outros tipos de métodos construtivos, além de gerar pouco resíduo.

Imagem 52: Sistema estrutural metálico: junções da estrutura.



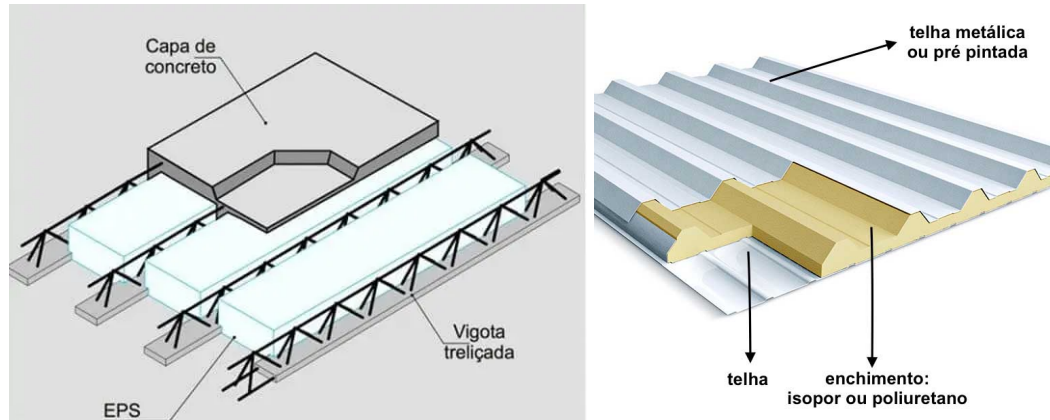
Fonte: Lívia Casanova, 2019.

Também, optou-se pelo uso da laje EPS (Imagem 53) por ser uma estrutura mais leve e com menos custos, visto que diminui a utilização do concreto e as armaduras de aço. De acordo com o engenheiro Rodrigo Carvalho (2019) “O EPS é uma alternativa com baixa densidade, o que diminui consideravelmente o peso da laje e os esforços sobre estruturas e fundações”. Para o projeto foi adotado lajes de 15 cm preenchidas com EPS, trazendo melhor conforto térmico e acústico, pontos essenciais para o equipamento. Além disso, a laje de isopor auxilia na instalação hidráulica e elétrica do prédio, agilizando o processo.

Na cobertura do prédio que compreende a área de serviço e o refeitório coletivo, optou-se pela telha sanduíche (Imagem 54). Também conhecida como telha termoacústica, essa é formada por duas chapas de metal e entre essas duas chapas existe uma espécie de

isolante, feito de poliuretano ou isopor, sendo o primeiro um material que confere melhor questões de isolamento.

Imagem 53 e 54: Laje EPS e Telha Sanduíche



Fonte: DecorFácil, 2022.

Para o Centro de Acolhimento LGBT, foram pensadas materialidades (Imagem 55) que atendessem as demandas para esse tipo de equipamento. Os revestimentos, pinturas e texturas usadas no edifício, foram na sua maior parte em tons claros (branco ou cinza claro).

Para os pisos internos de transição foi escolhido o piso em granilite claro, escolhido pela alta durabilidade, fácil manutenção e baixo custo. Nos dormitórios foi escolhido o piso vinílico de alto tráfego, uma ótima opção pelo custo benefício, fácil instalação e limpeza. Tem como principal característica a sua resistência à luz solar, ao desgaste e aos riscos. Já para os pisos das áreas molhadas, foi proposto o piso cerâmico natural branco 60x60cm.

Nas paredes dos dormitórios, em razão da sua facilidade de aplicação, custo e mão de obra, optou-se pela pintura de acrílico branca. A ideia é que os quartos sejam ambientados de acordo com o morador, podendo ser feitas intervenções próprias que melhor atendem estes indivíduos. Em paredes dos demais ambientes, foi usado texturas cinza com efeito *stucco* que contrasta bem com o alaranjado rústico dos tijolos maciços que formam cobogós, dando visibilidade para o entorno, seja nas salas administrativas, salas de aula ou sala psicologia, por exemplo.

Imagem 55: Mood Board de Projeto



CAMAN

**MOOD BOARD**

Fonte: Elaboração autoral, 2022.

A seguir, apresenta-se a proposta projetual do Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto - CAMAN, através da maquete 3D, onde será possível ter uma percepção da espacialidade do projeto no terreno, bem como a composição de seus materiais, cores e os espaços propostos no edifício.

Imagem 56: Perspectiva CAMAN



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 57: Perspectiva CAMAN, com sombra colorida projetada da cobertura.



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 58: Perspectiva CAMAN



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 59: Perspectiva CAMAN



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 60: Perspectiva CAMAN



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 61: Perspectiva CAMAN



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 62: Perspectiva CAMAN



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 63: Perspectiva CAMAN, vista do cruzamento Rua do Uruguai com Avenida Juca Nunes



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 64: Perspectiva CAMAN



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 65: Perspectiva CAMAN, vista aérea



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 66: Perspectiva CAMAN, fachada Norte



Fonte: Elaboração autoral, 2022

Imagem 67: Perspectiva CAMAN, vista área 2



Fonte: Elaboração autoral, 2022

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, importantes serviços de acolhimento à pessoas LGBTQIA+, em situação de vulnerabilidade social, vem sofrendo significativas transformações no que diz respeito ao seu funcionamento. Com isso, algumas organizações acabam encerrando suas atividades de cuidado a esta população, visto que suas atividades de funcionamento necessitam de doações, sem quaisquer investimento de poderes públicos.

A exemplo da Casa Nem. Localizada no Rio de Janeiro, hoje, no bairro do Flamengo, teve seu espaço realocado várias vezes, visto os constantes ataques e expulsões por reintegração de posse. O financiamento da casa acontece por meio de doações e suas atividades são divididas entre os moradores. E mesmo a Casa desempenhando uma função social, o Estado não a reconhece oficialmente, o que acaba dificultando seu funcionamento integral.

Os retrocessos vividos nestes últimos anos mostram que nenhum direito à população LGBTQIA+ está garantido, onde o poder estava nas mãos de quem nutre pouco ou nenhum respeito pelos direitos humanos e menos ainda pela comunidade. Nesse sentido, para além do Estado, é imprescindível que a arquitetura funcione diretamente na promoção de acessos a espaços de segurança, cuidados e acolhida para esta população dentro das cidades.

Assim, o presente trabalho permitiu o entendimento de diversas etapas no que envolve o desenvolvimento de um projeto arquitetônico, ao mesmo tempo que gerou várias reflexões acerca das vivências LGBTs e a violência sofrida por estes, mostrando ser urgente a criação de espaços amplamente preparados, voltados à população e que promovam visibilidade a causa de forma integrada a cidade.

Dado o exposto, o anteprojeto do Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto, apresenta-se como uma tentativa de chamar a atenção do Estado e da sociedade, para a necessidade da criação de espaços de cuidado e amparo para a população LGBTQIA+, capazes de cumprir essa função social e garantam os direitos destes de forma plena e digna. Que possibilite sua reinserção à sociedade na cidade, ocupando espaços, se sentindo confortáveis em seus corpos e sendo quem são de forma natural e livre.

Buscou-se, então, criar um projeto de arquitetura que apresentasse uma estrutura de qualidade acerca das questões sociais e de moradia, ao público LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social, com um programa de necessidades completo e com integração em seu entorno, promovendo informação e politizando à sociedade, para que as relações entre os diversos grupos sociais sejam embasadas pelo respeito.



Para além disso, é urgente as ações efetivas por parte dos novos gestores dos poderes públicos, que tenham o objetivo de reverter a violência e discriminação vivida pela comunidade LGBTQIA+. De acordo o exposto dado no decorrer do trabalho, exercícios como educação sexual em todos os níveis escolares para ensinar jovens e população em geral o respeito aos direitos humanos e cidadania da população; e políticas públicas na área da saúde, jurídica e moradia, que contribuam na erradicação de mortes e proporcionem igualdade cidadã à comunidade, são de extrema importância para assegurar a liberdade e a vida destes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(R)EXISTÊNCIA da comunidade LGBTQIA+: CISTemas e o direito à cidade. AurbUfal. Maceió, 2020, 120 min, son., color. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=EtY98u66oq0>. Acesso em: 02 ago 2021.

ALMEIDA, Letticia Prado. **Juntxs: Centro De Referência E Acolhimento Lgbtq+ Em Maceió - AL**. 2021. Trabalho Final de Graduação (TFG). Dissertação (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

All Out Brasil. **É Crime Sim!** Disponível em:  
<https://www.ecrimesim.alloutbrasil.org/#block-11760>. Acesso em: 28 Jul 2022

BITENCOURT, Fábio. **Espaço e promoção de saúde**: a contribuição da arquitetura ao conforto dos ambientes de saúde. Saúde em Foco/Informe epidemiológico em Saúde Coletiva. Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Nº 23. Rio de Janeiro, 2002

BOHRER, Larissa. **Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo pelo quarto ano consecutivo**. 12 de Junho 2022. Disponível em:  
<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-lgbtqia-no-mundo-pelo-quarto-ano-consecutivo/>. Acesso em: 28 jul 2022

CARVALHO, Cláudio O.; MACEDO JUNIOR, Gilson S. ‘Isto é um lugar de respeito!’: A construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. **Revista de Direito da Cidade**. Rio de Janeiro, vol. 09, nº 1, 2017

CANABARRO, Ronaldo. **História E Direitos Sexuais No Brasil: O Movimento Lgbt E A Discussão Sobre A Cidadania**. In. II CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2013, [S. I]. **Anais eletrônicos**. Disponível em:  
<https://venlibre.com.br/wp-content/uploads/2021/06/historiaedireitoscanabarro.pdf>. Acesso em: 01 Ago 2022

CAVALLEIRE, Silvinha; LEMOS, Andrey; RODRIGUES, Theodoro; SÁ, Jean; **ARTIGO: Pandemia, LGBTfobia e os impactos das negligências do Estado para esta população**. Março de 2021. Disponível em:  
<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1640-artigo-pandemia-lgbtfobia-e-os-impactos-das-negligencias-do-estado-para-esta-populacao> Acesso em: 28 Jul 2022

CETRONE, Camila. **Manda As Bicha Descer: Histórias do Cotidiano da Casa 1**. Edição da autora. n/a. 2018

COELHO, António. Entre casa e cidade, a humanização do habitar. **Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura**. Dafne editora, Porto, Julho 2009. cap. 18, p 3-20

CYMBALISTA, Renato; DUARTE, Artur. **A CASA 1: Habitação e diálogo entre público e privado na acolhida de jovens LGBT**. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANPARQ), Salvador, Bahia, Brasil, Volume: V, 2018

ESTIMATIVA da População em Situação de Rua no Brasil. **IPEA**, [S. l], [s. n.], 12 Junho 2020. Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=357](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=357). Acesso em: 03 ago 2021.

FEITOSA, Cleyton. Notas sobre a trajetória das políticas públicas de direitos humanos LGBT no Brasil. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**. Bauru, v. 4, n. 1, p. 115-137, jan./jun. 2016. Disponível em:

<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/307>. Acesso em: 28 Jul 2022

GARCIA, M. R. V.. **“Dragões”**: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

GEHL, J. **Life between buildings**: using public space. Washington, DC: Island Press, 2011.

GUSTAVO, Derek. Alagoas tem o 2º maior nº de mortes de LGBT do país no primeiro trimestre de 2018. **G1 AL**. Março de 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/alagoas-tem-o-2-maior-n-de-mortes-de-lgbt-do-pais-n-o-primeiro-trimestre-de-2018.ghtml>. Acesso em: 09 ago 2021.

JARDIM, Leandra Ticianel. **Centro de Apoio e Referência LGBT+**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

LA LGBT CENTER. Los Angeles LGBT Center, 2019. Página inicial. Disponível em: <https://lalgbtcenter.org/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MACEIÓ. **Lei municipal nº 5486 de 30 de dezembro de 2005**. Institui o plano diretor do município de Maceió, estabelece diretrizes gerais de política de desenvolvimento urbano e dá outras providências. Maceió: Câmara Municipal, [2005]. Disponível em:

[https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/Maceio\\_PlanoDiretorAL.pdf](https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/Maceio_PlanoDiretorAL.pdf). Acesso em: 08 ago. 2021.

MACEIÓ. **Lei Municipal nº 5.593, de 08 de fevereiro de 2007**. Código de Urbanismo e Edificações do Município de Maceió. Disponível em

<http://www.maceio.al.gov.br/wpcontent/uploads/admin/documento/2013/11/Lei-Municipal-5.593-de-08-de-Fevereiro-de-2007-C%C3%93DIGO-DE-URBANISMO-E-EDIFICA%C3%87%C3%95ES-DO-MUNIC%C3%8DPIO-DEMACEI%C3%93.pdf>. Acesso em: 08 ago 2021.

MACHADO, Ricardo. População Lgbt Em Situação De Rua: Uma Realidade Emergente Em Discussão. **Revista EDUC**. Faculdade de Duque de Caxias/v. 01, n. 03/Jan-Jun 2015.

MACHADO, Blenda. **HU da Ufal inaugura Espaço Trans com serviços ambulatoriais**. 16 de Janeiro de 2020. Disponível em:  
<https://ufal.br/ufal/noticias/2020/1/hu-da-ufal-inaugura-espaco-trans-com-servicos-ambulatoriais>. Acesso em: 03 Ago 2022

Medeiros, L. P.; Amorim, A. K. de M. A.; Nobre, M. T. **Narrativas LGBT de pessoas em situação de rua: repensando identidades, normas e abjeções**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 15(1). São João del-Rei, janeiro-março de 2020.

MORAIS, Felipe *et al.* **Casassa: A Relevância De Um Centro De Acolhimento Para Jovens Lgbt Marginalizados Na Cidade De Presidente Prudente-SP**. Colloquium Socialis, Presidente Prudente, v. 02, n. 3. UNOESTE, Presidente Prudente, São Paulo, 2018.

NASCIMENTO, Vinicius. **HABITAR O PATRIMÔNIO: Proposta de Habitação de Interesse Social para o Trapiche Jaraguá em Maceió/AL** / Vinicius Nascimento. - 2018. UFAL Campus Maceió. Disponível em: [https://www.cau.al.gov.br/?page\\_id=15250](https://www.cau.al.gov.br/?page_id=15250). Acesso em: 12 ago 2021.

Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020: **Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia**; /Alexandre Bogas Fraga Gastaldi; Luiz Mott; José Marcelo Domingos de Oliveira; Carla Simara Luciana da Silva Ayres; Wilians Ventura Ferreira Souza; Kayque Virgens Cordeiro da Silva; (Orgs). – 1. ed. – Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021

PRIMEIRA Casa de Acolhimento em Alagoas para população LGBTQIA+ é inaugurada. **G1 AL**, Maceió, [s. n.], 05 Janeiro 2021. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2021/01/05/primeira-casa-de-acolhimento-lgbtqia-de-alagoas-e-inaugurada.ghtml>. Acesso em: 06 ago 2021.

POPULAÇÃO em Situação de Rua Cresce e Fica Mais Exposta à Covid-19. **IPEA**. [S. l.], [s. n.], 12 Junho 2020. Disponível em:  
[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=35811](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811). Acesso em: 03 ago 2021.

Prefeitura de Recife. **Centro de Referência em Cidadania LGBT**. Disponível em:  
<https://www2.recife.pe.gov.br/servico/centro-de-referencia-em-cidadania-lgbt>. Acesso em: 18 Jun 2022

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018

RODRIGUES, Antônio. **Arquitetura a favor da saúde**. 22 Julho 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/arquitetura-a-favor-da-saude/>. Acesso em: 11 ago 2021.

RODRIGUES, Mariane. **COM 16 ASSASSINATOS EM 2021, AL É ESTADO MAIS VIOLENTO PARA LGBTQIA+**. 13 de Junho de 2022. Disponível em: <https://d.gazetadealagoas.com.br/cidades/349556/com-16-assassinatos-em-2021-al-e-estado-mais-violento-para-lgbtqia>. Acesso 03 Ago 2022

RIBEIRO, Bruno. **Cazuza: defensor da igualdade, crítico do preconceito e eleitor de Leonel Brizola**. 28 de Junho de 2017. Disponível em: <https://www.pdt.org.br/index.php/cazuza-defensor-da-igualdade-critico-do-preconceito-e-eleitor-de-leonel-brizola/>. Acesso 02 Ago 2022

SABOYA, Renato. **Condições para a Vitalidade Urbana: Permeabilidade visual**. 23 de Junho de 2013. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2013/06/23/condicoes-para-a-vitalidade-urbana-4-permeabilidade-visual/>. Acesso em 28 Nov 2022

SILVA, Lucas de Medeiros. **Coração de mãe: anteprojeto de um centro de apoio ao público LGBT na zona oeste de Natal/RN** / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. - Natal, RN, 2019.

SILVA, Andre; PISSANGO, Luciana; VITORINO, Elizete. **Casas de acolhimento no Brasil e a população LGBTI+: reflexões, contextos e vulnerabilidades**. ECCOM, v. 13, n. 26, jul./dez. 2022

SILVA, José. Mapa Da Violência Contra Lgbt Em Alagoas: Reflexões Sobre Aspectos Discriminatórios. I Congresso Internacional de Direito Público dos Direitos Humanos e Políticas de Igualdade, v.1 n. 1. 2018. **Anais [...]** Maceió: UFAL, 2018.

## APÊNDICES

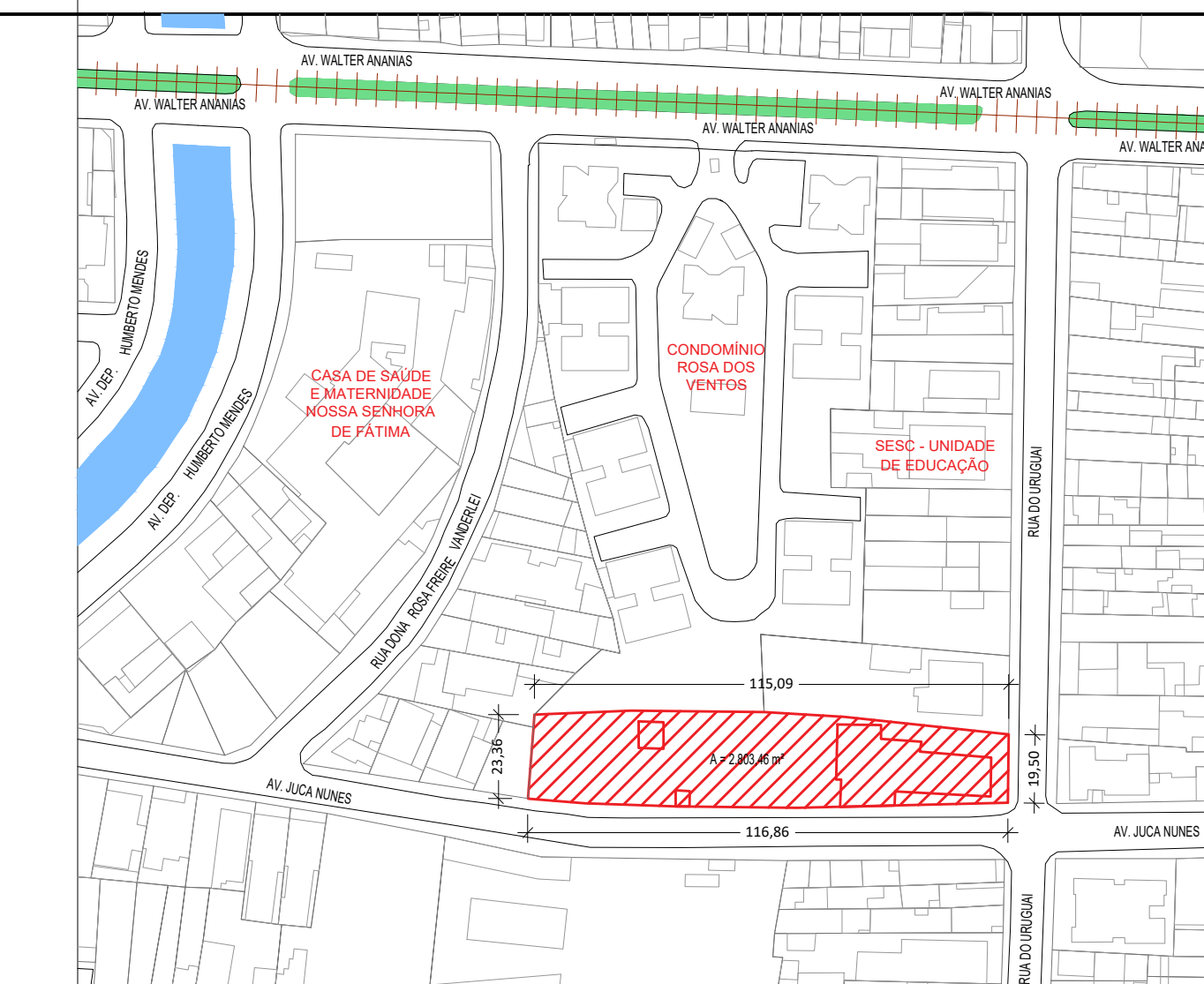
A: Planta de locação e cobertura do Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN)

B: Planta baixa térreo e 1º pavimento do Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN)

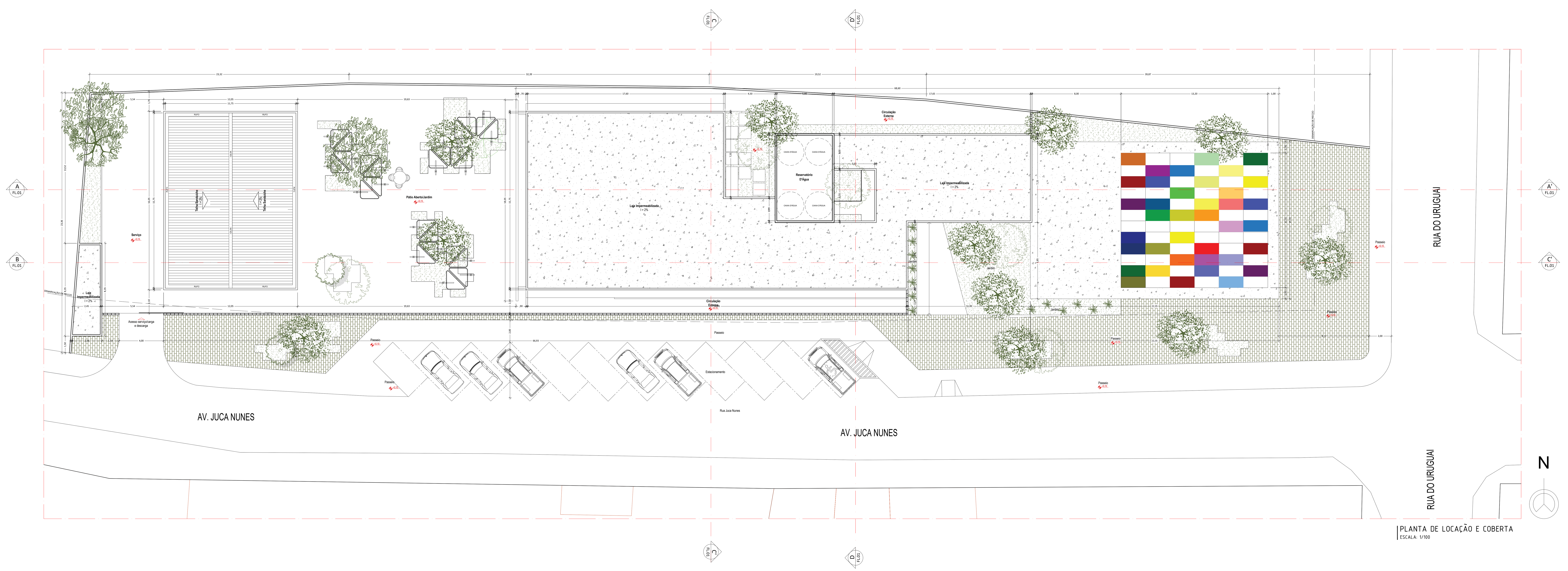
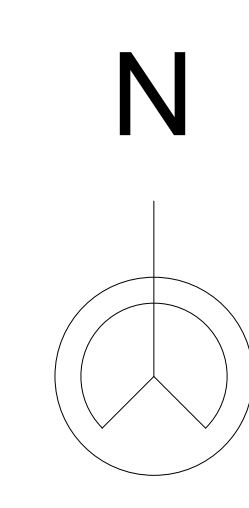
C: Planta de layout do térreo e 1º pavimento do Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN)

D: Cortes AA', BB', CC', DD' do Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN)

E: Perspectivas externas do Centro de Acolhimento Agenor de Miranda Araújo Neto (CAMAN)



PLANTA DE SITUAÇÃO  
ESCALA: 1/1500



PLANTA DE LOCAÇÃO E COBERTA  
ESCALA: 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO



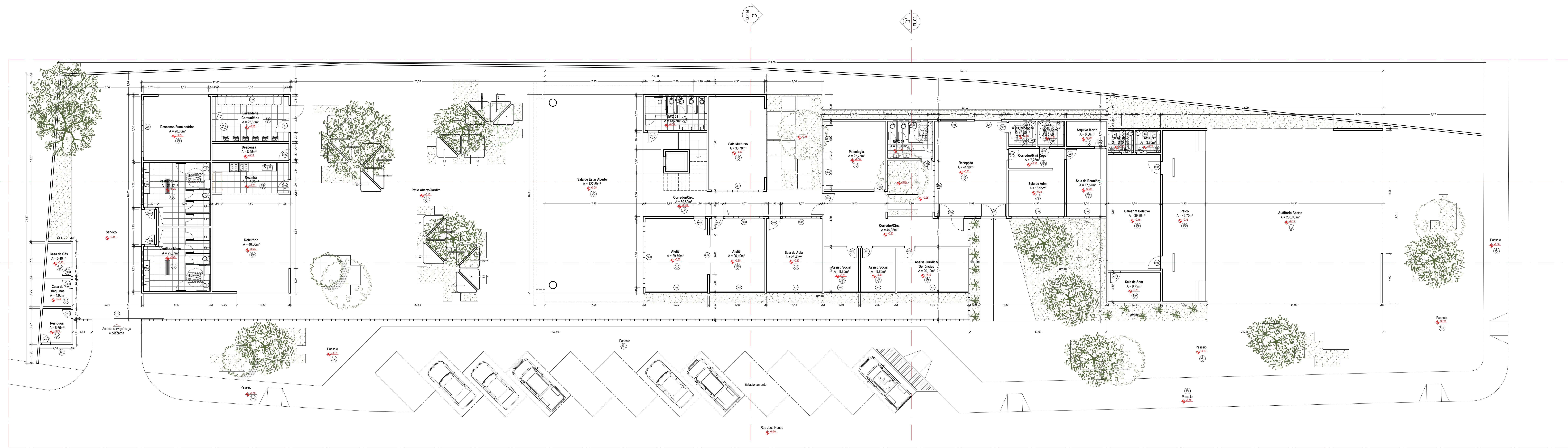
CENTRO DE ACOLHIMENTO E SAÚDE  
AGENCIADOR DE MIRANDA ARAÚJO NETO

RUANIERY J. MONTEIRO  
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MANUELLA MARIANNA  
CARVALHO RODRIGUES DE ANDRADE

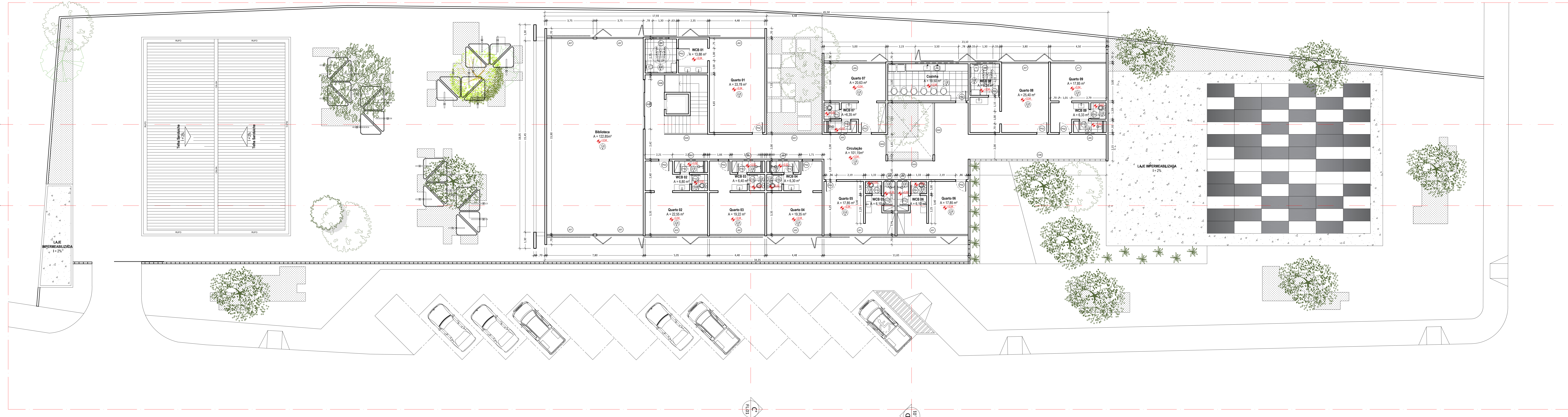
TÍTULO: ANTEPROJETO DE ARQUITETURA DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO E CUIDADO A SAÚDE  
ENDEREÇO: AVENIDA JUCA NUNES  
BARRIO: JARAQUÁ, MACÉIO - ALAGOAS  
CONTEÚDO: PLANTA DE SITUAÇÃO E PLANTA DE LOCAÇÃO E COBERTA  
DATA: JANEIRO/2023

QUADRO DE ÁREAS:			
CONSTRUÇÃO	TERREO: 1.006,61 m <sup>2</sup> 1 <sup>o</sup> PAVIMENTO: 606,20 m <sup>2</sup> TOTAL: 1.606,61 m <sup>2</sup>	COBERTA:	1.006,61 m <sup>2</sup> TERRENO: 2.803,48 m <sup>2</sup>
TAXA DE OCUPAÇÃO:	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO:	ÁREA PERMITEVÉL - TAXA PERMITEVÉL:	
PD 20% - Projeto: 30,90%	PD 2 - Projeto: 0,61%	207,78 m <sup>2</sup> - 25,10%	

REVISÃO: ESCALA: INDICADA  
FRANQUIA: 01-06



PLANTA BAIXA TÉRREO  
ESCALA: 1/100



PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO  
ESCALA: 1/100

TABELA DE ESQUADRIAS

PORTAS	NOME	DIMENSÕES (m) (largura x altura)	QUANT.	TIPO
P01	2,05 x 2,40	01	Porta de alumínio com vidro motor, 02 folhas	
P02	0,84 x 2,20	30	Porta em madeira, cor branca abertura de giro - Kit Porta Pronta	
P03	1,05 x 2,20	02	Porta em madeira, cor branca abertura de giro - Kit Porta Pronta	
P04	2,05 x 2,40	01	Porta vai e vem de alumínio, com vidro incolor, 02 folhas	
P05	1,70 x 2,20	01	Porta vai e vem de alumínio, com vidro incolor, 02 folhas	
P06	0,94 x 2,20	03	Porta em madeira, cor branca abertura de giro - Kit Porta Pronta	
P07	2,20 x 2,20	01	Porta vai e vem de alumínio, com vidro incolor, 02 folhas	
P08	0,74 x 1,35	04	Porta de alumínio preto, tipo veneziana	
P09	4,00 x 2,20	01	Porta de alumínio branco e vidro incolor, de correr, 04 folhas	
P10	0,74 x 2,20	14	Porta em madeira, cor branca abertura de giro - Kit Porta Pronta	
P11	4,00 x 2,20	01	Porta de correr serviço, em alumínio branco	

JANELAS	NOME	DIMENSÕES (m) (largura x altura)	QUANT.	TIPO
J01	5,75 x 1,30 / 0,90	04	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J02	4,48 x 1,30 / 0,90	05	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J03	5,05 x 1,30 / 0,90	04	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J04	2,10 x 1,30 / 0,90	04	Janela de alumínio + vidro - 02 folhas de correr	
J05	0,70 x 0,60 / 1,60	04	Janela de alumínio + vidro - Maxim ar	
J06	2,80 x 0,60 / 1,60	04	Janela de alumínio + vidro - Maxim ar, 04 folhas	
J07	3,30 x 1,30 / 0,90	04	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J08	1,30 x 0,60 / 1,60	02	Janela de alumínio + vidro - Maxim ar, 02 folhas	
J09	5,00 x 1,30 / 0,90	01	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J10	3,50 x 0,50 / 0,90	01	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J11	4,50 x 1,30 / 0,90	01	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	

OUTROS	NOME	DIMENSÕES (m) (largura x altura)	QUANT.	TIPO
CO1	7,45 x 2,30 / 0,30	01	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
CO2	4,10 x 2,30 / 0,30	01	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
CO3	3,10 x 2,30 / 0,30	02	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
CO4	4,15 x 2,30 / 0,30	01	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
CO5	5,30 x 2,30 / 0,30	02	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
CO6	11,00 x 2,30 / 0,30	01	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
GO1	4,48 x 1,10	01	Guarda corpo em alvenaria, com cobogó de tijolo maciço	
GO2	4,20 x 1,10	01	Guarda corpo em alvenaria, com cobogó de tijolo maciço	
GO3	3,45 x 1,10	01	Guarda corpo em alvenaria, com cobogó de tijolo maciço	
GO4	1,65 x 1,10	01	Guarda corpo em alvenaria, com cobogó de tijolo maciço	
GO5	3,50 x 1,10	01	Guarda corpo de vidro temperado	
GO6	1,40 x 1,10	01	Guarda corpo de vidro temperado	

QUADRO DE REVESTIMENTOS

PISOS	
1	Piso em Granilite cinza claro
2	Piso em porcelanato cinza claro 0,50x0,50m
3	Piso em porcelanato natural cinza claro 0,40x0,40m
4	Placas de concreto, com tamanho variado, sobre grama com espaçamentos de 10cm
5	Piso cimentício
6	Concregrama

PAREDE	
A	Pintura com tinta acrílica, na cor branca
B	Revestimento em porcelanato cinza claro 0,40x0,40m até 1,50m. Depois pintura acrílica
C	Textura Stucco Cimento Queimado
D	Pintura com tinta acrílica, na cor laranja

TETO	
a	Fôrro de gesso emassado e pintado com tinta giza branca
b	Fôrro em ripas de madeira ou vinílico amadeirado
c	Laje pintada com tinta látex branca
d	Estrutura treliçada, com placas de cores diversas semi transparentes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO



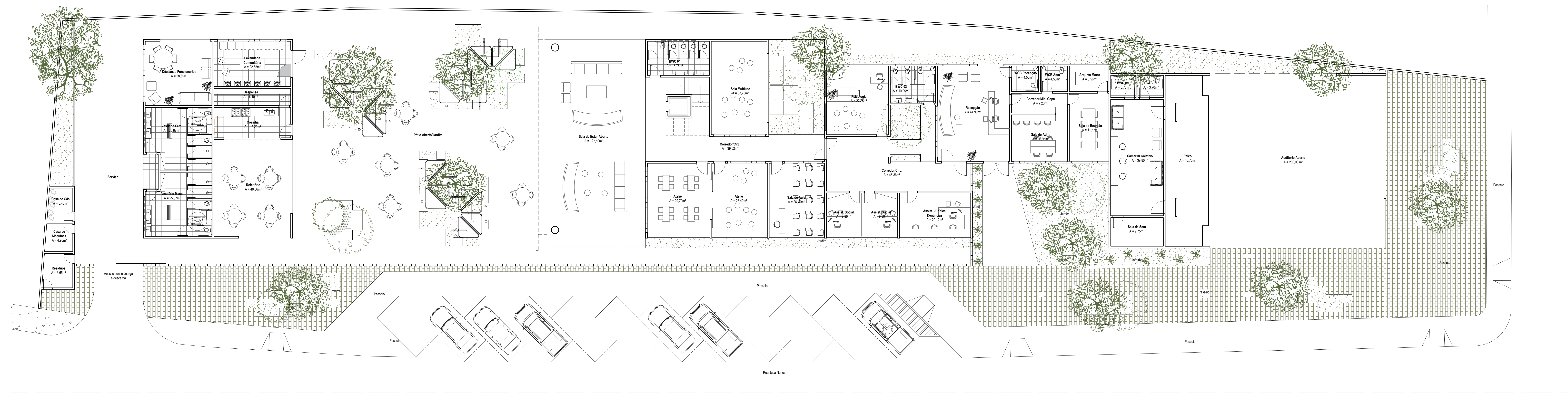
RUANIERY J. MONTEIRO  
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MANUELLA MARIANNA CARVALHO RODRIGUES DE ANDRADE

TÍTULO: ANTEPROJETO DE ARQUITETURA DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO E CUIDADO A SAÚDE  
ENDEREÇO: AVENIDA JUCA NUNES  
BARRIO: JARAQUÁ, MACÉIO - ALAGOAS  
CONTEÚDO: PLANTA BAIXA TERREO E PAVIMENTO SUPERIOR  
DATA: JANEIRO/2023

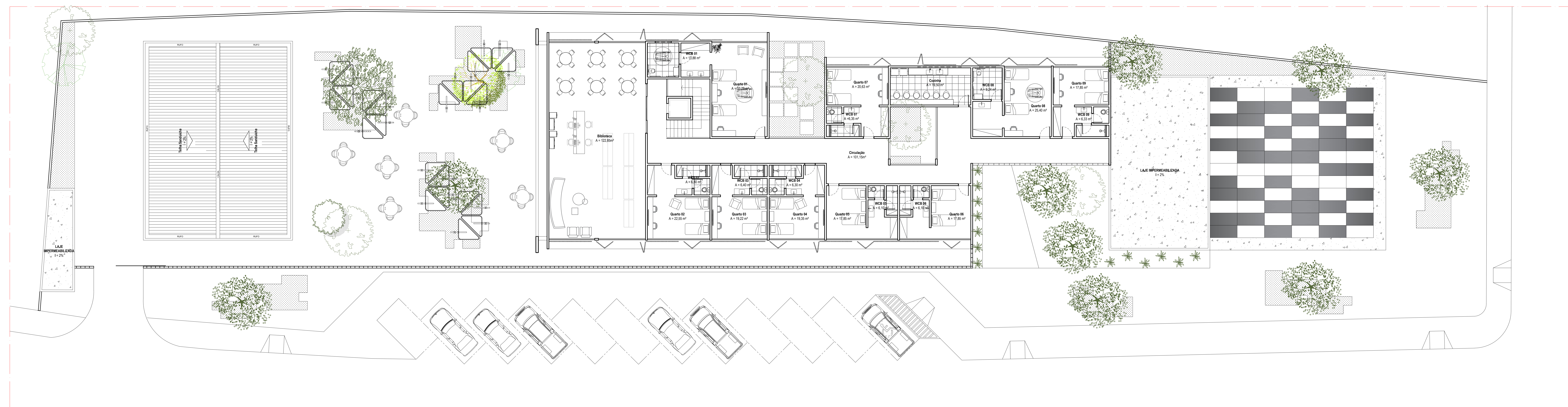
QUADRO DE ÁREAS:			
CONSTRUÇÃO	TERREO: 1.006,61 m²	COBERTA:	1.000,61 m²
	1º PAVIMENTO: 608,20 m²	TERRENO:	2.803,48 m²
TOTAL:	1.614,81 m²		

TAXA DE OCUPAÇÃO:	COEFICIENTE DE APROPRIAMENTO:	ÁREA PERMITEVÉL:	TAXA PERMITEVÉL:
PD 20% - Projeto 30,00%	PD 2 - Projeto 0,15	207,78 m² - 28,10%	207,78 m² - 28,10%





PLANTA BAIXA TÉRREO  
ESCALA: 1/100



PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO  
ESCALA: 1/100

TABELA DE ESQUADRIAS

PORTAS	NOME	DIMENSÕES (m) (largura x altura)	QUANT.	TIPO
P01	2,05 x 2,40	01	Porta de alumínio com vidro motor, 02 folhas	
P02	0,86 x 2,20	30	Porta em madeira, cor branca abertura de giro - Kit Porta Pronta	
P03	1,05 x 2,20	02	Porta em madeira, cor branca abertura de giro - Kit Porta Pronta	
P04	2,05 x 2,40	01	Porta vai e vem de alumínio, com vidro incolor, 02 folhas	
P05	1,70 x 2,20	01	Porta vai e vem de alumínio, com vidro incolor, 02 folhas	
P06	0,96 x 2,20	03	Porta em madeira, cor branca abertura de giro - Kit Porta Pronta	
P07	2,20 x 2,20	01	Porta vai e vem de alumínio, com vidro jateado, 02 folhas	
P08	0,76 x 1,35	04	Porta de alumínio preto, tipo veneziana	
P09	4,00 x 2,20	01	Porta de alumínio branco e vidro incolor, de correr, 04 folhas	
P10	0,76 x 2,20	14	Porta em madeira, cor branca abertura de giro - Kit Porta Pronta	
P11	4,00 x 2,20	01	Porta de correr serviço, em alumínio branco	

JANELAS	NOME	DIMENSÕES (m) (largura x altura)	QUANT.	TIPO
J01	5,75 x 1,30 / 0,90	04	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J02	4,48 x 1,30 / 0,90	05	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J03	5,95 x 1,30 / 0,90	04	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J04	2,10 x 1,30 / 0,90	04	Janela de alumínio + vidro - 02 folhas de correr	
J05	0,70 x 0,60 / 1,60	04	Janela de alumínio + vidro - Maxim ar	
J06	2,80 x 0,60 / 1,60	04	Janela de alumínio + vidro - Maxim ar, 04 folhas	
J07	3,50 x 1,30 / 0,90	04	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J08	1,30 x 0,60 / 1,60	02	Janela de alumínio + vidro - Maxim ar, 02 folhas	
J09	5,00 x 1,30 / 0,90	01	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J10	3,50 x 0,50 / 0,90	01	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	
J11	4,50 x 1,30 / 0,90	01	Janela de alumínio + vidro - 04 folhas, sendo 02 de correr e 02 fixas	

OUTROS	NOME	DIMENSÕES (m) (largura x altura)	QUANT.	TIPO
C01	7,65 x 2,30 / 0,30	01	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
C02	4,10 x 2,30 / 0,30	01	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
C03	3,70 x 2,30 / 0,30	02	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
C04	4,15 x 2,30 / 0,30	01	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
C05	5,30 x 2,30 / 0,30	02	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
C06	11,00 x 2,30 / 0,30	01	Cobogó com tijolos maciços entrelaçados	
G01	4,48 x 1,10	01	Guarda corpo em alvenaria, com cobogó de tijolo maciço	
G02	4,20 x 1,10	01	Guarda corpo em alvenaria, com cobogó de tijolo maciço	
G03	3,45 x 1,10	01	Guarda corpo em alvenaria, com cobogó de tijolo maciço	
G04	1,65 x 1,10	01	Guarda corpo em alvenaria, com cobogó de tijolo maciço	
G05	3,50 x 1,10	01	Guarda corpo de vidro temperado	
G06	1,40 x 1,10	01	Guarda corpo de vidro temperado	

QUADRO DE REVESTIMENTOS

PISOS

1	Piso em Granilite cinza claro
2	Piso em porcelanato cinza claro 0,90x0,90m
3	Piso em porcelanato natural Cinza claro 0,60x0,60m
4	Placas de concreto, com tamanho variado, sobre grama com espaçamentos de 10cm
5	Piso cimentício
6	Concregrama

PAREDE

A	Pintura com tinta acrílica, na cor branca
B	Revestimento em porcelanato cinza claro 0,60x0,60 até 1,50m. Depois pintura acrílica
C	Textura Stucco Cimento Queimado
D	Pintura com tinta acrílica, na cor laranja

TETO

a	Forno de gesso emassado e pintado com tinta giza branca
b	Forno em ripas de madeira su vinílico emassado
c	Laje pintada com tinta laranja
d	Estrutura treliçada, com placas de cores diversas semi transparentes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO



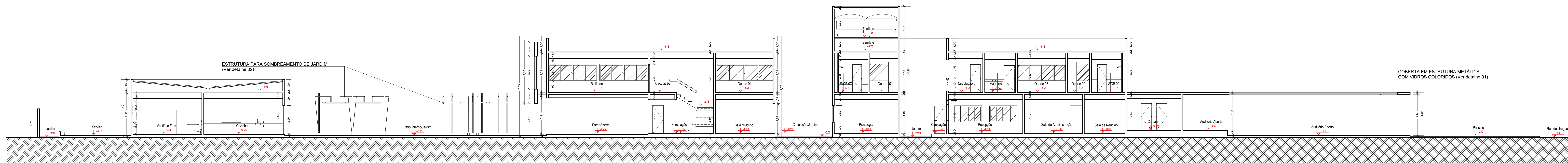
RUANIERY J. MONTEIRO  
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MANUELLA MARIANNA CARVALHO RODRIGUES DE ANDRADE

TÍTULO: ANTEPROJETO DE ARQUITETURA DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO E CUIDADO A SAÚDE  
ENDEREÇO: AVENIDA JUCA NUNES  
BARRIO: JARAQUÁ, MACÉIO - ALAGOAS  
CONTEÚDO: LAYOUT TÉRREO E PAVIMENTO SUPERIOR  
DATA: JANEIRO/2023

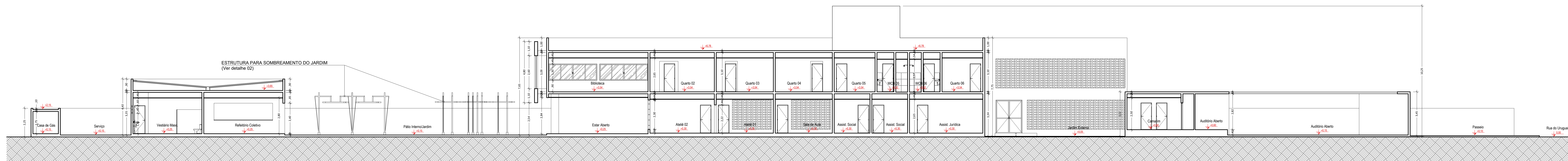
QUADRO DE ÁREAS:			
CONSTRUÇÃO	TÉRREO: 1.000,81 m²	COBERTA:	1.000,81 m²
	1º PAVIMENTO: 608,20 m²	TÉRRENO:	2.803,48 m²
	TOTAL: 1.609,01 m²		

TAXA DE OCUPAÇÃO:	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO:	ÁREA PERMITEVEL:	TAXA PERMITEVEL:
PD 20% - Projeto: 30,00%	PD 2 - Projeto: 0,16	257,78 m² - 28,10%	257,78 m² - 28,10%

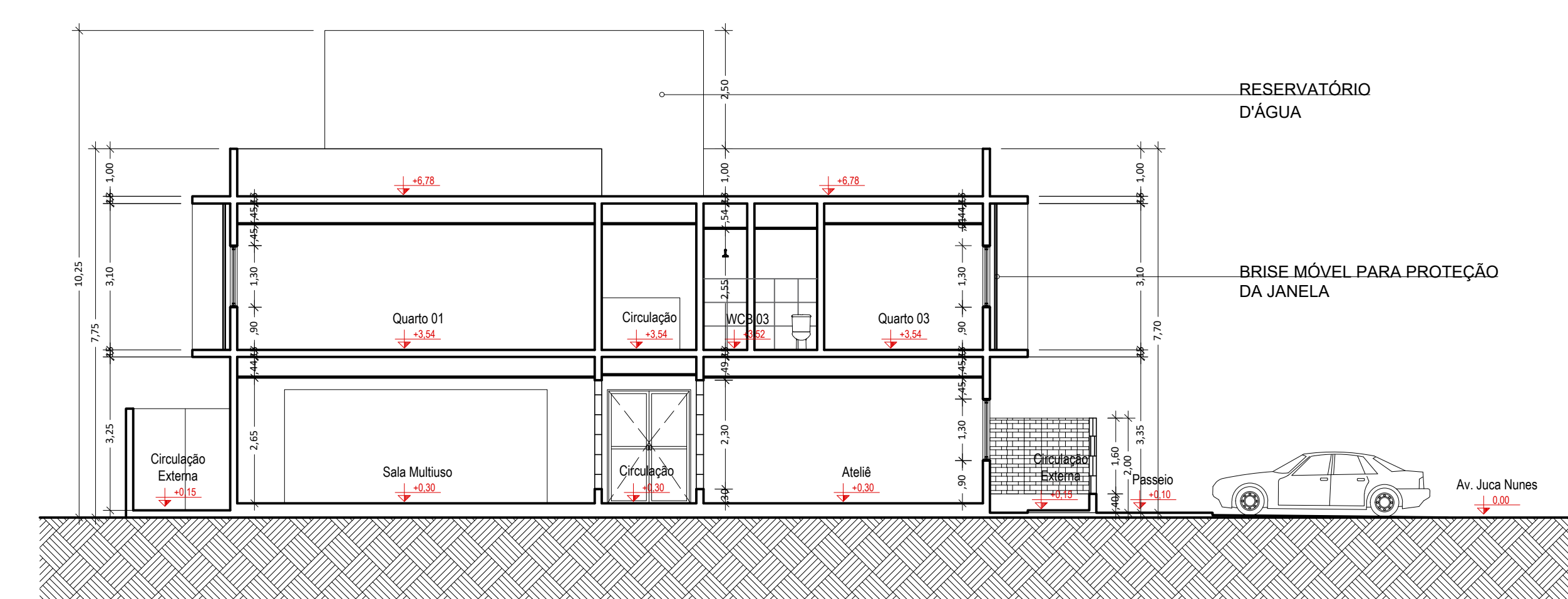
REVISÃO: ESCALA: INDICADA  
FRANCA: 03-06



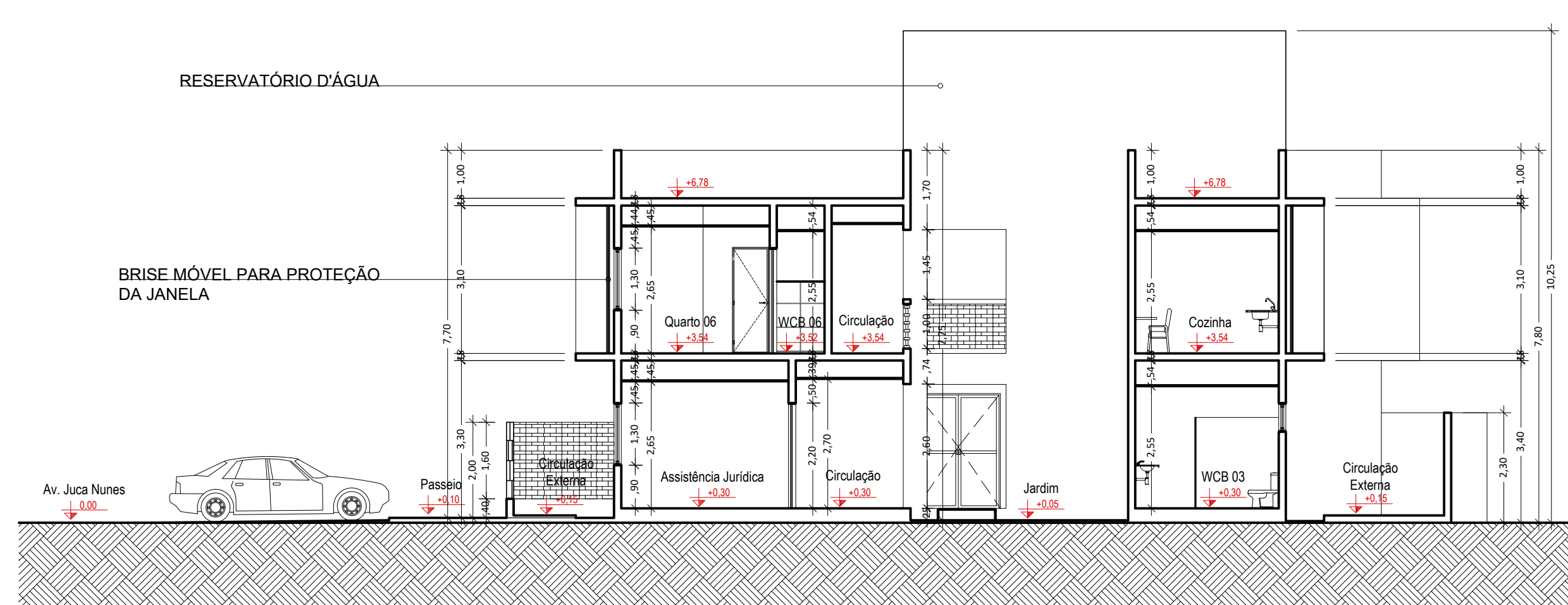
CORTE AA'  
ESCALA: 1/100



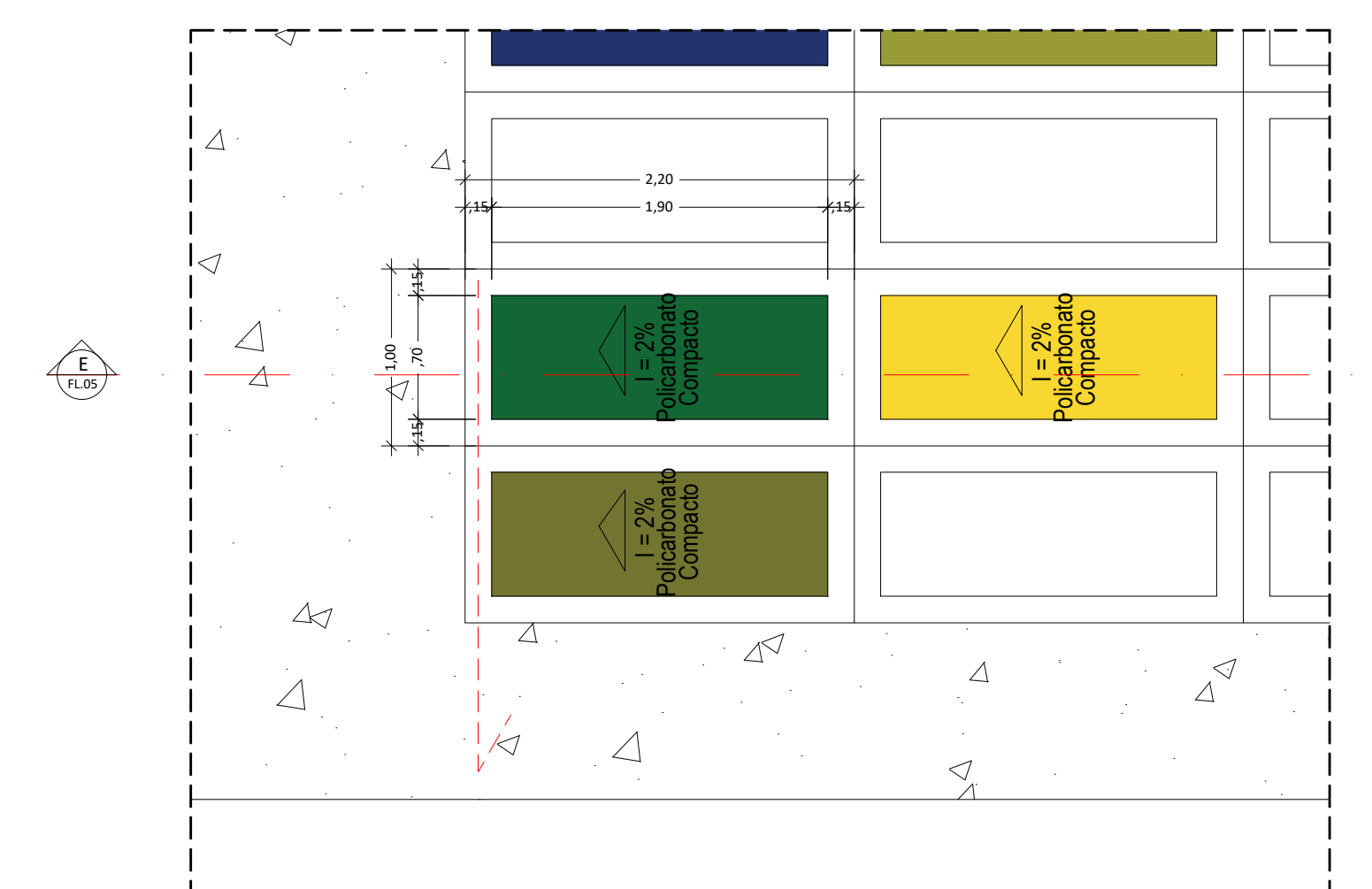
CORTE BB'  
ESCALA: 1/100



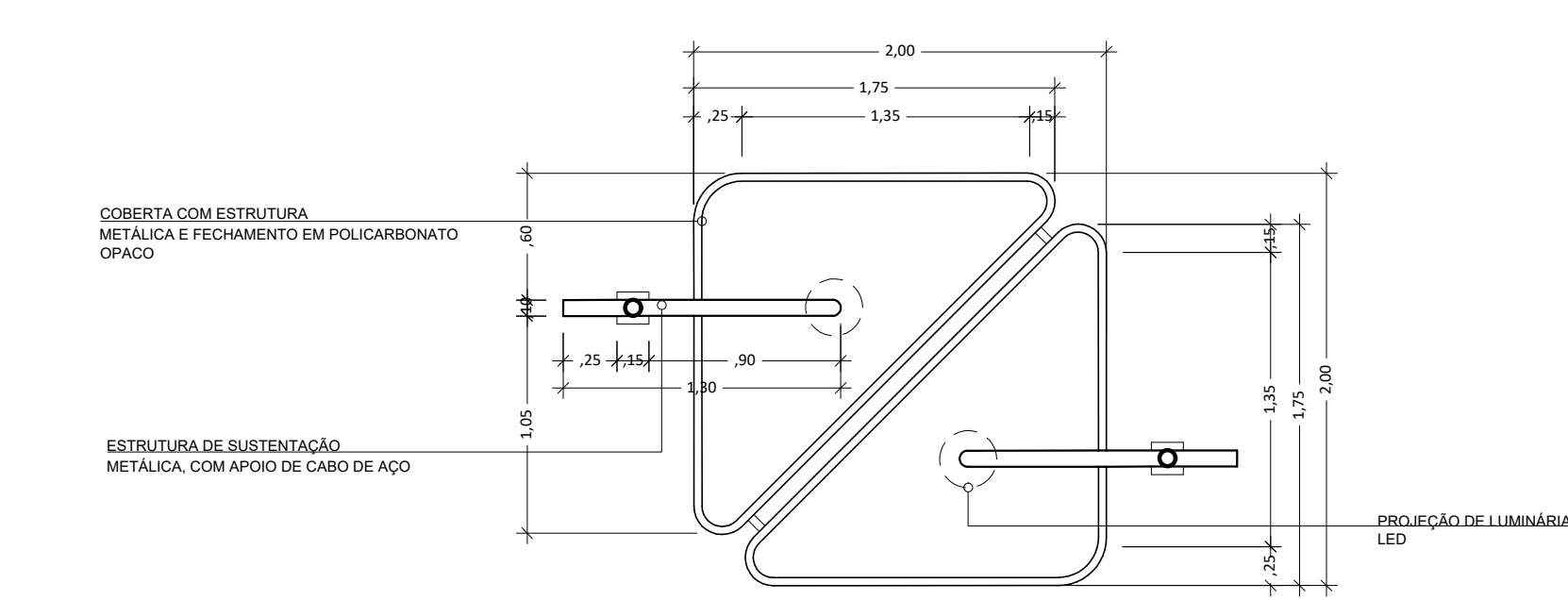
CORTE CC'  
ESCALA: 1/100



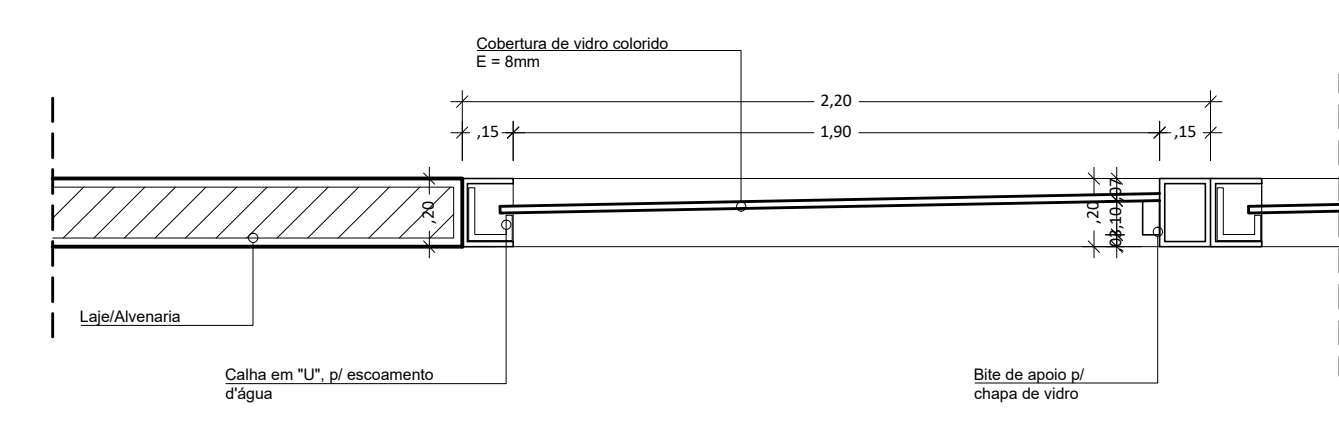
CORTE DD'  
ESCALA: 1/100



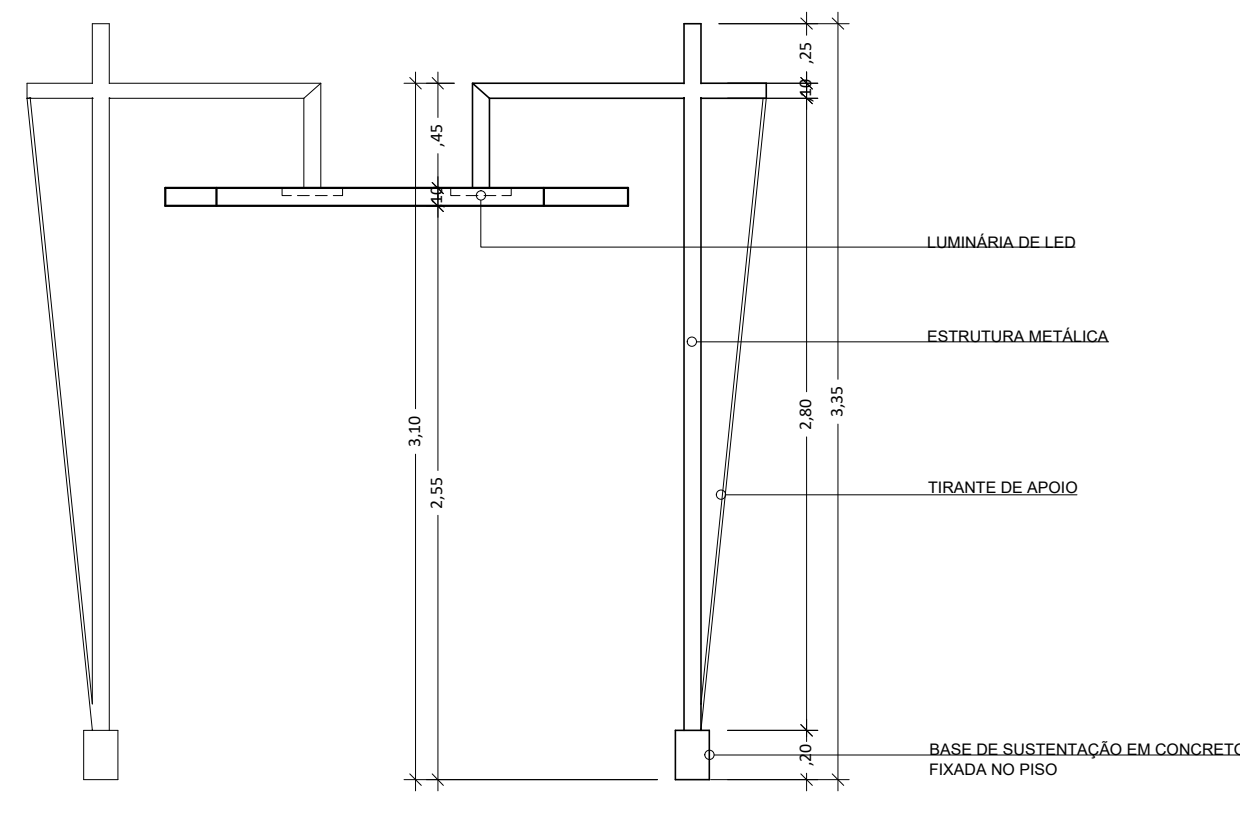
DETALHE 01 COBERTA DE VIDRO  
SEM ESCALA



DETALHE 02 - COBERTA ILUMINADA JARDIM  
SEM ESCALA



DETALHE 01 COBERTA DE VIDRO - CORTE EE'  
SEM ESCALA



DETALHE 02 - VISTA FRONTAL  
SEM ESCALA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

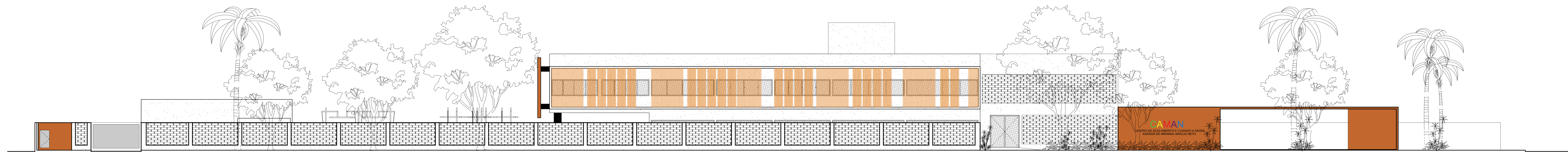
**CAMAN**  
CENTRO DE ACOLHIMENTO E SAÚDE  
AGENCIADOR DE MIRANDA ARAÚJO NETO

RUANIERY J. MONTEIRO  
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MANUELLA MARIANNA CARVALHO RODRIGUES DE ANDRADE

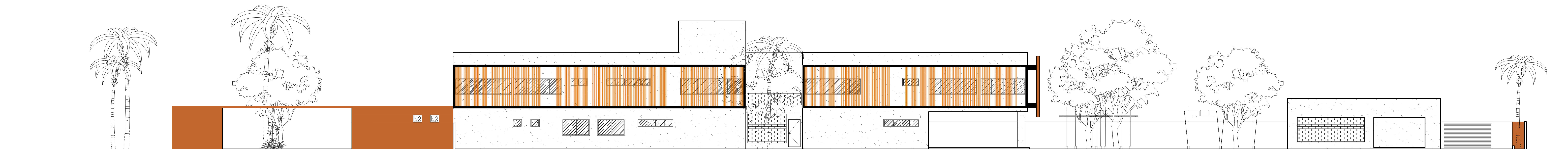
TÍTULO: ANTEPROJETO DE ARQUITETURA DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO E CUIDADO A SAÚDE  
ENDEREÇO: AVENIDA JUCA NUNES  
BARRIO: JARAGUÁ, MACÉIO - ALAGOAS  
CONTEÚDO: CORTES LONGITUDINAIS E TRANSVERSAIS E DETALHES CONSTRUTIVOS  
DATA: JANEIRO/2023

QUADRO DE ÁREAS:			
CONSTRUÇÃO	TERREO: 1.000,81 m <sup>2</sup> 1º PAVIMENTO: 608,20 m <sup>2</sup> TOTAL: 1.609,01 m <sup>2</sup>	COBERTA	1.990,61 m <sup>2</sup> TERRENO: 2.803,48 m <sup>2</sup>
TAXA DE OCUPAÇÃO	38,90%	COCFICIENTE DE APROVEITAMENTO	0,2
REVISÃO	Projeto: 01/01	ÁREA PERMITEVEL - TAXA PERMITEVEL	287,78 m <sup>2</sup> - 28,10%

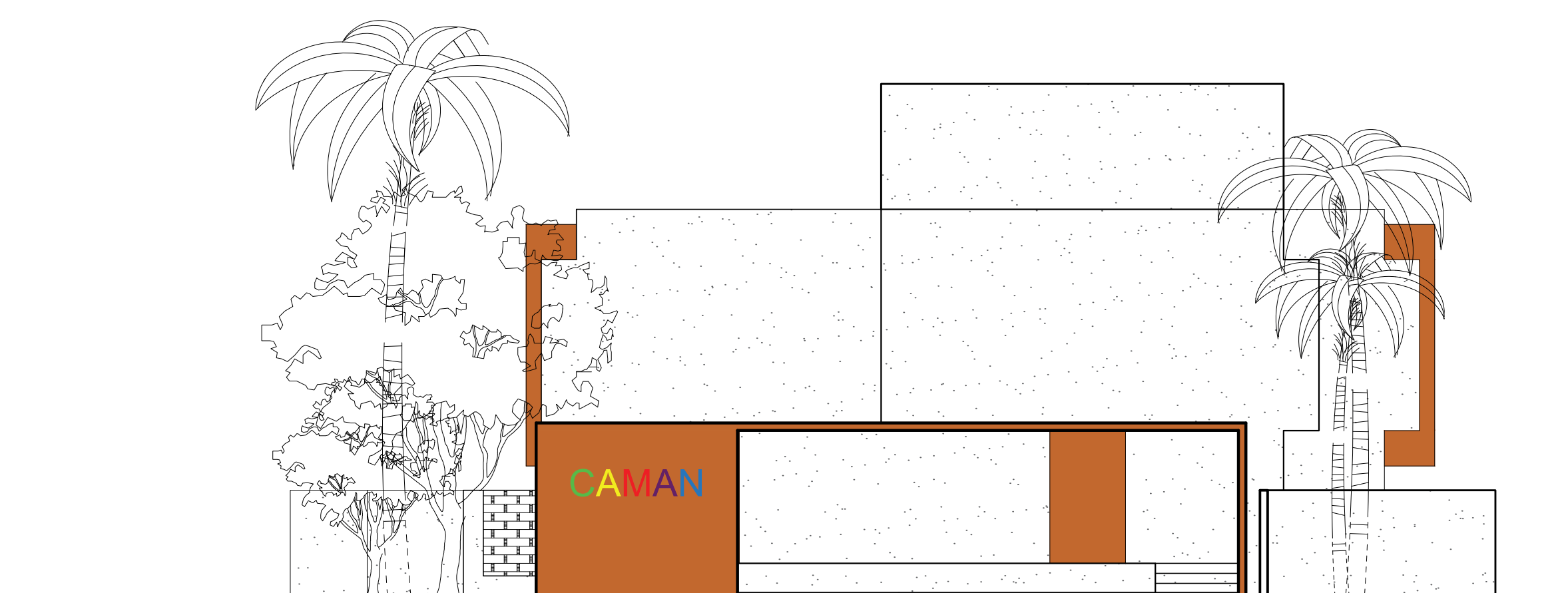
ESCALA: INDICADA  
FRANQUISA: **04-06**



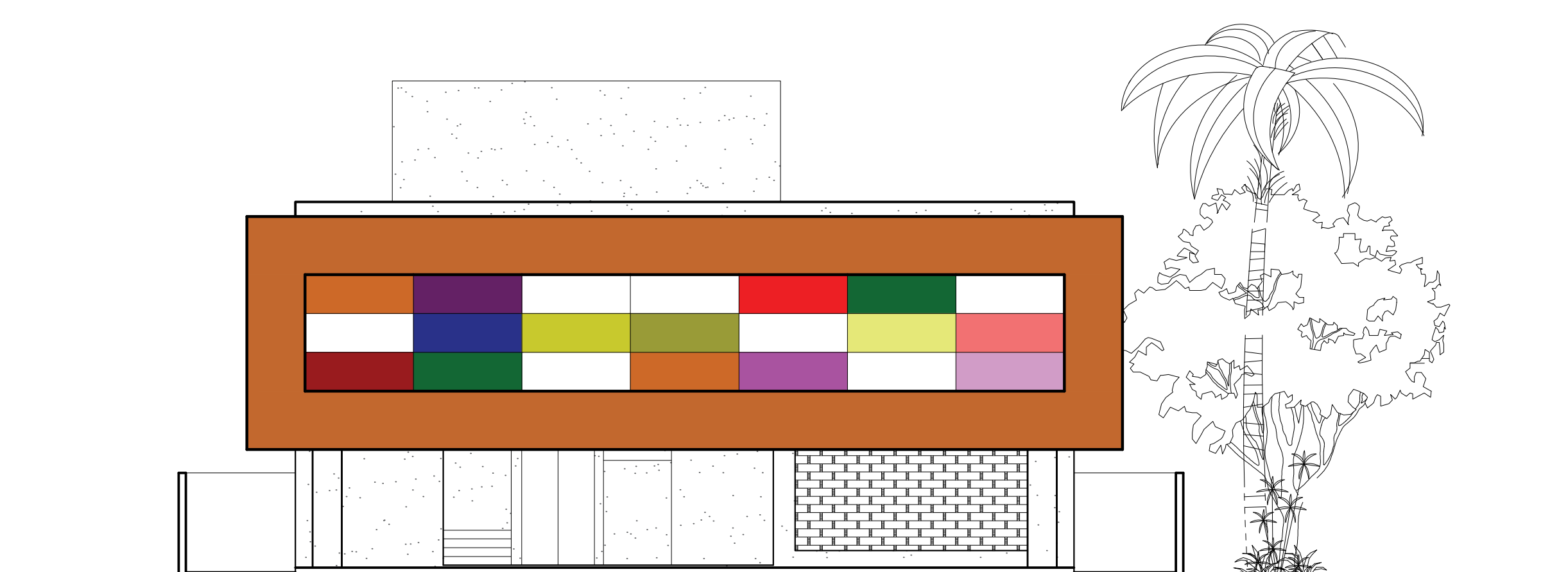
FACHADA SUL  
ESCALA: 1/100



FACHADA NORTE  
ESCALA: 1/100



FACHADA LESTE  
ESCALA: 1/100



FACHADA OESTE  
ESCALA: 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**CAMAN**  
CENTRO DE ACOLHIMENTO E SAÚDE  
AGENCIADOR DE MIRANDA ARAÚJO NETO

RUANIERY J. MONTEIRO  
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MANUELLA MARIANNA  
CARVALHO RODRIGUES DE ANDRADE

TÍTULO: ANTEPROJETO DE ARQUITETURA DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO E CUIDADO À SAÚDE  
ENDEREÇO: AVENIDA JUCA NUNES  
BARRIO: JARAGUÁ, MACÉIO - ALAGOAS  
CONTEÚDO: FACHADAS SUL, NORTE, LESTE E OESTE  
DATA: JANEIRO/2023

QUADRO DE ÁREAS:

CONSTRUÇÃO	TERREDO	COBERTA	TERRENO
1.000,01 m <sup>2</sup>	1.000,01 m <sup>2</sup>	1.000,01 m <sup>2</sup>	2.000,02 m <sup>2</sup>
1.000,01 m <sup>2</sup>	1.000,01 m <sup>2</sup>	1.000,01 m <sup>2</sup>	2.000,02 m <sup>2</sup>

TAXA DE OCUPAÇÃO	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	ÁREA PERMITEVEL - TAXA PERMITEVEL
30,00%	0,2	200,00 m <sup>2</sup> - 20,00%

REVISÃO: ESCALA: INDICADA

FRANQUIA: 05-06



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**CAMAN**  
CENTRO DE ACOLHIMENTO E SAÚDE  
AGENOR DE MIRANDA ARAÚJO NETO

RUANIERY J. MONTEIRO  
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MANUELLA MARIANNA  
CARVALHO RODRIGUES DE ANDRADE

TÍTULO:  
ANTEPROJETO DE ARQUITETURA DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO E CUIDADO A SAÚDE

ENDERGO:  
AVENIDA JUCA NUNES

BARRIO:  
JARAQUÁ, MACÉIO - ALAGOAS

CONTEÚDO:  
FACHADAS E PERSPECTIVAS

DATA:  
JANEIRO/2023

QUADRO DE ÁREAS:			
CONSTRUÇÃO	TERREO: 1.060,61 m <sup>2</sup> 1º PAVIMENTO: 608,20 m <sup>2</sup> TOTAL: 1.668,81 m <sup>2</sup>	COBERTA: TERRENO: 2.803,48 m <sup>2</sup>	1.060,61 m <sup>2</sup>
TAXA DE OCUPAÇÃO:	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO:	ÁREA PERMEÁVEL - TAXA PERMEÁVEL:	
PD 27%	Projeto: 0,61	RD 2	267,78 m <sup>2</sup> - 28,10%

REVISÃO:

ESCALA:  
INDICADA

FRANCA:

**06-06**